

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
MESTRADO EM LITERATURA

Morte e liberdade na guerra do outro:

Os negros em narrativas
sobre a Guerra do Paraguai

Vanessa Lehmkuhl Pedro

Orientação: Alai Garcia Diniz

CONSULTA LOCAL

Fevereiro de 2001

Florianópolis

MORTE E LIBERDADE NA GUERRA DO OUTRO: Os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai

Vanessa Lehmkuhl Pedro

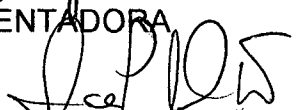
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.




Profa. Dra. Alai Garcia Diniz
ORIENTADORA



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

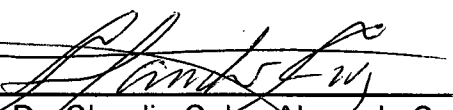
BANCA EXAMINADORA:




Profa. Dra. Alai Garcia Diniz
PRESIDENTE



Profa. Dra. Zila Bernd (UFRGS)



Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz (UFSC)



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt (UFSC)
SUPLENTE

Ponto de Ogum

*Pra enxugar os meus prantos
E as dores do cativoiro
Eu trouxe rezas e cantos
Dos santos bentos e bantos
Lá do meu terreiro
Dentro do meu alforje
O que me alforria e ilumina
É uma oração de São Jorge
Guerreiro lá da Costa da Mina*

*Meu Pai, me dá força, luz e coragem
Me faz à vossa imagem
Na luta contra os perigos
Me protegei das injustiças da lei
E das sanhas do rei
E dos meus inimigos*

*Que eu fique intocável
Que eu fique invisível
Insensível ao golpe fatal
Por vós que estou salvo
E sem vós eu sou alvo
Das flechas do mal*

Agradecimentos

Como é que eu vou falar de todo mundo que de alguma forma participou deste trabalho no espaço de apenas uma ou duas páginas? Os agradecimentos são o que eu tenho para registrar a lembrança de uma dezena de pessoas que foram extremamente importantes nesse “processo”, como diz uma delas, pelo qual eu passei no mestrado. Algumas dessas pessoas já fizeram parte de outros agradecimentos, outras eu menciono pela primeira vez, mas todas foram fundamentais pra que essas páginas fossem escritas. Se eu pudesse, escreveria o nome delas num grande círculo para eliminar qualquer tipo de hierarquia. Mas o importante é agradecer.

Então, vou começar pela minha orientadora, Alai Garcia Diniz, que é das pessoas mais generosas e fortes que conheço. Ela me deu liberdade e ao mesmo tempo apoio para realizar meu trabalho, o que inclui ouvir as minhas angústias e bancar um texto bastante coloquial e direto que pode agradar ou afastar o leitor.

Também quero lembrar das pessoas que cotidianamente constroem o Programa de Pós-graduação em Literatura: a atual coordenadora, Simone Schmidt – uma pesquisadora preocupada em garantir espaço ao trabalho acadêmico, os demais professores do curso de Pós-graduação, os colegas de mestrado e do doutorado e as secretárias, Elba e Mirtes, que garantem todo o suporte necessário e fazem isso com muito carinho.

Quero registrar que a bolsa de mestrado concedida pela CAPES foi fundamental para a realização deste trabalho. Durante o primeiro ano de curso, fiz as disciplinas enquanto trabalhava e apenas durante o segundo ano passei a contar com a bolsa da Capes, quando pude então me dedicar com mais empenho e concentração à

dissertação. Por isso e para garantir que outros pesquisadores possam ser formados na Universidade Federal de Santa Catarina, acredito que é importante lembrar que as bolsas de mestrado e de doutorado são cada vez mais raras, não sofrem reajuste de valor há seis anos e dificilmente são oferecidas aos alunos no início do curso.

Ainda não falei dos amigos de sempre e daqueles outros que conheci durante o curso. Sônia Maluf e Marina Moros merecem muito mais do que um parágrafo pra eu conseguir agradecer o que elas mais uma vez fizeram para me ajudar a realizar um trabalho. Há quatro anos, essas mesmas pessoas estavam me ajudando a concluir meu projeto de final de curso de graduação em jornalismo. Foram noites adentro trabalhando imagens ou corrigindo texto. Agora, aqui estão elas me empurrando de novo! As imagens que fazem parte desta dissertação foram trabalhadas por Marina Moros. E toda repórter precisa de uma ótima editora. Posso dizer que a Soninha foi a editora que eu precisava e, então, pude contar com a leitura de uma excelente jornalista que ainda acumulou na bagagem anos como professora de redação.

Mas no mestrado não se faz apenas dissertação. Entre outras coisas acabei por participar de performances poéticas. Então, aproveitei para agradecer aos meus amigos do grupo de performance Corpo de Letra, que entenderam até quando eu me afastei das reuniões do grupo para me afogar na dissertação. Agradeço a Clarissa Alcântara, que sabe da importância de prestar atenção em cada detalhe do “processo”.

O agradecimento especial vai, é claro, para os meus pais que apóiam sempre todas as minhas iniciativas e estão loucos para me ver de novo nos almoços de domingo, deixados de lado há algum tempo por causa da dissertação.

Sumário

Agradecimentos 02

Apresentação 06

Cap. 1: Uma história de silêncios 11

Discursos sobre a guerra 14

Os negros vão à guerra 16

Entre a literatura e a história 17

O espectro de Benjamin 26

A herança de vencedores e vencidos 29

Guerra como mônada 30

Sobre o conceito de história de Benjamin 33

Cap. 2: Diariamente 36

Taunay e Rebouças: os autores 44

A mesma guerra 47

Um olha para o céu, outro para a terra 54

Pestes e ferimentos 56

TAUNAY: falantes vozes veladas 59

Narciso no lago 59

Oficiais são diferentes de soldados 60

Voluntários do 17º batalhão 68

O comandante “moreno escuro” 74

REBOUÇAS: a crítica ácida aos comandantes 83

Uma revolta latente 87

O único caminho para a liberdade 89

Selvagem é sempre o outro 90

Cap. 3: Autores anônimos 94

Jornal *Democracia* 95

Em nome do pai 104

As mulheres na guerra 112

Cordéis anônimos 120

Conclusão 129

Bibliografia 131

Anexos 135

Apresentação

A principal preocupação deste trabalho é analisar de que forma os negros aparecem ou são excluídos de representações sobre a Guerra do Paraguai. Fazer essa reflexão implica em levar em conta algumas barreiras como a invisibilidade dos negros nas narrativas sobre o conflito, que acabam se tornando elas mesmas alvo de análise. Voltar o olhar para o silêncio dos textos a respeito dos negros é uma maneira de fazer falar esse silêncio. Através dos textos e dos autores analisados pretendo chegar aos excluídos, já fartamente buscados por outros autores contemporâneos, desta vez os negros.

Para realizar esta análise, foram selecionadas quatro narrativas diferentes sobre a Guerra do Paraguai que devem contribuir para esclarecer variadas posições sobre a presença dos negros no combate. Duas delas são o diário e o relato baseado em diário de dois combatentes que ocupavam postos de oficiais junto ao exército brasileiro durante a guerra. As duas outras narrativas são os artigos de um jornal do período e três narrativas de cordel, presumivelmente compostas na época ou logo após o conflito. Cada uma dessas narrativas traz algumas das milhares de vozes que participaram do evento e oferecem a idéia da existência de diversas experiências e sensações causadas pela guerra. Isso não significa que a análise destes quatro textos possa impor um único discurso sobre o conflito, mesmo que os autores, conhecidos ou anônimos, tenham vivido numa época em que se buscava um discurso único, nacional e hegemônico.

Alfredo Taunay é um dos autores estudados nesta pesquisa. Dos seus vários relatos sobre o conflito, o mais utilizado será *A retirada da Laguna*¹, uma obra baseada nas anotações que fez quando atuava como membro da comissão de engenheiros do exército brasileiro, publicada pela primeira vez em francês, em 1871. *A retirada da Laguna* dá uma versão do que deveria ser uma investida precisa e definitiva do exército brasileiro sobre o paraguaio pelo norte da região do conflito. A campanha durou dois anos, de 1866 a 1867. Taunay foi obrigado a contar a história de uma retirada que resultou na morte de boa parte dos três mil soldados que partiram para o Mato Grosso no início da campanha.

O outro autor analisado é o também engenheiro André Rebouças. Rebouças era negro e atuou junto à comissão de engenheiros no sul, participando do que se considerava o palco principal do conflito. Deixou um diário que relata dia por dia a sua experiência na guerra, desde as estratégias de atuação das tropas até o clima, a temperatura e os tipos de nuvens que via no céu. Este trabalho vai tratar de apenas um trecho de seu diário, que não foi publicado na primeira edição de todo o material do autor, realizada em 1938, porque não se sabia do paradeiro desse caderno. O fragmento que faltava do diário conta o cotidiano de Rebouças na guerra de março a junho de 1866 e foi publicado apenas em 1973².

Além do livro de Taunay e do diário de Rebouças, farão parte desta análise artigos publicados no jornal *Democracia*, editado em São Paulo, durante o ano de 1868. Os autores todos assinavam seus textos com pseudônimos e o semanário era assumidamente republicano e liberal. Na primeira página de uma de suas edições,

¹ Alfredo Taunay. *A retirada da Laguna*, São Paulo, Cia. das Letras, 1997 [1871].

² André Rebouças. *Diário – A Guerra do Paraguai (1866)*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.

estampa teses sobre as quais se dispõe a “discutir” como a liberdade de culto, de ensino, de imprensa e de comércio, a abolição da escravatura e o desenvolvimento comercial, agrícola, industrial e artístico. O fim da escravidão e a Guerra do Paraguai são temas constantes e bastante defendidos nas páginas do *Democracia*.

Ainda um quarto conjunto de textos será trazido à discussão sobre os negros na Guerra do Paraguai. Trata-se de cordéis anônimos, encontrados pela professora Alai Garcia Diniz durante sua pesquisa de doutorado, que reproduzem o diálogo entre dois negros, Pai Manoel e Pai José. As duas personagens dialogam utilizando uma espécie de “português crioulo”. Nos cordéis, editados na publicação *Conversação: cordel e cultura afro-brasileira*³, há diversas referências à guerra, aos fazendeiros brasileiros e ao imperador. Os quatro textos básicos analisados neste trabalho – *A retirada da Laguna*, de Taunay; o *Diário*, de Rebouças; o jornal *Democracia* e os cordéis – serão agrupados em duas partes. Na primeira delas serão discutidos os textos de Taunay e Rebouças, onde os sujeitos narrativos são públicos e a autoria é evidente. No momento seguinte serão analisados os textos em que a autoria é anônima, como é o caso dos cordéis e dos artigos de jornal.

O trabalho está dividido em três capítulos. A primeira parte trata mais detidamente do suporte teórico utilizado para contribuir na busca pelos negros nos discursos de Taunay, Rebouças, nos cordéis e nos textos do jornal *Democracia*. São chamados à discussão e servem de inspiração para as reflexões deste trabalho autores como Walter Benjamin, que nos anos trinta e quarenta chamava a atenção para a guerra como um instrumento que contribuía para aumentar a fileira de vencidos

³ O livro *Conversação: cordel e cultura afro-brasileira* foi organizado pelos professores Gilvan Müller de Oliveira e Alai Garcia Diniz, Florianópolis, Núcleo de Estudos Portugueses da Universidade Federal de Santa Catarina/CCE, em 1999.

construída ao longo da história. Benjamin traz a este trabalho como inspiração a sua preocupação em fazer do crítico, do pesquisador o responsável por tratar dos vencidos do passado para que esse tempo e essas pessoas não sejam esquecidas e vencidas mais uma vez. Seguindo esse projeto de falar dos protagonistas invisíveis da história, discuto ainda nesse primeiro capítulo temáticas que são caras à historiografia contemporânea, como a importância do detalhe e do indivíduo, o trabalho com as classes subalternas e os excluídos da história e a necessidade de se pensar a história sob outra perspectiva, a das “pessoas comuns”.

No segundo capítulo, são expostas as reflexões sobre o romance de Alfredo Taunay e o diário de André Rebouças. Nesses dois autores busco os negros, mesmo que eles não apareçam de maneira explícita: a busca é feita sobretudo nas entrelinhas e no não dito. Taunay não fala de negros no seu texto mas deixa que eles apareçam de alguma maneira como no momento em que comenta a dificuldade encontrada pelos oficiais em caminhar descalços durante a retirada enquanto os “soldados” não sentiam tanto porque já estavam acostumados a andar de pé no chão. Rebouças também não trata especificamente dos negros. Aparece apenas a revolta de um dos poucos oficiais negros com seus chefes, na maior parte brancos. Sem buscar uma explicação psicológica para as críticas ácidas de Rebouças a seus chefes, acredito que esta questão seja importante por trazer à tona no discurso o tom de um conflito racial.

O terceiro capítulo foi dedicado à análise de artigos e sonetos do jornal *Democracia*, do mês de junho de 1868, e dos cordéis anônimos que retratam conversas entre dois negros, Pai Manoel e Pai José. São textos que deixam dúvida com relação a sua autoria. O jornal por ter seus textos assinados com pseudônimos e os cordéis por não ter assinatura de um autor individual.

Em todos os textos, a questão é a busca pelo que se fala a respeito dos negros e por aquilo que se deixa de falar.

Capítulo 1

Uma história de silêncios

“O Brasil supporta, elle somente, todo o peso da luta, e por isso tem sido forçado a recorrer a meios extraordinários, armando escravos e presos da justiça; até o imperador já renunciou parte de sua própria lista civil.”⁴ Arranque esse bilhete da porta e guarde-o no bolso. Essas palavras serão importantes para acompanhar a trajetória deste trabalho que pretende apenas soprar a poeira de alguns cantos da Guerra do Paraguai e de algumas representações feitas sobre os negros que participaram do conflito. O trecho citado é parte de uma matéria do jornal francês *Le Monde* de algum momento da guerra, publicado no periódico paulista *Democracia*, no dia 20 de junho de 1868.

Brasil, Argentina e Uruguai lutaram durante quase seis anos contra o vizinho Paraguai num dos eventos mais importantes ocorridos na América do Sul no século passado. Com exceção da Guerra da Criméia, foi a mais prolongada guerra entre Estados ocorrida em todo o mundo entre 1815 e 1914⁵. O Brasil, como o país de maior extensão territorial e maior influência política entre os participantes do conflito, teve um papel decisivo na declaração e no desenvolvimento da Guerra do Paraguai (1864-1870), para onde enviou milhares de soldados de diversos lugares do país, sobretudo do Rio Grande do Sul, da Bahia e do Rio de Janeiro. A maior parte deles

⁴ Foi mantida a grafia original do texto conforme ele foi publicado no jornal republicano e liberal *Democracia*, São Paulo, de 20 de junho de 1868, que faz parte do acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, RS.

⁵ Leslie Bethell. “A Guerra do Paraguai: história e historiografia”, 1995 – p. 12.

não estava devidamente preparada e treinada para atuar como combatente, em regiões muitas vezes desconhecidas até para os estrategistas brasileiros.

A guerra deixou, é claro, milhares de mortos e alguns condecorados. Os paraguaios foram os massacrados na Guerra da Triplice Aliança. O pesquisador americano Thomas Whigham e a alemã Barbara Potthast, em recente pesquisa publicada sobre o assunto indicaram que 70% da população do Paraguai foi dizimada durante a guerra.⁶ Outros historiadores, como o inglês Leslie Bethell⁷, afirmam que o Paraguai, país oficialmente derrotado no conflito, perdeu cerca de 40% do seu território para o Brasil e a Argentina e 15% a 20% da população masculina.⁸

O exército brasileiro contou com a presença de muitos negros que, mesmo participando do conflito do lado dos vencedores, podem ser considerados vítimas da guerra. Em muitos casos tiveram que escolher entre continuar cativos ou arriscar a vida na guerra em troca da promessa de uma carta de alforria. Os que conseguiram retornar com vida ganhavam apenas a libertação e nenhuma estrutura para recomeçar a vida. Muitos ex-combatentes negros encheram os cortiços da cidade do Rio de Janeiro, como foi o caso de Dom Obá II D'África.⁹ Mesmo tendo ido para a guerra movido por seu patriotismo e não para ganhar a alforria e sendo um defensor da Monarquia, Obá foi viver em um cortiço depois de retornar do conflito. O historiador Eric Hobsbawm também acredita que “o mundo dos últimos 25 anos do século 19 foi

⁶ Cf. Ricardo Bonalume Neto, 2000. Os pesquisadores descobriram documentos inéditos de um censo populacional realizado no Paraguai em 1870, desaparecido desde então, e chegaram a conclusão de que o país tinha entre 420 mil e 450 mil habitantes em 1864, ano de início da guerra.

⁷ Leslie Bethell. *A Guerra do Paraguai. 130 anos depois*, 1995.

⁸ O percentual de mortes pode variar em outros autores, dependendo do número de habitantes que cada pesquisador estime que tenha havido em 1864.

⁹ Eduardo Silva. *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, 1997.

um mundo de vitoriosos e vítimas”.¹⁰ Mas que seu drama consistiu nas dificuldades das vítimas, os milhões de pobres imigrantes e os povos de fora do capitalismo. Segundo Hobsbawm, o progresso poderia ser uma metáfora para alguns, mas era uma dura realidade para outros que se encontravam como vítimas dele.

Mas as conseqüências não foram sentidas apenas no número de mortos e nas mudanças na extensão territorial dos países. Com a Guerra do Paraguai, o Brasil formou seu exército nacional, que até então não constituía uma unidade militar que atuasse na defesa do país como um todo. Mais do que a formação do exército brasileiro, a guerra deu a essa unidade militar nacional força política para influenciar e até definir os rumos do país. A República foi proclamada dezenove anos após o fim do conflito no Paraguai através de um golpe militar, levando um marechal a ocupar na história o lugar de primeiro presidente brasileiro.

O Brasil viveu, durante a guerra e com a guerra, um momento de exacerbação do nacionalismo, depositando no conflito a defesa da soberania nacional e apresentando a guerra como sendo a luta da “civilização”, representada pelos países formadores da Tríplice Aliança, contra a “barbárie”, o Paraguai. Em diversos textos produzidos por membros do exército brasileiro durante o conflito, como os de Taunay e Rebouças, os inimigos são descritos como selvagens, primitivos. Para reforçar essa idéia, muitas vezes os paraguaios aparecem ligados à natureza, que deveria ser dominada e que não tinha razão.

¹⁰ Eric Hobsbawm. *A era do capital*, 1997.

Discursos sobre a guerra

Muitos desses conceitos, os fatos que marcaram a Guerra do Paraguai, o contexto onde ela estava inserida e a sua repercussão na história do Brasil e dos demais países envolvidos na disputa deram origem a toda uma série de narrativas literárias, jornalísticas e também documentais. A literatura assim como os registros documentais são fontes inesgotáveis de informação sobre esse período, sobre o panorama da época, os valores, as influências e os papéis assumidos nessa guerra. Ao mesmo tempo em que os autores desses diferentes registros construíram suas narrativas com base em um conjunto de valores sedimentados em suas respectivas épocas, seus relatos contribuíram para a construção de diferentes leituras desse fato histórico. Se, por um lado, é possível afirmar que todo esse conjunto de registros de uma época é fruto de uma construção histórica, por outro, as crônicas, os artigos e mesmo as charges e ilustrações publicadas nos jornais da época certamente ajudaram a formar visões a respeito da guerra.

A literatura assim expressa as contradições, as regras e os mecanismos sociais de sua época e das anteriores. Ela é construída historicamente, muitas vezes sem que o próprio autor domine todo o processo. Da mesma forma que essa literatura (e também a imprensa) contribuiu para a construção histórica do seu tempo. Antônio Cândido também faz uma reflexão sobre a relação entre literatura e história. Apesar de o autor afirmar que existe uma independência, uma liberdade da literatura que faz com que “a explicação dos seus produtos” seja encontrada “neles mesmos”, também defende que a literatura não é isolada da vida social.¹¹

¹¹ Antonio Cândido. “Literatura de dois gumes”, 1987 – p. 163.

O historiador Leslie Bethell¹² cita vários artistas e escritores que registraram os acontecimentos da guerra em suas obras. A maioria deles teve participação ou testemunhou o conflito. Além dos autores citados inicialmente e que serão analisados mais atentamente, durante a guerra também surgiram figuras como o pintor argentino, Cândido López, que perdeu o braço direito na batalha de Curupaiti, aprendeu a pintar com a mão esquerda e passou os 20 anos seguintes pintando as batalhas que testemunhou. Outros retrataram a guerra através de caricaturas, como o caricaturista Ângelo Agostini, que publicou sátiras e episódios de campanha no semanário *Vida Fluminense*, a partir de 1868. Bethell também cita o general brasileiro Dionísio Cerqueira, que escreveu *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. A guerra também foi registrada por combatentes e observadores estrangeiros como o coronel George Thompson, que escreveu *The War in Paraguay*, em 1869. Thompson era um antigo oficial do exército britânico, especialista em fortificações e trincheiras, que participou da Guerra do Paraguai como um dos principais comandantes de Solano López, até ser capturado pelos aliados, em 1868. Bethell lista mais alguns outros autores estrangeiros que, de alguma forma, testemunharam o conflito. George Frederick Masterman era um jovem militar britânico que dirigiu os serviços farmacêuticos do exército paraguaio até ser preso por conspirar contra López, em 1868. Um ano mais tarde, publicou o livro *Seven Years in Paraguay*. Richard Burton escreveu *Letters from the battlefields of Paraguay* em 1870, com base na sua experiência como cônsul da Inglaterra em Santos, na época da guerra, e depois de visitar a zona de combate em 1868 e 1869. A Guerra do Paraguai também foi registrada, em 1871, pelo americano Charles Ames Washburn, ministro dos Estados

¹² Leslie Bethell. "Introdução" in *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, 1995 – p. 23.

Unidos em Assunção, até ser expulso, em 1868. Ele escreveu um livro de dois volumes chamado *History of Paraguay*.

Os negros vão à guerra

Durante a guerra, O Brasil segue um conceito de “civilização” que esbarrava na realidade de uma sociedade escravocrata. Após a emancipação dos escravos ocorrida nos Estados Unidos, em 1863, durante a Guerra Civil Americana, o Brasil era o único país em todo o hemisfério ocidental (além de Cuba) a ter uma sociedade e uma economia baseadas no trabalho escravo¹³. Nesse exército de vencedores que vem a ser o brasileiro, é possível encontrar os negros em condições bastante desfavoráveis. Taunay descreve como eram organizadas as tropas para os desfiles oficiais. Os batalhões mais importantes vinham primeiro. Então, os caçadores iniciavam o desfile, sendo seguidos pelo 21º batalhão de linha, pelo 20º batalhão e por uma bateria igual a primeira. Por último vinha o batalhão dos voluntários da pátria, seguido das bagagens, do pessoal do comércio e das mulheres.

O batalhão de voluntários era composto por muitos negros, que chegaram aos campos de batalha de diversas formas. Uma delas foi o decreto n.º 2.725, de 6 de novembro de 1865, que libertava os escravos que quisessem participar da guerra.¹⁴ Muitos negros encararam o conflito com o Paraguai como a única oportunidade de conseguir a liberdade. Outros foram levados à força para o conflito. Muitos eram obrigados a ir à guerra por serem considerados turbulentos, como alguns mestres de capoeira de Salvador. O pesquisador Eduardo Silva cita o caso de um soldado baiano,

¹³ *Idem* – p. 17.

recrutado no momento em que a Bahia protestava contra o governo com slogans como “carne sem osso, farinha sem caroço e toucinho do grosso”.¹⁵

Muitos escravos também foram substituir seus senhores, que haviam sido convocados para a guerra. Outros senhores até ofereciam seus escravos em jornais da época para que tomassem o lugar de brancos. Segundo Eduardo Silva, às vezes, esses artigos eram publicados em comum acordo entre o escravo e o senhor. É claro que o escravo não tinha outra saída, já que na época essa era a única maneira para conseguir a liberdade. Então, o dono ficava com o dinheiro da venda e o escravo ganharia a carta de alforria caso voltasse vivo do campo de batalha. Um anúncio desse tipo foi publicado no jornal *Diário da Bahia*, em 14 de outubro de 1865, e anunciava: “Atenção. Quem precisa de uma pessoa para marchar para o sul em seu lugar, e quiser libertar um escravo robusto, de vinte anos, que deseja incorporar-se ao exército, declare por este jornal seu nome e morada onde possa ser procurado, e por preço cômodo achará quem lhe substitua nos contingentes destinados à guerra”.¹⁶ Outros negros que já eram libertos foram à guerra para servir ao Brasil como é o caso do próprio Rebouças, que foi prestar seus serviços de engenheiro no sul.

Entre a literatura e a história

A literatura e a história são permeáveis uma pela outra. Como coloca Jacques Leenhardt, retomando toda uma discussão bastante cara à historiografia contemporânea, um acontecimento é sempre uma reconstituição. Sempre chegamos

¹⁴ Eduardo Silva. “O príncipe Obá, um Voluntário da Pátria”, 1995.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ *Idem* – p.71.

até ele através de uma representação.¹⁷ A história e a literatura aparecem como “leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”¹⁸. “Os fatos históricos resgatáveis por documentos e imagens chegam à nossa contemporaneidade como representação de algo que já foi.”¹⁹ Por isso, este trabalho não pretende “provar” nada sobre a participação dos negros no conflito. Fica apenas o desejo de disparar um “flash”²⁰ sobre o passado ou fazer com que ele se manifeste por um momento tão fugaz e rápido quanto uma piscadela. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”²¹ Este trabalho é também escrito sob a angústia da falta de textos produzidos pelos negros que refletissem a respeito da situação deles na guerra. A maior parte dos relatos disponíveis vem de oficiais que participaram da guerra, posto negado à maioria dos negros que estiveram no conflito. Além disso, uma questão é encontrar textos escritos por autores negros e outra ainda é encontrar, nesses textos, a referência à própria situação e àquela vivida por outros negros.

Embora a questão racial fosse bastante discutida no Brasil no final do século 19 e desse debate dependesse o projeto de nação que estava sendo construído, justamente a saída para esse país em construção, de acordo com as teorias raciais, estaria em buscar um “branqueamento” da cultura e da própria população. Lília

¹⁷ Jacques Leenhardt proferiu palestra na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no dia 16 de outubro de 2000.

¹⁸ Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt. “Apresentação” in *Discurso histórico e narrativa literária*, 1998 – p. 10.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Esta expressão é utilizada por Walter Benjamin, que afirmava que não é possível chegar ao passado ou reconstituí-lo tal qual ele aconteceu, em suas teses de “Sobre o conceito da história”, 1985 [1940].

²¹ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 224.

Moritz Schwarcz afirma que o cruzamento de raças era visto como central para a compreensão dos destinos da nação.²² “O país era descrito como uma nação composta por raças miscigenadas, mas em transição”²³. A aposta dos cientistas da época é de que um dia o Brasil seria branco. Considerando o crescente interesse no Brasil por um “modelo racial de análise”²⁴, é possível perceber que a invisibilidade dos negros nos textos sobre a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) não se dá apenas em função do pequeno número de autores negros que escreveram sobre o conflito, mas também pela força das teorias raciais e do projeto de “branqueamento”, dos quais a literatura não poderia deixar de receber as suas marcas. Esse “branqueamento” se construiu não apenas pela falta de acesso dos negros a determinados lugares sociais mas também através do silêncio a respeito dos negros e dos mestiços e de uma afirmação da fala dos brancos e a respeito deles.

De qualquer modo, a leitura do diário de guerra de um oficial do exército brasileiro da Guerra do Paraguai mostrará especialmente como seu autor percebe aquele período ou aquele acontecimento ou como gostaria que tudo acontecesse. O então Marquês de Caxias, por exemplo, em diversos momentos escreve cartas aos seus superiores na corte dizendo como seria para ele o exército ideal. Caxias não queria a presença dos negros, embora não pudesse dispensá-los naquele momento. O caminho para refletir sobre o que era dito sobre os negros e a guerra é admitir a precariedade da busca, sobretudo quando se constata que os documentos disponíveis sobre a guerra trazem muito pouco a respeito dos negros, ouvir o silêncio e juntar os cacos.

²² Lilia Moritz Schwarcz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*, 2000 [1993] – p. 14.

²³ *Idem* – p. 12.

A historiadora Sandra Pesavento aponta para os cacos como a saída possível e defende que o pesquisador fale por quem não teve acesso à palavra.²⁵ Nesse sentido, este trabalho é acompanhado também pela sombra do filósofo Walter Benjamin. Para Benjamin, o importante também é a busca desses cacos²⁶ e da ruína, daquilo que é visto como “menor”. Essa ruína é justamente o que pode falar pelos que não tiveram voz e o que pode lançar um olhar sobre uma estrutura mais ampla. Benjamin via o pequeno, a ruína, como mônada. “Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhe comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada.”²⁷ Estudar as falas sobre os negros nessa guerra já é escolher uma espécie de caco dessa história, que numa visão geral trata da guerra entre quatro nações que lutavam para demarcar suas fronteiras e se afirmar como estados nacionais. Olhar para essa parte da história pode dar alguns esclarecimentos sobre os caminhos tomados pela sociedade brasileira nos 130 anos que nos separam do final da guerra.

Sem pretender contar a história da participação dos negros na guerra ou elaborar um tratado sobre as representações dos negros, o caminho passa a ser a valorização das narrativas. A retomada da narrativa, especialmente com um olhar sobre as histórias das pessoas comuns²⁸, é protagonizada por pesquisadores de

²⁴ *Idem* – p. 13.

²⁵ Sandra Pesavento, 2000. Essas reflexões foram apresentadas pela historiadora em palestra realizada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no dia 16 de outubro de 2000.

²⁶ A utilização do termo “caco” aparece neste trabalho quase como um alerta de que nenhum objeto analisado vai mostrar um discurso total sobre os negros na guerra.

²⁷ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 231.

²⁸ O conceito “pessoas comuns” foi cunhado pelo historiador Eric Hobsbawm no texto “History from below – some reflections” in *History from below*, 1988 *apud* Jim Sharpe, “A história vista de baixo” in Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*, 1992 – p. 45. É importante destacar que, para Hobsbawm, “a história das pessoas comuns como um campo especial de estudo tem início com a história dos movimentos de massa do século dezoito... Para o marxista, ou mais comumente o

diversas áreas desde sociólogos, antropólogos, filósofos, historiadores e teóricos da literatura. Peter Burke integra a chamada nova história, uma corrente que surgiu, segundo ele próprio afirma, a partir da percepção da crise da historiografia tradicional. O historiador analisa porém que, ao contrário do que se divulga, a chamada nova história não é tão nova assim, na medida em que aparece associada a *École des Annales*, que por sua vez tem dívida com outros pesquisadores e movimentos de tempos anteriores. Para Burke, a diferença é que agora os pesquisadores que seguem essa linha de pensamento estão cada vez em maior número e se recusam a ser marginalizados.²⁹ Para os pesquisadores da nova história, os registros oficiais não são suficientes para explicar o passado, surgindo assim o interesse por outros tipos de registro da história e da memória como os registros pessoais, as cartas, os diários, os jornais e as narrativas orais. Aparece na base desse pensamento a idéia de que “a realidade é social ou culturalmente constituída”³⁰, a noção de construção cultural. Com isso, a idéia de relativismo cultural, que aparece implícito e é tão caro à antropologia, se liga a um conceito de cultura diferente do tradicional. A cultura deixa de ser aquilo que se percebe em termos de produção de arte, literatura, música, para chegar a uma definição mais antropológica do campo.³¹ Para Clifford Geertz, a cultura é uma teia de significados e um conjunto de códigos simbólicos compartilhados na vida social.³²

socialista, o interesse na história das pessoas comuns desenvolveu-se com o crescimento do movimento trabalhista” *apud* Jim Sharpe, *idem*.

²⁹ Peter Burke. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, 1992 – p. 19.

³⁰ *Idem* – p. 11.

³¹ *Idem* – p. 9.

³² Clifford Geertz. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, 1989.

Burke propõe um novo modelo para a retomada das narrativas, o interesse pelas narrativas “polifônicas”. Isso quer dizer que “diversas pessoas envolvidas nos mesmos processos contam a história desses eventos ou processos de diversos pontos de vista.”³³ Burke analisa que há um deslocamento do ideal da “Voz da História” para o que Bakhtin chama de “vozes variadas e opostas”.³⁴ Mas esse enfrentamento de vozes não deve servir para o pesquisador escolher quem fala “a verdade” ou qual a história “correta”. Não se trata de ser juiz, “mas usar as histórias para reconstruir as atitudes e valores dos narradores, empregando um conflito de narrativas para compor uma narrativa de conflitos.”³⁵ Para tratar dos negros na Guerra do Paraguai, também é preciso confrontar vozes que relataram a guerra, sem no entanto buscar o discurso mais “correto” ou mais apropriado à realidade da participação dos negros. A questão está em analisar sobre o que tratam os autores das narrativas, de que lugar falam e como abordam a presença dos negros na guerra.

A nova história reafirma o interesse pelas pessoas comuns, ou numa expressão adotada por Burke, pela “história vista de baixo”, e privilegia o estudo das narrativas³⁶. Mas nem sempre essas narrativas foram escritas por “pessoas comuns”, o que remete à necessidade de um outro olhar sobre relatos oficiais, documentos e narrativas já consagradas. Estudar os textos auto-referenciais de Taunay e Rebouças, por exemplo, não significa analisar textos de autoria de “pessoas comuns”. Ambos os autores já assumem um papel privilegiado no contexto social da época, chegam à

³³ Peter Burke. “Desafios de uma história polifônica”, 2000 – p. 18.

³⁴ Peter Burke, 1992.

³⁵ Peter Burke. “Desafios de uma história polifônica”, 2000 – p. 18.

³⁶ Peter Burke chama atenção para o fato de que há quarenta anos, os marxistas desprezavam as narrativas porque o discurso oficial privilegiava apenas as histórias como eram contadas pelos líderes políticos e militares. Contemporaneamente é possível perceber um novo olhar sobre as pessoas através de uma retomada das narrativas. Peter Burke, “Desafios de uma história polifônica”, 2000 – p. 18.

guerra como oficiais do exército e são aspirantes à intelectuais naquele período. Também os demais textos a serem analisados neste trabalho, os artigos de jornais e os cordéis, não necessariamente foram escritos por pessoas comuns, apesar de sua autoria não ser evidente. O objetivo deste trabalho é justamente o de reconhecer esse conjunto variado de textos como fontes onde seja possível fazer falar essas “pessoas comuns”, os negros, escravos ou libertos, que lutaram na Guerra do Paraguai.

Em uma pesquisa sobre os prisioneiros das penitenciárias francesas no século 19³⁷, a historiadora francesa Michelle Perrot destaca que a principal dificuldade do trabalho foi encontrar a fala dessas pessoas. Pesquisar em textos escritos pelos próprios presos era muito difícil porque, assim como os escravos brasileiros, o índice de analfabetismo dos prisioneiros era sempre maior do que o da população em geral. Além disso, Perrot lista outros dois motivos para a escassez de textos: a “recusa a palavra” por parte da instituição penitenciária, que escondia o escrito quando ele existia ou o destruía; e a vergonha social, que estigmatizava os prisioneiros e recalava o seu testemunho. “Num mundo hostil, somente os grandes revoltados, ou os grandes condenados, ousam falar. Os outros, a massa dos reclusos, enterram-se no silêncio: quando libertados, só têm uma obsessão: fazer esquecer o passado, para serem ‘aceitos’”³⁸. A saída encontrada por Perrot foi de buscar nos textos oficiais das prisões o que se falava da população de excluídos sobre os quais a autora queria tratar. Na fala da instituição e de seus mentores aparecem, dependendo de quem procura, os

³⁷ Michelle Perrot. “Delinquência e sistema penitenciário na França no século 19” in *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*, 1988 [1975]

³⁸ *Idem* – pp. 238 e 239.

presos franceses do século 19. “Esses prisioneiros, desaparecidos da história, têm de ser reastreados no que se diz deles.”³⁹

Perrot utiliza o mesmo método de pesquisa para estudar o que os operários do final do século 19 pensavam de seus patrões. A historiadora chegou a muitas representações diferentes que foram se alterando com o passar do tempo e recebendo influência dos acontecimentos históricos. Os patrões eram vistos como pais, depois como inimigos, foram senhores barrigudos ou ainda vampiros e todo tipo de besta. Mas a pesquisadora foi procurar essas representações em discursos curtos, dispersos, muitas vezes reduzidos a frases ou palavras, um verdadeiro vocabulário de insultos que qualificava os patrões mais do que os descrevia. “Toda ação se inscreve num modo de representação; não existe consciência de classe sem visão de mundo ou cultura sem elaboração de uma simbologia”⁴⁰.

Carlo Ginzburg, em seu livro *O queijo e os vermes*, reconstrói a vida do moleiro Menocchio e coloca em questão a relevância de se estudar um único indivíduo em relação ao seu nível social⁴¹. O autor encontra pelo menos uma boa razão que justifica a investida: “Não é objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de ‘indivíduo’”⁴². Partindo desse objetivo, Ginzburg refaz a história de Domenico Scandella, conhecido em sua época como Menocchio, que foi processado e executado pela Inquisição no século 16. “Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram suas leituras e

³⁹ Michelle Perrot. “Delinquência e sistema penitenciário na França no século 19” in *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*, 1988 [1975] – p. 239.

⁴⁰ Michelle Perrot. “O olhar do outro: os patrões franceses vistos pelos operários (1880 – 1914) in *Os excluídos da história*, 1988 [1980].

⁴¹ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*, 1987 – p. 26.

⁴² *Idem.*

discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos.”⁴³

Mas o autor não chega a Menocchio com facilidade. As dificuldades, para Ginzburg, se resumem a duas principais. A primeira delas é o fato das fontes históricas serem em sua maioria escritas. “A cultura das classes subalternas⁴⁴ é predominantemente oral”⁴⁵. A outra dificuldade é que os textos analisados são de autoria de indivíduos mais ou menos ligados às classes dominantes⁴⁶. “Isso significa que os pensamentos, crenças, esperanças dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam.”⁴⁷ Mas é através dos arquivos da Inquisição, dos depoimentos do moleiro e de seus conhecidos ao Santo Ofício que Ginzburg dá forma à sua idéia de quem foi Menocchio, como vivia e como via o mundo.

O autor apenas toma o cuidado de não repetir o equívoco que identifica, sem a intenção de desqualificar o trabalho dessa área de pesquisas, nas conclusões observadas pelos autores da “história das mentalidades” como Lucien Febvre. Para Ginzburg, a armadilha é tentar identificar as coordenadas mentais de uma era inteira através da investigação de um indivíduo.⁴⁸ Febvre fala nos “homens do século 16”⁴⁹. Talvez esse também tenha que ser o cuidado a se tomar na investigação dos negros

⁴³ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*, 1987 – p. 12.

⁴⁴ Ginzburg utiliza a expressão “classes subalternas” em lugar de “classes inferiores” por acreditar que este conceito é mais amplo e despojado de uma conotação paternalista a qual estaria ligado termo “classes inferiores”. “Classes subalternas” é um termo utilizado anteriormente por Gramsci em suas anotações sobre folclore e classes subalternas. Ginzburg oferece essa explicação em *O queijo e os vermes* – p. 243, em nota correspondente à página 16.

⁴⁵ *Idem* – p. 18.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ *Idem* – p. 31.

que participaram da Guerra do Paraguai. Primeiro, neste trabalho se está tratando das representações feitas sobre os negros e como eles aparecem ou sequer são mencionados nos textos de Taunay, Rebouças, no jornal *Democracia* e em cordéis anônimos. A preocupação de Ginzburg está, então, em ter cuidado com as generalizações, na medida em que o autor tenta evitar a afirmação de uma cultura hegemônica, no caso do seu estudo sobre o século 16, comum aos artesãos e aos grupos marginais como os vagabundos.⁵⁰ O autor justifica o estudo de um indivíduo de onde se parte para uma análise mais geral do período estudado sem que no entanto se tente homogeneizar a época ou os indivíduos. “Apenas se está querendo delimitar um âmbito de pesquisa no interior do qual é preciso conduzir análises particulares. (...) Só desse modo será possível eventualmente generalizar as conclusões a que se chegou neste estudo.”⁵¹

O espectro de Benjamin

As teorias de Walter Benjamin sobre a guerra e a relação que ele estabelece entre cultura e barbárie possibilitam uma nova leitura sobre os acontecimentos e desdobramentos da Guerra do Paraguai, conflito que levou Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai a se enfrentar de 1864 a 1870. Benjamin elaborou um novo conceito de história, refletindo sobre as relações de forças que se repetem ao longo do tempo e que, segundo ele, deixam uma fileira de vencedores e vencidos. “Nunca houve um

⁴⁹ Lucien Febvre *apud* Carlo Ginzburg, 1987 – p. 31.

⁵⁰ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*, 1987 – p. 32.

⁵¹ *Idem* – pp. 32 e 33.

monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”⁵². Essa afirmação do autor, bastante conhecida entre os pesquisadores contemporâneos, é um dos motores das reflexões seguintes.

As guerras aparecem em vários momentos da obra de Benjamin, como objetos de estudo e como exemplos nítidos do resultado bárbaro produzido pela cultura. Neste trabalho, parto dessa idéia de Benjamin para pensar a guerra também como mônada das relações de força e poder que constroem a história. Os vencedores e vencidos de uma guerra são como uma amostra do que acontece ao longo da história. Para Benjamin, é pensando o objeto histórico enquanto mônada que nos aproximamos dele, o que se traduz na idéia de que a utilização do conceito de mônada é “uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido.”⁵³

A Guerra do Paraguai foi mais um palco onde se utilizou o discurso da necessidade de se levar a “civilização” àqueles que eram vistos como “bárbaros”. Também com esse propósito, explícito ou não, os milhares de soldados dos países que compunham a Tríplice Aliança deram corpo à guerra no Paraguai e ajudaram a construir um dos maiores mitos de formação do Estado brasileiro. A construção do Brasil como nação e a criação de um exército nacional foram os despojos resultantes da Guerra do Paraguai. Benjamin pode ajudar a pensar o quanto nossa construção cultural está calcada em nossa própria barbárie.

Durante o período mais recente de ditadura no Brasil, que teve início com o golpe militar de 1964, o governo brasileiro se utilizou das glórias da Guerra do Paraguai. Embora ainda faltem estudos sobre os usos que o governo militar e o

⁵² Water Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 225.

⁵³ *Idem* – p. 231.

exército brasileiro fizeram da Guerra do Paraguai durante a ditadura, é possível dizer que a postura pró-guerra do governo militar impediu que os pesquisadores brasileiros oferecessem maior contribuição para revisar a história da guerra, exatamente quando chegava os cem anos de término do conflito, em 1970. O general Castelo Branco, presidente da República durante o ano de 1965, enviou uma carta ao presidente da Academia Rio-grandense do Livro agradecendo e fazendo elogios ao recém editado livro *Efemérides da Campanha do Paraguai*. Escreve o general: “Quero dizer que a obra merece encômios pela preocupação de analisar, em estilo escoreito, as principais ocorrências da Guerra do Paraguai e que a considero não só de interesse militar assim como de utilidade para os pesquisadores da nossa História nas comemorações do centenário daqueles feitos, que ora se celebram”⁵⁴. Quando o general fala em comemorações, já se pode esperar o tipo de história que ele gostaria de ver contada pelos pesquisadores da “História” com letra maiúscula.

Ainda hoje, o exército brasileiro considera a Guerra do Paraguai o maior feito do país e vê Duque de Caxias como o herói nacional.

“No decorrer da Guerra do Paraguai, despontaram chefes militares que, mercê de feitos heróicos nos campos de batalha, são hoje patronos das armas e serviços do Exército Brasileiro, servindo de paradigma às novas gerações. (...) Não obstante a bravura anônima de oficiais e soldados que se batiam contra tropa aguerrida e corajosa, impõe-se ressaltar a participação na campanha dos chefes militares que hoje são patronos de Armas do Exército Brasileiro.”⁵⁵

⁵⁴ A carta do general Castelo Branco ao presidente da Academia Rio-grandense do Letras faz parte do acervo do Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

⁵⁵ Página oficial do exército brasileiro na internet, 2000. O site ainda reverencia a figura de Caxias, patrono do exército brasileiro: “Do alto de seus 65 anos de idade, o Marquês de Caxias infundia em seus subordinados, mais pelo exemplo do que pelas palavras, constantes exteriorizações de seu valor militar, robustecido em muitas jornadas memoráveis.”

Cabe aos interessados em fazer uma crítica da história, seguindo as indicações de Walter Benjamin, buscar por trás dos discursos simplificados e otimistas, as ruínas e os vencidos. “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.⁵⁶

A herança de vencedores e vencidos

Para Benjamin, os vencidos de agora são herdeiros daqueles que foram dominados e excluídos ao longo da história, assim como também “os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”.⁵⁷ Com essa tese, o autor relaciona os agentes históricos de todos os tempos e transforma todo monumento da cultura, os bens culturais, em despojos dessa constante guerra. Da mesma forma que a idéia de nação no Brasil foi em muitos momentos construída sobre as vidas de milhares de soldados, muitos deles negros escravos, que participaram da guerra em troca da alforria ou em nome de um ideal de civilização e progresso. Até hoje, a história desses negros continua tendo ressonância nos milhares de excluídos que ainda ocupam as favelas e os cortiços brasileiros.

A questão, em se tratando da Guerra do Paraguai, é analisar como se deu essa absorção dos negros por parte do exército, que precisou chamá-los a fazer parte da batalha e contribuir para a formação da própria entidade. Negros libertos, escravos, membros da classe média e oficiais vindos de famílias abastadas de repente passaram

⁵⁶ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 223.

a ter a mesma designação de “voluntários da pátria”. Ricardo Salles⁵⁸ avalia que os chefes do exército e o governo imperial tiveram que conceder aos negros algum valor – oferecendo a alforria e os considerando todos “voluntários” como o Imperador – para garantir a ida deles ao fronte.

Guerra como mônada

A imagem que Benjamin cria para mostrar que a história da humanidade é construída sobre tragédias e aniquilações de diversos segmentos é a da guerra, tema que muitas vezes foi seu objeto de estudo. Benjamin acreditava que a guerra tinha se tornado um espetáculo. “Na época de Homero, a humanidade se oferecia em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma”.⁵⁹ Para o autor, junto com essa face espetacular, aguçada pelos avanços técnicos da parafernália de combate, vem a percepção da guerra como objeto do prazer estético, como manifestação do belo. Benjamin discorre sobre esse tema com indignação: “sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem”.⁶⁰ Benjamin vai mais longe e afirma que apenas a guerra permite “dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes”.⁶¹ É possível se fazer uma relação entre as palavras de Benjamin e o que sucedeu com os negros na Guerra do

⁵⁷ *Idem* – p. 225.

⁵⁸ Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, 1990.

⁵⁹ Walter Benjamin. “A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica”, 1985 [1935/1936] – p. 196.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ *Idem* – p. 195.

Paraguai. Em nome da guerra, eles se tornaram soldados e engrossaram as fileiras do exército brasileiro para representar um país que sempre os colocou na condição de escravos. De volta da guerra, os sobreviventes não tiveram outro destino senão a pobreza dos cortiços e a marginalidade.

A recorrente imagem da guerra utilizada pelo autor pode servir para se pensar a própria guerra como mônada das relações de poder e da existência de vencedores e vencidos. Sobre os mortos da Guerra do Paraguai o Brasil se construiu como nação e organizou um exército que mais tarde, através de um golpe, proclamou a República. A Segunda Guerra Mundial, vivida inclusive por Walter Benjamin e sobre a qual escreveu, também pode ser avaliada como um momento em que mais uma vez foi ampliada a fileira de vencedores e vencidos em nome de uma dita “civilização”. Os judeus tomaram o lugar daqueles corpos sobre os quais caminham os vencedores. Na Alemanha, liderada por Hitler, que admirava arquitetura, Wagner e a perfeição escultural dos corpos arianos, surge um desejo de extermínio. Seis milhões de judeus são mortos em campos de concentração pela permanência de uma “pureza” alemã.

Para o autor, a tradição dos oprimidos ensina que as pessoas vivem em constante “estado de exceção” e que é preciso “construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”.⁶² Benjamin explora bastante, em sua obra *A Origem do Drama Barroco Alemão*⁶³, esse conceito jurídico que deu as bases para a teoria da soberania, que no século 17 serviu de base para legitimar a presença de um soberano com poderes absolutos quando há um estado de desordem, de caos, de exceção no país. Ele reflete em seu livro: “Quem reina já está desde o início destinado a exercer

⁶² Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 226.

⁶³ Walter Benjamin. *A origem do drama barroco alemão*, 1984 [1925].

poderes ditatoriais, num estado de exceção, quando este é provocado por guerras, revoltas ou outras catástrofes.”⁶⁴ Benjamin busca no século 17 e nos textos do acadêmico de direita, Carl Schmitt, uma teoria que explicasse o momento que, alguns anos depois, iria propiciar a subida de Hitler ao poder. Benjamin via com horror tudo o que poderia acontecer quando algum radical de direita resolvesse assumir a direção do país em bases ditatoriais, apoiados no julgamento de que se vivia um estado de caos. Carl Schmitt trazia à tona a teoria da soberania para justificar a ascensão de alguém como Hitler. A mesma teoria que defende a escolha de um inimigo visível – no caso da Segunda Guerra o alvo foi os judeus – e ação ao invés de apenas ficar discutindo como na democracia representativa.

Mas, em suas teses de *Sobre o Conceito de História*, Benjamin acredita na tarefa de originar um “verdadeiro estado de exceção”⁶⁵, que fortaleceria a luta contra o nazismo. Essa afirmação de Benjamin está próxima da discussão e da defesa que o autor faz da revolução no texto *Crítica da Violência – Crítica do Poder*.⁶⁶ Benjamin é contrário à guerra pela guerra, realizada para manter a ordem existente celebrada sem sentido e baseada na repetição da luta de classes. Ele defende a guerra civil, que acaba com a guerra fútil e cria um espaço onde as pessoas se levantam para lutar contra sistemas como o fascismo. “Estes darão uma prova de sensatez quando se recusarem a ver na próxima guerra um episódio mágico e quando descobrirem nela a imagem do cotidiano; e, com essa descoberta, estarão prontos a transformá-la em guerra civil: mágica marxista, a única à altura de desfazer esse sinistro feitiço da guerra”.⁶⁷

⁶⁴ Walter Benjamin. *A origem do drama barroco alemão*, 1984 [1925] – p. 89.

⁶⁵ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940].

⁶⁶ Walter Benjamin. “Crítica da Violência – Crítica do Poder”, 1986 [1921].

⁶⁷ Walter Benjamin. “Teorias do fascismo alemão”, 1986 [1930] – p. 72.

Benjamin faz críticas ao conformismo, que leva as parcelas com menos expressão política a se entregarem às classes dominantes como seu instrumento. Hobsbawm afirma que a democracia representativa com uma Constituição garantindo a propriedade e os direitos civis ganhou mais adeptos a partir do século 19 porque reduzia a atuação da população sobre as decisões políticas. “O povo comum tinha alguma participação na política dentro de limites que garantissem a ordem social burguesa e evitassem o risco dela ser derrubada”.⁶⁸ Para Hobsbawm, a classe média tinha medo da revolução social e concluiu que a democracia era inevitável, incômoda, mas inofensiva.⁶⁹ Na Guerra do Paraguai, as classes dominantes, os senhores de escravos e o governo, tiveram que dar algo em troca para garantir a participação da camada média da população e dos negros, escravos ou libertos.

Sobre o conceito de história de Benjamin

Os escritos de Benjamin estão sempre voltados para a tentativa de redefinir o conceito de história e o papel do crítico. Para o autor, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’”⁷⁰, mas reconhecê-lo como ele se apresenta naquele exato momento para que se deixe fixar.⁷¹ Seguindo as idéias de Benjamin, esse reconhecimento se dá na medida em que o passado tem algum ponto de contato com o presente. O passado chega até o presente como a luz de uma estrela que morreu há milhares de anos ou do “flash” de uma câmera fotográfica.

⁶⁸ Eric Hobsbawm. *A era do capital*, 1997.

⁶⁹ *Idem.*

⁷⁰ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 224.

⁷¹ *Idem.*

Benjamin acredita que essa luz que vem do passado é a esperança, que o pesquisador tem o dom de despertar e que tem o poder de colocar os mortos (os vencidos) em segurança.⁷²

Seguindo Benjamin, é possível dizer que analisar um texto produzido hoje pelo exército brasileiro sobre a Guerra do Paraguai contribui para mostrar sobre quais bases foi construído o conceito de nação no Brasil e como ainda nos nossos dias a memória da guerra ajuda a consolidar a identidade de uma das mais fortes instituições brasileiras. O exército foi fundado na Guerra do Paraguai e isso está aparente e positivado ainda nos discursos atuais da instituição. Mesmo assim, os discursos não consideram os negros que participaram do conflito como heróis nacionais, o que diz algo sobre o papel social dos afro-brasileiros ainda hoje no Brasil, nem relativizam em que bases se deu a guerra. O próprio exército que, justamente durante o centenário da guerra, esteve no poder através de uma ditadura militar se apropriou dos símbolos do conflito e vetou⁷³ aos historiadores uma ampla discussão sobre esse fato histórico, considerando-o assunto exclusivo do exército.

Isso certamente aconteceu porque elementos daquela guerra ainda têm ressonância no presente. Essa carga de discursos oficiais e a impossibilidade dos pesquisadores de debater com mais liberdade o assunto, numa época em que nada era discutido com alguma liberdade e até hoje, coloca, nas palavras de Benjamin, os mortos em perigo. Não basta os negros terem sido utilizados como instrumentos de guerra, seja pela força ou atraídos pelo discurso civilizador, mas seu sacrifício nessa guerra fica ainda mais sem propósito na medida em que não é trazido à tona o que

⁷² Walter Benjamin. "Sobre o conceito de história", 1985 [1940] – p. 224.

⁷³ Uma referência a essa discussão foi feita anteriormente quando se discutiu a carta do presidente Castelo Branco sobre um livro que trata da Guerra do Paraguai.

eles representaram nesse episódio da história. A história quase sempre é contada pelos vencedores e do ponto de vista dos seus líderes, mas Benjamin acredita que coisas espirituais são despojos dos vencidos e questionarão sempre cada vitória dos dominadores. “Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos.”⁷⁴

⁷⁴ Walter Benjamin. “Sobre o conceito de história”, 1985 [1940] – p. 224.

Capítulo 2

Diariamente

“Nada é mais difícil de compreender do que o texto de um diário”⁷⁵. A professora Tânia Ramos busca essa afirmação de Philippe Lejeune para iniciar o artigo “Querido diário: agenda é mais moderno”⁷⁶ e expor uma peculiaridade desse tipo de texto. Ela apresenta o diário como uma prática e não apenas um produto, como todo texto. As telas em branco que ainda serão preenchidas com análises e reflexões sobre esses textos vão estar assombradas pela perspectiva da dificuldade de analisar textos tão “difíceis”, à medida que tão complexos e com tantas implicações, produzidos há mais de cem anos, por autores que falam de diferentes lugares e representaram uma experiência tão impactante quanto uma guerra. Ainda mais se a intenção for procurar restos de falas sobre indivíduos que não deixaram muitos registros e não foram fartamente representados nem mesmo nos textos de Taunay e Rebouças.

Para continuar a falar de diários e de relatos autobiográficos de várias formas é preciso mostrar a relação que existe entre esse tipo de narrativa e a intenção de concentrar o interesse nas histórias das pessoas comuns, mesmo que no caso da Guerra do Paraguai os autores dos diários não sejam as “pessoas comuns” de quem se deseja tratar. A busca está em ver, através desses autores, os negros. De qualquer modo, essa relação que até o momento poderia parecer “casual”, quase uma

⁷⁵ Cf. Philippe Lejeune, 1996 *apud* Tânia Regina Oliveira Ramos, 2000.

⁷⁶ Tânia Regina Oliveira Ramos. “Querido diário: agenda é mais moderno”, 2000.

coincidência, acabou encontrando expressão e sentido no artigo de Antonio Viñao chamado “Refúgios del yo, refugios de otros”⁷⁷. Viñao aponta justamente para o fato de que nas últimas décadas tem havido um aumento do interesse pelas histórias “dos de baixo”, das classes subalternas, das pessoas que não são líderes políticos ou militares, de gente comum. Isso significa dar uma maior importância aos sujeitos e a seus relatos. Se os aspectos estruturais e a longa duração estão em baixa e os sujeitos reaparecem com sua voz ou com seu silêncio, um caminho possível para se chegar até eles é através dos textos chamados autobiográficos, auto-referenciais. Para Wander Miranda, a autobiografia é a relação de quem escreve com seu próprio passado e a forma de dar-se a conhecer ao outro⁷⁸. “É um texto cuja especificidade reside na complexa e muitas vezes tortuosa relação entre representação literária e experiência vivida.”⁷⁹ No caso de Taunay e Rebouças, a busca então consiste em perceber como essa tensão entre o vivido e o expresso aparecem em seus relatos, sobretudo no que diz respeito à participação dos negros na guerra.

O caminho para os pesquisadores chegarem até o sujeito pode ser a reflexão sobre a escrita autobiográfica que, como lembra Viñao, sempre foi o refúgio do eu⁸⁰. Voltar o olhar para o sujeito significa pensar sobre o seu cotidiano, o pessoal, o íntimo, as escrituras marginais, os relatos de vida. Apesar disso, é preciso pensar que em se tratando dos negros na Guerra do Paraguai, a questão está sempre permeada por uma tensão, na medida em que esses sujeitos do conflito não tiveram muitas oportunidades de relatar suas experiências e quando o fizeram, como é o caso de

⁷⁷ Antonio Viñao. “Refugios del yo, refugios de otros”, 2000.

⁷⁸ Wander Miranda. *Corpos escritos*, 1992 – p. 30.

⁷⁹ *Idem* – p. 26.

⁸⁰ Antonio Viñao. “Refugios del yo, refugios de otros”, 2000 – p. 09.

André Rebouças, não se observam reflexões diretas por parte do autor sobre o fato de ele próprio ser negro e estar na guerra, de perceber a presença de outros negros e analisar em que condições e por quais motivações eles estão naquele lugar⁸¹.

Essa reflexão é papel de quem mergulha no passado e se propõe a falar desses negros como sujeitos de uma experiência e de uma cultura. Isso indica uma mudança de perspectivas, o que implica em mudanças do próprio sujeito. Na observação de Viñao, o sujeito que volta já não é o mesmo. Para o autor, essa alteração na observação tem relação com os lugares subjetivos de onde se percebe a realidade. A realidade muda quando é observada por diferentes perspectivas – neste caso, a atenção se volta para os negros e o lugar que eles ocuparam em narrativas sobre a Guerra do Paraguai. Outra mudança ocorre por conta da importância da micro-história, que propõe uma redução na escala da observação para captar aspectos não visíveis numa visão mais geral⁸². “Os fenômenos previamente considerados bastante descritos e compreendidos assumem significados completamente novos, quando se altera a escala de observação.”⁸³ Para Viñao e Levi, é essencial observar as fissuras e as contradições nos sistemas normativos por onde as pessoas fazem aparecer as suas necessidades e a sua subjetividade.

A memória é construída, também pelo esquecido e pelo silêncio como linguagem⁸⁴, e pela ação de quem aponta para esse silêncio e o quebra. A construção de uma memória nacional, por exemplo, tem contribuído para a afirmação de uma

⁸¹ Aqui fica evidente a infinita diferença que há entre um relato como este do diário e o gênero do testemunho, em que o protagonista pretende falar “em nome de” uma etnia, como é o caso de Rigoberta Menchú.

⁸² Antonio Viñao. “Refugios del yo, refugios de otros”, 2000 – p. 11.

⁸³ Giovanni Levi. “Sobre a micro-história”, 1991 – p. 141.

⁸⁴ Antonio Viñao. “Refugios del yo, refugios de otros”, 2000 – p. 10.

determinada idéia de nação com seus mitos, seus heróis, suas interdições e seus silêncios. Aliás, “nação” é um conceito que se aproxima do consenso e tem sido construído sobre a tensão entre o esquecimento e a reiteração de mitos. José Murilo de Carvalho observa que a memória nacional é construída para se opor à história nacional. Ele afirma que “a memória é a história ajustada às necessidades da construção da identidade nacional”⁸⁵. Uma identidade que, segundo José Murilo, se cria sobre os mitos do descobrimento do Brasil pelos portugueses, da confissão católica e da cordialidade e não por lembrar da abolição da escravatura, da abdicação do rei ou das revoltas populares que ocorreram durante o império.

Outro fator importante é que a unidade nacional em geral se constrói com o uso da violência⁸⁶. Violências como a da Guerra do Paraguai ou aquela que sufocou revoltas como a Cabanagem ou Canudos. “As violências têm que ser esquecidas ou interpretadas de maneira a não impedir o sentimento de unidade”⁸⁷. José Murilo atenta para o fato de que o excesso de esquecimento leva também à perda da eficácia da narrativa nacional. Por isso, a idéia de nação está ligada à necessidade de uma reformulação do imaginário e da reescrita da memória. A construção da memória nacional continua. Ela precisa ser reafirmada diariamente para existir. Por isso interessa pensar também nos negros hoje. Por que a história nacional ainda produz discursos que não os inclui ou os representa de uma determinada maneira?

O historiador José Murilo de Carvalho utiliza como exemplo do que tenta explicar a comemoração dos 500 anos do descobrimento realizada por parte das

⁸⁵ José Murilo de Carvalho. “A memória nacional em luta contra a história”, 2000.

⁸⁶ Cf. Ernest Renan *apud* José Murilo de Carvalho. “A memória nacional em luta contra a história”, 2000 – p. 18.

⁸⁷ José Murilo de Carvalho. “A memória nacional em luta contra a história”, 2000 – p. 18.

autoridades brasileiras. Uma cerimônia na cidade baiana de Porto Seguro foi organizada como uma tentativa de reafirmar o mito da identidade lusa, enquanto barrava violentamente os incômodos índios e os manifestantes do movimento dos sem-terra. Não se trata aqui de reivindicar a queda de determinados mitos para a ascensão de outros. Para Linda Hutcheon, a leitura de textos que estão à margem não é feita com o objetivo de “levar o que está à margem para o centro, mas ter uma perspectiva que altere seu foco, porque não almeja uma força centralizadora”⁸⁸. Trata-se de tentar minar a idéia de que a memória deve ser construída em função de um discurso hegemônico que se pretende nacional.

A questão é falar sobre os silêncios e apontar as falhas na memória da “nação”. Para José Murilo de Carvalho, estudos que tratem dessa memória constituem “um perigo para a nacionalidade”, na medida em que os pesquisadores podem “insistir em lembrar de aspectos incômodos, em desmascarar excessos de esquecimentos e de erros”⁸⁹. Tão importante quanto saber e analisar qual e como foi a participação dos negros na Guerra do Paraguai é perceber como essa história foi contada daquele momento em diante. Com certeza, os negros não aparecem nos discursos sobre a guerra em prol da construção de um discurso nacional. Um discurso que escolhe uma única língua, uma cultura e hábitos para que se tornem hegemônicos. A Guerra do Paraguai se tornou um símbolo da nação, mas o herói é Caxias e não algum negro que tenha lutado no conflito. Não se trata de reivindicar um herói negro da guerra, mas de discutir a maneira como a Guerra do Paraguai contribuiu para a construção da história nacional excluindo os negros dessa narrativa.

⁸⁸ Cf. Linda Hutcheon, 1991 *apud* Tânia Regina Oliveira Ramos, 2000 – p. 192.

⁸⁹ José Murilo de Carvalho. “A memória nacional em luta contra a história”, 2000 – p. 18.

Para falar de como os negros foram ou não representados no que se refere à Guerra do Paraguai, os textos utilizados são então o diário de Rebouças, o relato romanceado de Taunay, baseado em suas anotações diárias da guerra, artigos de jornais, cordéis e eventualmente outros textos que possam contribuir para a análise proposta. Mas antes de entrar nesses discursos, é preciso deter-se um pouco no modo como podem ser classificados esses textos. Ou melhor, é preciso lembrar que a classificação é uma tentativa impossível. Como afirma Viñao, quando se tenta classificar, há sempre textos que não cabem ou que ficam em mais de uma categoria⁹⁰. “Cualquiera que sea el criterio de clasificación o distinción empleado siempre surgen textos que se mueven en tierra de nadie o en más de un espacio textual. La realidad desborda, por su complejidad, todo intento de clasificación exhaustiva y cerrada”⁹¹.

As classificações podem ser muitas e os textos podem surpreendê-las, entrelaçá-las, confundi-las. Em seu texto Viñao oferece uma série de nomeações como autobiografia, memórias, testemunho, recordações, impressões, confissões, diário, agenda, carta, epistolário, livro de anotações. Mas avisa que as classificações mudam no espaço e no tempo e, muitas vezes, “seu conteúdo real não corresponde com sua denominação formal”⁹². É o que acontece em certa medida com as narrativas de Taunay e de Rebouças. André Rebouças escreve o que pode se chamar de diário, mas também de testemunho e de memórias. Taunay produz seu texto *A retirada da Laguna* a partir do relatório oficial produzido para o exército e das anotações que fez sobre o seu cotidiano na guerra, onde retrata as experiências que viveu, narra fatos que aconteceram na sua campanha. Mas o autor confunde um pouco essa idéia na

⁹⁰ Antonio Viñao. “Refugios del yo, refugios de otros”, 2000 – p. 12.

⁹¹ *Idem.*

⁹² *Idem.*

medida em que escreveu sua *A Retirada* em forma de romance e depois, com outros livros, se representou como um dos principais colaboradores para a construção da literatura brasileira.

Jean-Pierre Vernant, em “O indivíduo na cidade”⁹³, procura discutir a noção de sujeito relacionando esse conceito com gêneros literários que classificam textos auto-referenciais. Vernant descreve o indivíduo como o papel desempenhado nos grupos sociais onde convive e o compara com a biografia, que se concentra sobre a vida de uma personagem singular⁹⁴. O autor relaciona o sujeito com a autobiografia e com as memórias, onde o indivíduo conta a si mesmo o curso da sua vida⁹⁵. Nessa perspectiva e acompanhando a definição do autor para sujeito como o indivíduo que se expressa na primeira pessoa, falando em seu próprio nome, e enuncia traços que fazem dele um ser singular, também é possível listar os diários como uma escrita do sujeito. Nos textos autobiográficos, “o indivíduo conta a si mesmo o curso da sua vida”. No caso da Guerra do Paraguai, Taunay e Rebouças se constroem como sujeitos a partir do relato da sua experiência no conflito. Essa ascensão à categoria de sujeito se dá justamente através da autoria, algo que não é concedido a todas as pessoas. No cordel, por outro lado, não há um EU explícito. O autor anônimo constrói uma autoria coletiva. Ele se coloca mais como porta-voz de um determinado grupo do que como um autor individual.

Os textos de Taunay e Rebouças, analisados neste capítulo, serão vistos como escrita de auto-referência, o que significa dizer que são discursos subjetivos em que o

⁹³ Jean-Pierre Vernant. “O Indivíduo na cidade” in *Indivíduo e Poder*, Lisboa, Edições 70, 1998 – p. 29.

⁹⁴ *Idem.*

⁹⁵ *Idem.*

autor fala do que se passa à sua volta e da sua reação a tudo o que acontece. Viñao apresenta três aspectos mais a respeito do interesse pelos textos auto-referenciais e esta análise procura estar voltada para esse tripé. Para o autor, as análises podem se concentrar sobre os conteúdos, pelo que é narrado ou é feita referência no texto. Neste caso, para ele, esta escritura se constitui como fonte histórica. Outra é a questão de percebê-lo como gênero textual com características próprias e com uma materialidade. O terceiro aspecto trata do interesse pelo autor, na medida em que ele se move entre os planos pessoal e exterior, privado e público. Nesta análise é fundamental considerar-se os autores, que participaram da guerra e a representaram. Foram sujeitos do conflito e aqueles que contribuíram para a construção de um discurso ao seu respeito. Uma tentativa assumidamente precária de nomear essa escritura poderia estar em dizer que os diários de guerra são textos auto-referenciais de origem profissional e íntima ao mesmo tempo⁹⁶. As anotações de ambos os autores surgiram como relatos oficiais encomendados pelos superiores de cada um deles para registro do próprio exército e do governo brasileiro. No texto que se pretendia oficial e profissional surgem anotações do cotidiano, das angústias e das expectativas dos autores.

Os textos analisados também podem ser inseridos nas reflexões sobre oralidade e escrituralidade realizadas por Wulf Oesterreicher⁹⁷. O autor relaciona a oralidade a uma perspectiva de imediatismo e a escrituralidade à idéia de distância, colocando esses dois conceitos como pólos extremos entre os quais os modelos

⁹⁶ Essa reflexão foi feita a partir de Viñao, que fala em “arquivos cheios de objetos autobiográficos de índole mais profissional que íntima”, referindo-se aos arquivos de uma educadora do movimento de renovação educativa que aconteceu no Brasil nos anos de 1920 e 1930, analisados por Ana Chystina Venancio Mignot no mesmo livro *Refúgios do Eu*. Viñao, 2000 – p. 13.

⁹⁷ Wulf Oesterreicher. “Pragmática del discurso oral”, 1997.

discursivos podem se localizar. A principal questão é que, para Oesterreicher, a oralidade e a escrituralidade independem da realização fônica ou gráfica do discurso⁹⁸. O autor apresenta textos escritos em função do imediatismo e do aspecto coloquial, como as cartas pessoais, mais próximos do conceito de oralidade do que de escrituralidade. Seria possível dizer que o aspecto subjetivo torna o texto, escrito ou pronunciado, próximo ao pólo da oralidade. Nesse sentido, a análise de diários, de cartas e de textos jornalísticos pode ser também uma reflexão sobre oralidade. O aspecto subjetivo dos diários não exclui a possível intenção literária dos autores dos textos. Eles não estão mais próximos de uma suposta espontaneidade muita vezes esperada da oralidade, na medida em que o discurso oral e a escrita de diários também pressupõem construções culturais, exposição de valores e intenção.

Taunay e Rebouças: os autores

Alfredo é branco, descendente de franceses, aprecia as ciências naturais e gosta de arte. André é negro, defensor da reforma agrária e do desenvolvimento das empresas nacionais. O avô de Alfredo era pintor e veio da França para o Brasil junto com outros artistas trazidos pelo governo de D. João VI para fundar, em 1816, a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.⁹⁹ O pai se tornou preceptor de D. Pedro II. Já André não pôde contar com esse berço abastado. O jovem sonha em ganhar uma bolsa de estudos para se aperfeiçoar na Europa, mas o que consegue é passar alguns meses na Inglaterra, para onde vai com a intenção de visitar a Exposição Internacional

⁹⁸ Wulf Oesterreicher. "Pragmática del discurso oral", 1997.

⁹⁹ Sérgio Medeiros. "Introdução" in *A retirada da Laguna*, 1997.

de Londres. Alfredo e André têm trajetórias de vida e experiências distintas. Mas apesar disso é possível encontrar muitos momentos e idéias em comum entre eles.

André Rebouças e Alfredo d'Escragnoille Taunay viveram no Brasil do final do século passado, eram contrários à escravidão, alinhavam-se, junto com Joaquim Nabuco, ao grupo reformista que defendia “uma modernização econômica e institucional do país sem rupturas revolucionárias, incorporando as grandes massas ao mundo dos direitos e das liberdades”.¹⁰⁰ Isso significava também a defesa e a manutenção da monarquia no país. A família real apoiava os reformistas, contando com a possibilidade de um terceiro reinado de bases sociais mais amplas e sob o comando da Princesa Isabel.¹⁰¹ Taunay e Rebouças viviam numa época de efervescência intelectual e política, onde muitos como eles buscavam o fim de uma estrutura nefasta, a escravidão, e a construção de um novo projeto nacional liderado pela monarquia. Apesar dessa confluência de idéias, cada um deles acreditava em projetos diferentes de reformas.

Taunay defendia a implantação do casamento civil e a imigração de mão-de-obra européia. Mas partilhava de idéias das teorias raciais do final do século 19, sendo contrário à entrada de asiáticos no Brasil. Taunay entrou para a vida política em 1872, quando foi eleito deputado por Goiás. Depois de quatro anos foi nomeado presidente da província de Santa Catarina, sendo deputado pelo mesmo estado ainda por mais duas vezes. Nesse período recebeu o título de visconde. Em 1886, Taunay foi escolhido senador também por Santa Catarina após a indicação de uma lista tríplice ao

¹⁰⁰ Cf. Maria Alice Rezende de Carvalho, 1999 *apud* Marco Antônio Villa. “Rebouças enfrenta o Brasil”, s.d.

¹⁰¹ *Idem.*

Imperador. Com a Proclamação da República, permaneceu ao lado de D. Pedro II e largou a vida política.¹⁰²

Para Rebouças, as diferenças entre ele e seus dois amigos, Nabuco e Taunay, não representavam um entrave, mas um somatório de idéias que resultariam num ponto de equilíbrio necessário para reformar o país.¹⁰³ Essa afirmação pode ser comprovada em um desenho de Rebouças datado de 1891, encontrado por Maria Alice Rezende de Carvalho durante suas pesquisas no *Registro de Correspondência*. André Rebouças desenhou um triângulo equilátero e nos vértices escreveu os nomes e os partidos políticos de Joaquim Nabuco (Liberal), Taunay (Conservador) e o seu próprio, sem qualquer sigla partidária. De cada vértice sai uma linha pontilhada em direção ao centro, dando a idéia de uma pirâmide. No topo da pirâmide escreveu o nome D. Pedro II. O desenho confirma a expectativa de Rebouças de buscar a convergência das idéias dos três intelectuais e, sob o comando do Imperador, construir um projeto para o país.

Rebouças se aproximava da corrente mais crítica dos reformadores, que defendia uma monarquia popular e democrática. Seguindo esse ponto de vista, defendia que o Império apostasse na pequena propriedade como parte de um programa agrário.¹⁰⁴ As idéias de Rebouças foram influenciadas pelo modelo político dos Estados Unidos. Viajou para os EUA em 1873 e se impressionou com as fábricas, os portos, as estradas de ferro, as siderurgias, os campos de petróleo. “Era o progresso material que tanto desejava para o Brasil, apesar de ter sofrido diversas manifestações

¹⁰² Sérgio Medeiros. “Introdução” in *A retirada da Laguna*, 1997.

¹⁰³ Marco Aurélio Nogueira. “Historiadores analisam obra de André Rebouças e Luiz Gama”, 1999.

¹⁰⁴ Cf. Maria Alice Rezende de Carvalho, 1999 *apud* Marco Aurélio Nogueira, 1999.

de racismo desde a chegada a Nova York, na severa revista da alfândega, até não ter nenhum hotel que o aceitasse como hóspede”¹⁰⁵.

Mas Rebouças se desiluiu com o Brasil depois da Proclamação da República e quando percebeu que a Abolição da escravidão havia sido superficial. Sua falta de perspectiva para o país o fez optar pelo exílio voluntário na Ilha da Madeira. Lá, em 9 de maio de 1898, André Rebouças saltou de um penhasco para a morte. Numa das cartas que escreveu do exílio, dizia que considerava o Brasil uma nação do passado, como a Grécia antiga. O destino trágico desse intelectual negro se assemelha ao final de vida dos negros previsto por muitos textos de jornais do período pré-abolicionista. A escravidão aparece como “selvageria”, o senhor de escravos como “tirano” e os negros como “desgraçados”, cuja única saída para a sua condição de cativo, e talvez de negro, era a morte.

A mesma guerra

Taunay e Rebouças não estiveram apenas em eventos comuns nos idos da Proclamação da República ou da Abolição. Suas histórias se cruzaram, mesmo que não no mesmo espaço, muitos anos antes. Os dois participaram da Guerra do Paraguai. Ambos fizeram parte do conflito como membros da Comissão de Engenheiros e tiveram a vontade de registrar os fatos e as suas impressões desse conflito. André Rebouças e Alfredo Taunay relataram combates, vitórias, derrotas, mortes, cenas de covardia, de solidariedade, de medo. Através deles é possível chegar mais perto daqueles anos em que os países que hoje formam o Mercosul lutavam entre

¹⁰⁵ Marco Aurélio Nogueira. “Historiadores analisam obra de André Rebouças e Luiz Gama”, 1999.

si como placas tectônicas para consolidar esses estados nacionais. Não quer dizer que esse relatos sejam a expressão da verdade e possam “revelar o que realmente aconteceu”. Eles servem especialmente como material para avaliar a maneira como muitas as pessoas daquele tempo se relacionavam com a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Um dos interesses em se fazer uma comparação entre esses dois relatos, de Taunay e de Rebouças, é poder contar com registros que retratam lugares distintos do mesmo conflito. Rebouças atuou no sul do Brasil e no centro da guerra. Presenciou disputas políticas entre chefes aliados, testemunhou e participou de batalhas por rios e ilhas fluviais, esteve em território paraguaio. Taunay conta sua participação na coluna que pretendia atacar o Paraguai pelo norte. Acabou por escrever a história de uma retirada. É possível dizer que Rebouças participou do centro da guerra e Taunay atuou na periferia, pelo menos no que diz respeito ao episódio apresentado em *A retirada da Laguna*¹⁰⁶. Mas ambos estiveram em grandes palcos. O 2º Tenente Rebouças participou de palcos já considerados principais na época da guerra, para onde iam inclusive os presidentes dos países aliados e muitas das figuras que são lembradas até hoje por protagonizarem outros episódios da história do país, como Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Rebouças faz elogios a ambos em seu *Diário*. Deodoro mais tarde participa do golpe militar que proclama a República e Floriano autoriza o massacre de federalistas na fortaleza de Anhatomirim, em Desterro-Florianópolis. Já Taunay fez parte de uma peça considerada secundária na época, mas que se tornou célebre no final, muito mais por seu caráter trágico do que por ser considerada estratégica para o conflito. A retirada do exército brasileiro do norte do Paraguai, um

¹⁰⁶ Mas Taunay retornou ao conflito no final da guerra, desta vez no palco principal das batalhas, acompanhando o novo comandante do exército e genro de D. Pedro II, o Conde D’Eu.

episódio mais conhecido como retirada da Laguna, nome de uma fazenda localizada na fronteira entre os dois países, foi um detalhe periférico que se tornou central para contar a história dessa guerra graças ao seu desfecho.

A retirada da Laguna,¹⁰⁷ livro escrito por Alfredo Taunay, conta a história de um grupo de três mil homens do exército brasileiro em missão na região do Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. A expedição durou dois anos, de 1865 a 1867. Os soldados do Imperador, que haviam recebido a missão de expulsar os paraguaios de terras brasileiras e invadir o território inimigo, acabaram tendo que desistir de seu propósito e retornar ao Brasil. Taunay aponta como causas da retirada a fome e doenças como o cólera. Durante todo o tempo o escritor faz questão de dizer que não foi o exército paraguaio o responsável por essa derrota, jogar a culpa maior sobre os próprios organizadores aliados da guerra. Essa coluna deveria ter sido apenas um exército de vanguarda. Três mil homens atacariam primeiro e depois receberiam reforço. Mas os planos mudaram e as atenções ficaram voltadas para os ataques pelo sul, através do acesso ao Rio Paraguai, justamente onde atuou André Rebouças. É possível ter idéia do motivo da falta de atenção à expedição do norte através de seu relato. Rebouças ressalta a desorganização dos exércitos aliados e a falta de cavalos, de armamentos de qualidade e muitas vezes de comida. Taunay faz críticas à mudança de estratégia no texto mesmo de *A retirada da Laguna*: “O plano primitivo fora praticamente abandonado, ou pelo menos, outra função não teria senão submeter às mais terríveis provações um pequeno corpo de exército quase perdido nos vastos espaços desertos do Brasil”.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Taunay, 1997 [1871].

¹⁰⁸ *Idem* - p. 37.

Taunay conta que a idéia do livro surgiu quando o comandante da coluna, o Coronel Camisão, expressou o desejo de que alguém do grupo registrasse aquele episódio para o futuro. O engenheiro, que já vinha tomando nota de tudo que se passava na expedição, prometeu que escreveria a história. De volta ao Rio de Janeiro, Taunay foi incentivado pelo pai a redigir o livro, escrito e publicado primeiro em francês, em 1871. “Durante duas horas ininterruptas Taunay anotou à luz de vela suas impressões assustadoras da Guerra do Paraguai, não desejando desperdiçar esse momento de inspiração. Transcorridos vinte dias, e após inúmeras consultas ao seu diário de secretário da comissão de engenheiros concluía a primeira versão de *A retirada da Laguna*”.¹⁰⁹ Apenas em 1874 saiu a versão em português.

O texto de André Rebouças é um fragmento de seu *Diário*,¹¹⁰ escrito durante a guerra entre 15 de março e 23 de junho de 1866. O *Diário* de André Rebouças foi editado pela primeira vez apenas em 1938, por Ana Flora e Inácio José Veríssimo, mas com uma lacuna que ia justamente da metade de março a junho de 1866. Essa parte que faltava do diário foi publicada pela primeira vez apenas em 1973 e será o fragmento analisado neste trabalho. “O caderno não conseguimos. Teria ele se perdido durante o exílio, quando essas memórias acompanharam Rebouças?”, diz o editor em nota da publicação.¹¹¹ O manuscrito reapareceu em 1966 na *Relação de Manuscritos da Coleção J.F. de Almeida Prado*, feita por Rosemarie E. Horch, que havia sido adquirida pela Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (USP).

¹⁰⁹ Sérgio Medeiros. “Introdução”, 1997.

¹¹⁰ Rebouças. *Diário: A Guerra do Paraguai*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973 [1866]. Foi mantida a grafia originalmente utilizada pelo autor.

¹¹¹ Cf. Ana Flora e Ignacio José Veríssimo (eds.) in André Rebouças. *Diário e Notas Autobiográficas*, 1938 *apud* Maria Odila Silva Dias, 1973.

Esse trecho já havia passado por várias mãos, desde o irmão de Rebouças, José Pereira Rebouças, que o passou a Monteiro Lobato após a morte do irmão, que mais tarde entregou os manuscritos a Ian de Almeida Prado. Esse fragmento do *Diário* de Rebouças inicia nos preparativos para a invasão do Passo da Pátria, localizado em território paraguaio, e vai até o período em que o autor decide abandonar a guerra, depois de sofrer com duas enfermidades – pneumonia e varíola, e voltar ao Rio de Janeiro. Para se ter noção do momento tratado por Rebouças, vale dizer que nesse período aliados e paraguaios têm um dos confrontos mais destacados da história da guerra, a batalha de Tuiuti, ocorrida em 24 de maio de 1866.

A diferença dos relatos

É importante observar a diferença de linguagem dos dois relatos de guerra¹¹². Embora ambos sejam baseados em diários do conflito com o Paraguai, em Rebouças os fatos e as análises foram relatados e editados dia por dia. Ele chega a especificar o dia do mês e o dia da semana antes de cada trecho descrito. Fazia inclusive dois diários paralelos, um pessoal e outro oficial feito a mando dos seus comandantes. Rebouças voltou para o Rio de Janeiro e suas pretensões de “correspondente de guerra” terminaram. Seus manuscritos foram editados muito tempo depois de sua morte. Taunay tinha a pretensão de ser escritor de romances, embora Antônio Cândido prefira denominar as suas obras de longos diários¹¹³. Cândido define Taunay com duas palavras: impressão e lembrança. Justifica que não usa as palavras memória

¹¹² É importante ressaltar que a edição de *A retirada da Laguna* analisada neste trabalho foi publicada em 1997 e optou por uma atualização do português, enquanto que a edição do *Diário*, de Rebouças, mantém o texto como ele foi escrito no original.

¹¹³ Antonio Cândido. *Formação da Literatura Brasileira*, 1981 – p. 309.

e emoção de propósito para assinalar o cunho pouco profundo da sua criação literária¹¹⁴. Alfredo Taunay construiu um texto baseado em seu diário da Comissão de Engenheiros da coluna e em sua memória dos fatos, mas a estrutura foi montada de forma que se parecesse com um romance. Não há datas que iniciem os relatos do dia. Ele constrói um texto único que conta a chegada a Mato Grosso, a ida ao Paraguai e o retorno ao Rio de Janeiro. O texto foi feito inclusive com a intenção de ser publicado como livro, o que aconteceu pouco tempo depois, enquanto o autor ainda vivia.

Taunay continuou sua carreira de escritor, só interrompida quando resolveu ingressar na política. Em 1872, publicou o romance *Inocência*, onde acreditava estar lançando as bases da autêntica literatura brasileira. Antônio Cândido, em *Formação da Literatura Brasileira*,¹¹⁵ considera *Inocência* o melhor romance de Taunay. Diz que o escritor teria unido a reprodução da fala sertaneja com descrições “perfeitamente verdadeiras” da natureza. Taunay nutria a ambição de que duas de suas obras chegassem à posteridade, justamente *A retirada da Laguna* e *Inocência*. Disse ao Imperador numa festa no Instituto Histórico, em outubro de 1889: “Eis as duas asas que me levarão à imortalidade”.¹¹⁶ Mais especificamente sobre os episódios ocorridos no Mato Grosso, dizia que as forças do exército sofreram tanto e inutilmente e que aquelas aventuras dramáticas teriam ficado no esquecimento se ele

¹¹⁴ Acho importante reproduzir nesta nota todo o parágrafo escrito por Cândido em sua *Formação da Literatura Brasileira*, 1981 – pp. 308 e 309. “Duas palavras poderiam sintetizar-lhe a obra: impressão e lembrança, pois o que há nela de melhor é o fruto das impressões de mocidade, e da lembrança em que as conservou. Uso tais palavras intencionalmente, em vez, por exemplo, de memória e emoção, para assinalar o cunho pouco profundo da criação literária de Taunay. A sua recordação não vai àqueles poços de introspecção, donde sai refeita em nível simbólico; nem equivalem as suas impressões ao discernimento agudo, que descobre novas regiões da sensibilidade. São dois traços modestos, que delimitam um gráfico plano e linear.”

¹¹⁵ Antônio Cândido. *Formação da Literatura Brasileira*, 1981.

¹¹⁶ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949].

próprio não as tivesse relatado.¹¹⁷ Acreditava que, embora pudesse parecer imodéstia, pode tê-las livrado do esquecimento para sempre. Taunay se orgulhava também em dizer que era o único escritor brasileiro de sua geração a ter tido experiências tão próximas aos índios e em falar a língua deles. Fazia até uma crítica a José Alencar, dizendo que o autor de *O Guarani* e *Iracema* escrevia sobre a natureza de dentro de seu gabinete e, por isso, escrevia mais sobre o que lia nos livros do que exatamente sobre o que havia visto com seus olhos.

Apesar de Taunay afirmar que em seus livros tinha a intenção de retratar “a verdade”, escreveu paralelamente às suas demais obras um livro de *Memórias*,¹¹⁸ que só pôde ser publicado a pedido do autor cinquenta anos após sua morte. A produção de um livro de memórias de alguma forma relativiza “a verdade” dos acontecimentos, pretensamente já exposta nos demais livros de Taunay. Além disso, a exigência de que *Memórias* fosse publicado apenas cinquenta anos depois da morte do autor, o que seria por volta de 1949, deixa a entender que Taunay sabia de coisas que não poderiam ser contadas enquanto outras pessoas ainda vivessem ou estivessem ocupando determinados postos, ou mesmo, enquanto o próprio Taunay tivesse que encarar essas pessoas. É possível dizer que Taunay separa algumas de suas impressões sobre o conflito daquilo que deveria ser na época a versão pública da guerra, um pressuposto que é explicitamente levado em conta por outros autores que participaram das batalhas e das expedições e deixaram seus relatos¹¹⁹.

¹¹⁷ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949].

¹¹⁸ *Idem*.

¹¹⁹ A preocupação com a versão pública da guerra aparece nas cartas de Caxias, quando comandava o exército brasileiro, aos seus superiores na corte. Isso será tratado mais adiante para mostrar como Caxias culpava os negros pelo baixo desempenho do exército brasileiro.

Um olha para o céu, outro para a terra

Ambos os autores fizeram seus relatos numa época em que se relacionavam os comportamentos e as pessoas com a natureza. Também por isso, Rebouças e Taunay tinham a atenção de descrever os aspectos e os fenômenos naturais dos lugares em que estiveram durante a guerra. Taunay já falava da intenção de observar a natureza quando resolveu partir para a área do conflito. Não estava interessado na carreira militar ou em combater os inimigos, mas em “viajar por sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados para descobrir um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la”.¹²⁰ Apesar de mais tarde, em seu livro *Memórias*, tratar desses desejos como sonhos de mocidade em que havia bastante pedantismo, Taunay realmente presta muita atenção na natureza que encontra no Mato Grosso e no Paraguai e a descreve em *A retirada da Laguna*. No meio dos relatos sobre os fatos da guerra, fala de um tipo de planta, descrevendo a forma, o aroma e as características científicas. É como se Taunay estivesse caminhando com a tropa e de repente se desligasse dos milhares de soldados para contemplar a natureza. Como no seguinte trecho: “A estrada larga contornava bosques magníficos, repletos de umbuzeiros cujas flores desabrochadas perfumavam o ar à distância, de pequis carregados de frutos e das inesgotáveis mangabeiras”.¹²¹ Em nota de rodapé, o autor explica a classificação científica da mangabeira: “Arbusto da família das apocináceas

¹²⁰ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949] *apud* Sérgio Medeiros, 1997.

¹²¹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 47.

cujo fruto tem um gosto semelhante ao da maçã. *Hancornia speciosa* é o nome científico que lhe foi dado pelo botânico Gomes”.¹²²

Taunay se interessava em descrever também o que chamou de sertão. Não se trata da região seca encontrada atualmente, por exemplo, no nordeste brasileiro. Mas na maior parte das vezes o autor se referia à região do Pantanal de Mato Grosso, quase totalmente alagada durante um determinado período do ano. Para Taunay, sertão era a “região quase despovoada e inculta”,¹²³ que ia de Uberaba até a fronteira com o Paraguai, abrangendo o sul de Goiás e Mato Grosso.

Essa natureza também poderia ser manipulada para desqualificar os inimigos. É só uma questão de olhar. Taunay não descreve o território paraguaio com a mesma admiração que tinha pelo que encontrou em solo brasileiro, embora não tivessem muita noção de onde acabava um país e começava o outro. Num trecho de *A retirada da Laguna*, o autor observa que deixou a beleza da natureza brasileira: “Dos dois lados da coluna, para garantir-lhe o movimento, os atiradores que a flanqueavam cortavam o capim alto, pois a natureza da região mudara. Não havia mais a grama curta e fresca dos prados que recentemente atravessáramos. O solo estava coberto desta perigosa gramínea, da altura de um homem, chamada macega, de caule duro e arestas cortantes, que em várias partes do Paraguai tornam a marcha bastante penosa”.¹²⁴

Já Rebouças viveu sua experiência na guerra sob outras condições naturais. Ele atuou em grandes rios como o Paraguai e o Paraná e em ilhas fluviais no sul do país. Além disso, Rebouças voltava o seu olhar para o céu. É como se Taunay

¹²² Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 47.

¹²³ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949].

percebesse o que se passava na terra, no mato e Rebouças olhasse para o céu, para as nuvens e para a lua, sempre apontada em seus relatos quando aparecia na noite. Acompanhando o seu *Diário* é possível perceber a mudança das estações, como as noites vão ficando mais frias e o vento mais cortante. Rebouças inicia o relato de cada dia falando das condições climáticas, da temperatura e das nuvens. O relato do dia 04 de abril, uma quarta-feira, é um exemplo: “Grande temporal de Sul pelas trez da madrugada; manhã de grandes aguaceiros; limpou o tempo com brisa de Sul frio das trez da tarde em diante”.¹²⁵

Pestes e ferimentos

“É preciso ter assistido, com a alma já quebrantada de tristeza, a estas terríveis crises da natureza para avaliar corretamente sua influência sobre o organismo humano”.¹²⁶ Nem sempre a natureza é relatada como moldura para os acontecimentos da guerra. Ela às vezes aparece como mais um fator de sofrimento para a coluna onde participou Taunay. Nesse trecho, o autor fala de uma tormenta que atingiu a expedição no final da retirada, quando as pessoas já não tinham mais forças devido à longa caminhada, à fome e ao cólera. A doença acompanha a expedição durante todo o caminho. Na ida foi atacada por febres, que mataram soldados e animais. O exército, inclusive a cavalaria, teve que continuar a pretensa invasão à pé. Durante a retirada, o cólera fez diminuir progressivamente o número de membros da coluna. Das 1.680 pessoas que entraram no Paraguai, em abril de 1867, apenas setecentos

¹²⁴ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 97.

¹²⁵ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 59.

¹²⁶ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 167.

retornaram com vida.¹²⁷ Muitos doentes ficaram no caminho ainda vivos, largados pelos companheiros por ordem dos chefes da expedição. Taunay descreve a dificuldade para se tomar a decisão, acatada no final por acreditarem que os doentes não sobreviveriam de qualquer forma. Mais adiante o autor relata a chegada de um dos doentes largados para morrer, que resistiu ao cólera e continuou no rastro da expedição até alcançá-la.

A causa da doença é desconhecida e mais uma vez a natureza aparece como uma possibilidade em meio a tantas outras. “A que deveríamos atribuir essa irrupção da cólera, ou melhor, a que não podíamos atribuí-la? Seria a carne estragada que éramos obrigados a ingerir, ou a fome que padecíamos quando o nojo era maior que a necessidade? Seria o calor insuportável dos incêndios, que fazia nosso sangue fervilhar, ou a intoxicação provocada por todas as substâncias vegetais que devorávamos: hastes tenras, frutas verdes ou podres? Ou, finalmente, a insalubridade do ar, viciados pelas águas estagnadas das lagoas e dos brejos, numerosos na região? Supunham alguns que o mal fora trazido pelo próprio inimigo”.¹²⁸

Em Rebouças, a doença não é um fato coletivo. A maior parte dos casos que chegavam aos hospitais improvisados montados em vapores era de feridos à bala. Soldados que perderam dedos, pernas, mãos em algum ataque inimigo ou por falha do armamento brasileiro. São descritos outros casos individuais em que houve a incidência de doenças diferentes. O próprio Rebouças foi hospitalizado duas vezes no curto período analisado neste artigo em que esteve na guerra. Primeiro é internado com pneumonia. Durante vários dias descreve seu estado de saúde e os remédios que

¹²⁷ *Idem.*

¹²⁸ *Idem* – p. 191.

ingere para tratar a doença. “Fiz uso durante a noite como expectorante da tintura de benjoim, uma colher de chá em uma xícara de chá de infusão de folhas de laranja, que me receitou e me preparou o meu bom amigo Dr. Luiz Alvares”.¹²⁹ Da segunda vez Rebouças pensa que pode estar novamente com pneumonia, mas é hospitalizado com varíola. “Pela madrugada percebi com o maior espanto que sobre o nariz aparecia uma erupção de pelle, que ao depois se reconhecerem serem bexigas!”.¹³⁰ As erupções tomaram todo o seu corpo, aparecendo mais intensamente nas mãos, nos pés e no rosto. Quando cederam um pouco e Rebouças pôde novamente escrever, enviou uma carta a seu pai dizendo que voltaria para o Rio de Janeiro. Diz que já não pode mais continuar na vida miserável de uma barraca. Ao escrever a carta até se espanta que a doença o tenha feito modificar sua própria letra. Rebouças volta ao Rio, trabalha como engenheiro e atua em movimentos como o abolicionista. Taunay volta da também sofrida experiência em Mato Grosso, se torna escritor e mais tarde político. Ambos apoiam a monarquia e defendem D. Pedro II.

¹²⁹ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 138.

¹³⁰ *Idem* – p. 160.

TAUNAY: falantes vozes veladas

Narciso no lago

A vaidade de Taunay é um ponto que merece destaque. Taunay não entrou para o exército por vontade própria, mas para atender a um desejo dos pais e seguir uma tradição de família. Sua mãe dizia que “não há outro destino para o homem superior”.¹³¹ Uma vez membro do exército brasileiro tentou pelo menos manter o visual que já cultivava antes como civil pelas ruas do Rio de Janeiro. Taunay se negou a cortar à “escovinha” os longos e encaracolados cabelos louros, imposição feita até hoje pelo exército aos seus recrutas. Foi salvo por um brigadeiro que não viu nisso nenhum desrespeito à disciplina.¹³² Taunay também demonstra sua vaidade quando descreve as noites que passava com os amigos no Alcazar Lírico, uma casa de shows da capital do Império bastante badalada no final do século 19. Conta em seu livro de *Memórias* que em suas noitadas usava boné vermelho da arma de artilharia, “que dava notável realce à minha tez, alva e fina, e aos cabelos louros muito frisados”.¹³³ Completa dizendo que uma vez certa mulher gritou apontando para ele: “Olhem que bonito cardealzinho!” Taunay confessa que sua face rubrou.¹³⁴

Apesar de falar sempre de seus atributos físicos, Taunay não revelava conquistas amorosas. Durante algumas páginas de seu livro *Memórias*, descreve a agitação da noite carioca, fala do sucesso e da sedução das dançarinas do Alcazar Lírico, mas deixa claro que ele e seus amigos só estavam interessados no espetáculo.

¹³¹ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949] – p. 84.

¹³² Cf. Taunay. *Memórias*, 1960 [1949] *apud* Medeiros, 1997.

¹³³ Taunay. *Memórias*, 1960 [1949].

¹³⁴ *Idem*.

“Nos interessávamos pelo gozo sincero do que se passava no palco. Dávamos de barato os deslumbramentos plásticos, as pernadas, o seminu, o cancan e os trechos do realismo erótico”.¹³⁵ Taunay diz que o seu grupo de amigos tinha pouco dinheiro e o gastavam em jantares depois dos shows. Mesmo mantendo uma certa distância das dançarinas, faz elogios a artistas como a “sedutora Aimée, entre outras mulheres notáveis pela beleza e talento cênico”.¹³⁶ Taunay garante que não resta dúvida que o Alcazar exerceu enorme influência nos costumes da época. Mas afirma que as “senhoras de boa roda” é que não gostavam muito do lugar. Achavam que era “foco de imoralidade e das maiores torpezas”.¹³⁷ “Sei de fonte bem limpa, que um marido despojou a esposa dos brilhantes para levá-los em homenagem à Aimée e alcançar-lhe os sorrisos feiticeiros”.¹³⁸ Essa má impressão sobre o Alcazar só modificou, segundo o autor, quando anunciaram espetáculos extras, destinados a famílias, que lotaram a casa de espetáculos.

Oficiais são diferentes de soldados

“As incessantes convulsões dos agonizantes faziam terrivelmente penosa esta tarefa, levando também os soldados, já exauridos, a soltar, como se competissem com os doentes, gritos selvagens de impaciência, com a ameaça de largar tudo e ir embora. Só algumas redes ocupadas por oficiais ainda conservavam um ar de melancólica decência; lembrando-nos de ter visto numa delas o belo rosto resignado do tenente

¹³⁵ *Idem.*

¹³⁶ *Idem.*

¹³⁷ *Idem.*

¹³⁸ *Idem.*

Guerra, rapaz exemplar, filho único de uma viúva que não voltaria a vê-lo.”¹³⁹ Ao longo de quase todo o seu livro *A retirada da Laguna*, Taunay chama todos os que lutam na guerra de soldados. Nada diferencia os combatentes entre si a não ser o batalhão de origem: se é o 21º, o 20º, 19º ou o 17º, o que mais adiante será útil neste trabalho para se fazer outras diferenciações de tratamento não tão explicitadas pelo autor. Além dos soldados existem, para Taunay, os oficiais. Essa distinção entre oficiais e soldados é marcadamente uma fronteira entre a razão, a nobreza, a cordialidade e até a civilidade de um lado e a brutalidade, a irracionalidade, a falta de nobreza de outro.

No cotidiano da tropa ou nos momentos mais críticos como quando a coluna é atingida pelo cólera, o autor destaca a nobreza dos oficiais em oposição ao desespero dos soldados, ainda que no decorrer do livro valorize a coragem e a valentia deles. Os soldados agem quase como “selvagens” enquanto os oficiais assumem sempre o papel da racionalidade e tentam impedir atos reprovados a todo momento no livro como o saque e a violação dos cadáveres inimigos. “O campo estava coberto de moribundos e feridos do inimigo: vários soldados nossos, exaltados pela pólvora e pelo fogo, dispuseram-se a acabar com eles; nossos oficiais, tomados de horror, tentaram em vão arrancar-lhe as vítimas das mãos, reprovando-lhe a indignidade de tal carnificina.”¹⁴⁰ Os soldados são dominados pela emoção e incitados pelo fogo e pela pólvora, resultado de um combate recente entre brasileiros e paraguaios. Por outro lado, os oficiais não são atingidos pela euforia da recente vitória sobre os paraguaios mas se horrorizam diante da atitude violenta e irracional dos soldados brasileiros. Fica claro

¹³⁹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 197. Neste trecho Taunay conta as agruras do retorno ao litoral quando o exército era reduzido constantemente pelas doenças, a falta de comida e por causa das deserções.

na visão de Taunay que, para os oficiais, a questão era vencer e não acabar com o inimigo, demonstrando a preparação profissional e estratégica dos oficiais em contradição com um amadorismo da maior parte do corpo de soldados que participaram do conflito pelo Brasil. Essa leitura já dá algumas idéias de que esse exército não apenas era composto por amadores mas por negros, que na época também eram vistos como irracionais, despreparados, menos indivíduos do que a população branca.

Taunay não trata especificamente dos negros durante *A retirada da Laguna*, mas é possível perceber nas entrelinhas o seu discurso sobre os negros e a presença deles entre os soldados do exército brasileiro. Os negros fazem parte do grupo a que o autor de um modo geral chamava de soldados, sempre aparecendo em oposição aos oficiais. É possível dizer, a partir da leitura de *A retirada*, que a relação hierárquica estabelecida e explicitada por Taunay entre oficiais e soldados pode ser uma explicação, um sinal de que Taunay identificava a presença de negros entre os soldados, mesmo que a questão racial, bastante discutida na época, não receba destaque no texto. O assunto aparece justamente na constante preocupação em diferenciar soldados e oficiais. Em um trecho do livro, Taunay não se refere aos negros explicitamente mas acha importante dizer que os soldados estavam mais acostumados a andar com os pés descalços do que os oficiais. “Carecíamos de tudo, o despojamento era completo: vestíamos todos farrapos, oficiais e soldados, mas a privação de calçados era, em razão do hábito, muito menos penosa a estes do que aos primeiros, cujos pés estavam inchados e feridos.”¹⁴¹

¹⁴⁰ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 145.

¹⁴¹ *Idem* – p. 179.

No Brasil escravocrata, usar sapatos era um direito apenas de livres ou libertos, enquanto os negros cativos deveriam andar descalços como uma evidência de sua condição de escravo. Os pés descalços eram uma linha que apontava com clareza o lugar dos escravos, especialmente nas cidades, onde cativos se misturavam à população de negros ou mulatos libertos ou livres. O historiador Luiz Felipe de Alencastro afirma que uma das estratégias utilizadas pelos escravos fugidos no Rio de Janeiro era arranjar sapatos para poder circular entre os negros livres e libertos e não ser identificado e capturado.¹⁴² Inúmeros registros do século 19, em especial as fotografias, mostram negros descalços até mesmo quando trajam roupas como casacas de veludo, normalmente usadas por pessoas de outra classe social. Alencastro afirma que os negros de ganho, que trabalhavam como comerciantes ambulantes pela cidade, poderiam chegar a ter condições de comprar algumas dessas vestimentas próprias da aristocracia mas jamais usariam sapatos.

“Um escravo de ganho – dono de um pecúlio tirado da renda obtida para seu senhor no serviço de terceiros – podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar relógio de algibeira, anel de pedra, chapéu coco e até fumar charuto em vez de cachimbo. Mas tinha de andar descalço. Nem com tamancos, nem com sandálias. De pé no chão. Para deixar bem exposto o estigma indisfarçável do seu estatuto de cativo.”¹⁴³

É importante destacar que a maior parte das imagens que retratam os negros descalços diz respeito a cativos que estão transitando pelas ruas em trajes simples de algodão. Eles aparecem usando “roupas finas” em geral quando são escalados para compor o grupo de escravos que transporta as mulheres dos senhores ou quando

¹⁴² Luiz Felipe de Alencastro. “Vida privada e ordem privada no império” in *História da vida privada no Brasil*, volume 2, 1999 – p. 79.

¹⁴³ *Idem.*

servem de modelo para fotógrafos do período em seus estúdios onde produzem os escravos para serem fotografados.

“Independente do modo como se trajavam, surgem quase sempre descalços, até mesmo quando se vestem com as luxuosas librés em que são vistos, carregando cadeirinha de arruar, liteiras, palanquins, redes e serpentinas ou quando são fotografados no estúdio de Cristiano Jr. e seu sócio Miranda, no Rio de Janeiro, usando correntes de relógio, de charuto na mão, com paletós de lapelas debruadas de seda ou veludo, chapéus e gorros com bambolinas, no rigor da moda adotada por uma classe social de que são excluídos.”¹⁴⁴

De qualquer modo, o que interessa é que, donos dos trajes ou não, os negros escravos aparecem representados sempre sem sapatos para evidenciar o estatuto da escravidão. Entre as muitas imagens e textos que retratam essa diferença de comportamento e essa exigência escravocrata dos pés descalços está também a representação de Taunay, que considerou importante explicar que os soldados estavam acostumados a andar de pé no chão, enquanto que os oficiais tinham mais dificuldades em fazê-los, já que não tinham esse hábito. Não tinham mesmo, na medida em que isso era feito apenas pelos cativos.

Mesmo assim, os soldados aparecem como um grupo homogêneo, não há brancos ou negros, mas o fato de Taunay chamar atenção para o hábito que os soldados tinham de caminhar com os pés descalços remete nitidamente aos negros, mais precisamente aos escravos. Os negros estão na coluna que atacou o Paraguai pelo norte e Taunay os percebe, mas não os destaca como negros na medida em que precisava manter homogêneo o grupo de subordinados aos oficiais. E essa presença

¹⁴⁴ Carlos Eugênio Marcondes de Moura. “Introdução” in *A travessia da calunga grande: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637 – 1899)*, 2000 – p. 37. Outras referências a esse assunto podem ser encontradas em imagens de negros descalços que foram reproduzidas nesse livro.

aparece quando os soldados são representados sempre como inferiores aos oficiais, irracionais, intempestivos e amadores e acostumados a agruras como pisar os pés descalços nos banhados do Pantanal.

Entre o grupo de soldados Taunay não marca diferenças – intencionalmente, porque isso reforçava a idéia de corpo, de exército coeso e com uma indissociável hierarquia. A identidade de “soldados”, muitas vezes elogiados por sua valentia e boa vontade, era a defesa da manutenção de uma unidade para a coluna.

“Os diferentes corpos deixaram o vilarejo de Miranda em uniforme completo, armados e providos de munição, sentindo-se livres das provações a que tinham sido submetidos e orgulhosos do senso de disciplina que lhes permitia suportá-las, enquanto se exercitavam cada vez mais no manejo das armas. Desejavam agora um clima salubre, que lhes restaurasse as forças e os pusesse em condições de agir”¹⁴⁵.

Nesta passagem, Taunay faz elogios aos soldados pelo seu esforço e disciplina e deixa subentendido que não eram profissionais do exército antes da Guerra do Paraguai.

Mesmo assim, a valentia é destacada individualmente apenas quando se trata de um oficial.

“Mandou chamar o tenente Victor Batista, o portador das novidades, para indagar-lhe qual seria o melhor meio de entrar em comunicação com o comboio e quem poderia ser o mensageiro; a seguir, como este valente oficial não hesitasse em propor a si mesmo para a tarefa, o coronel aceitou a oferta, sem dar ouvidos às observações que lhe foram feitas sobre o inconveniência de expor assim ao perigo um homem de certa posição, de um tal devotamento e cuja perda poderia desencorajar o corpo do exército.”¹⁴⁶

¹⁴⁵ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 67.

¹⁴⁶ *Idem* – p. 137.

Os soldados têm nome apenas quando entre eles há filhos de famílias abastadas. Nesse caso, o combatente não é mais anônimo e passa a ser indispensável como indivíduo que compõe a coluna e não apenas como um número que engrossa as fileiras do batalhão. Em um dos trechos do livro, a tropa encontra soldados brasileiros que fugiram do exército paraguaio. Eles não são apenas festejados e identificados, como o autor se refere a eles pelo nome da família a qual pertenciam, numa indicação de que esses soldados eram mais importantes que quaisquer outros. “Foi dado o alarme na frente e na retaguarda; mas logo tivemos a agradável surpresa de ver nosso destacamento retornar trazendo dez cavaleiros: eram fugitivos do Paraguai, eram brasileiros, irmãos! Pertenciam a respeitadas e conhecidas famílias de fazendeiros dos arredores de Nioaque: os Barbosa, os Ferreira, os Lopes.”¹⁴⁷

De um modo geral, a dualidade entre oficiais e soldados se mantinha. Até no final da retirada, quando a coluna já está bastante reduzida e seus membros não suportam mais a jornada e começam a desertar em maior quantidade do que o que já se registrava anteriormente, são os soldados e os índios, que não são classificados por Taunay como soldados, os mais sujeitos a essa fraqueza do que os oficiais. “Um outro mal começou: a deserção. Desapareceram 24 soldados da linha de defesa do acampamento, embora só pudessem esperar a morte pela fome ou pelas mãos do inimigo. A partir desse dia, não houve capão que não abrigasse um fugitivo. Os índios guaicurus nos deixaram.”¹⁴⁸ Enquanto isso, os oficiais, “homens particularmente dotados”, conservavam-se tranquilos a ponto da sua serenidade ser responsável por manter a união da corporação. “Tais eram os incidentes que ocorriam entre nós, e

¹⁴⁷ *Idem* – p. 70.

apesar de dizimados os próprios oficiais, ainda se mantinha calmo o espírito geral da corporação: acercavam-se eles uns dos outros, reuniam-se, trocavam palavras de cordialidade e de bom conselho.”¹⁴⁹

Além das deserções, a expedição perdia cada vez mais membros em função da epidemia de cólera que já havia atacado centenas deles. Muitos morreram e os doentes que restavam e não paravam de aumentar de número ainda eram dezenas. Taunay descreve a intenção dos soldados, que carregavam os doentes, de deixá-los pelo caminho para ao menos deixar de ser escravos de quem já estava morrendo: “Metendo-nos todos juntos no mato, alguns chegarão a Nioaque, e deixaremos pelo menos de ser escravos de moribundos, a maior parte em desvario”¹⁵⁰. Quando a ordem de deixar os coléricos é realmente concedida pelo comandante, são os soldados aqueles que encaram, segundo Taunay, a missão de abrir uma clareira para instalar os doentes como se fosse tarefa cotidiana, apontando para a falta de solidariedade dos soldados. Oficiais como o próprio Taunay, apesar de concordar com a decisão através do seu silêncio, se sentiam extremamente penalizados com a atitude, enquanto entre os soldados a ordem “não levantou nenhum dissentimento, nenhuma censura!”¹⁵¹.

“Os soldados logo puseram mãos à obra, como se obedecessem a uma instrução comum, e, em seguida (a que ponto o senso moral desaparecera sob pressão da necessidade do momento!), alojaram na mata, com a espontaneidade do egoísmo, todos aqueles inocentes condenados, os infelizes

¹⁴⁸ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 198. É no caso da presença de indígenas acompanhando a tropa que as referências de Taunay aparecem mais impregnadas pelas teorias raciais, descrevendo os índios como indolentes, fugidios ao trabalho pesado e sempre dispostos ao saque e a atos sanguinários.

¹⁴⁹ *Idem* – p. 198.

¹⁵⁰ *Idem* – p. 204.

¹⁵¹ *Idem* 7– p. 207.

coléricos, muitos deles companheiros de longa data, às vezes amigos postos à prova por perigos comuns.”¹⁵²

Os 130 coléricos deixados na clareira eram também soldados. Taunay descreve a atitude resignada dos doentes, que aceitavam ser abandonados pela tropa. À indiferença dos pacientes, Taunay atribui as terríveis dores que sentiam em decorrência da doença e a idéia de um repouso depois dos constantes solavancos pelos quais passavam ao serem transportados e que também lhes causavam dor. Mas, acima de tudo, “contribuiu este desapego fácil da vida que é próprio dos brasileiros e os torna tão depressa excelentes soldados. Pediram todos apenas um favor: que lhes deixássemos água.”¹⁵³ Os soldados eram capazes de deixar os doentes para morrer obedecendo ao comandante como se cumprissem uma ordem corriqueira e, como enfermos de cólera, se deixavam abandonar porque possuíam uma desapego à vida próprio dos brasileiros.

Voluntários do 17º batalhão

Taunay não trata explicitamente dos negros em seu texto, mas como no caso dos soldados descalços, é possível buscá-los nas entrelinhas ou na leitura atenta de alguns fatos descritos em *A retirada da Laguna*. Os negros podem ser encontrados quando o autor fala do batalhão de voluntários da pátria, justamente a condição na qual os negros participaram do conflito. Por vontade própria de lutar na guerra, coagidos a participar, como substitutos de seus senhores ou para ganhar a alforria, foi através do batalhão de voluntários que a maior parte dos negros chegou às fileiras do

¹⁵² Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – pp. 207 e 208.

¹⁵³ *Idem* – p. 208.

exército brasileiro¹⁵⁴. Taunay se remete aos voluntários em diversos momentos do livro como quando descreve a organização das tropas para os desfiles oficiais. Os batalhões mais importantes vinham primeiro. Os caçadores, mesmo sem seus cavalos porque afinal já haviam morrido todos, iniciavam o desfile, sendo seguidos por outros batalhões. Por último vinha o batalhão dos voluntários da pátria, seguido das bagagens, do pessoal do comércio e das mulheres.

“Nossos caçadores, todavia, mesmo obrigados a assumir outra postura, não perderam nada de seu aspecto marcial. Atrás deles passou o 21º batalhão de linha, precedendo uma bateria de peças raiadas, à qual se seguiu o 20º batalhão; depois deste, uma bateria igual à primeira e, logo atrás, o batalhão dos voluntários da Pátria, número 17; e fechando o desfile, as bagagens, o pessoal do comércio com suas mercadorias e as mulheres dos soldados constituindo grupo numeroso.”¹⁵⁵

Apesar de estarem posicionados como o último batalhão nos desfiles oficiais, os voluntários da pátria eram enviados em diversos momentos como a vanguarda da expedição para avaliar o terreno e tudo que acontecia à frente dos outros grupos. Isso significa dizer que quase sempre eles corriam mais risco de serem mortos pelo inimigo do que os demais. “No dia seguinte, 20 de abril, às nove horas da manhã, o corpo de exército pôs-se em movimento e, depois de atravessar o Sombrero, avançou para a margem direita do Apa, tendo na vanguarda o batalhão de voluntários.”¹⁵⁶ O trecho reproduzido relata um momento em que a expedição brasileira tinha notícias de que o exército paraguaio estava muito mais próximo do que em outros momentos.

¹⁵⁴ Cf. Eduardo Silva. *Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo*, 1997.

¹⁵⁵ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 77.

¹⁵⁶ *Idem* – p. 90.

Mesmo sabendo do risco de um confronto direto com os paraguaios e do amadorismo de quem antes da guerra jamais havia pego em armas antes, os oficiais destacavam quase sempre o batalhão de voluntários para marchar na vanguarda. A falta de profissionalismo do exército brasileiro é enfatizado por Taunay em vários momentos, embora o autor tenha cuidado de mencionar que o treinamento dos soldados durante o próprio conflito dava resultados rápidos. “O que ganhamos com este trabalho penoso foi que, vencendo sempre os nossos soldados as escaramuças que se seguiram, sua educação militar sob fogo completou-se sem grandes sacrifícios: logo adquiriram segurança em si mesmos e em seus chefes.”¹⁵⁷

A vanguarda ocupada pelos voluntários corria todos os tipos de risco. Além de ser o primeiro batalhão a virtualmente encarar o inimigo, em outro momento o 17º batalhão é posicionado na linha de frente para negociar uma suposta rendição dos paraguaios. O exército brasileiro enviou o destacamento para negociar paz, mas ninguém sabia qual seria a reação dos inimigos. “Despachou um oficial parlamentar sob escolta do 17º batalhão, com uma declaração escrita em espanhol, português e francês, a qual foi deixada numa bandeira branca”¹⁵⁸. Os paraguaios poderiam ter atacado o batalhão de voluntários, que não teria chances de reagir já que estava sozinho à frente. Taunay sequer menciona essa possibilidade. Ele descreve o fato como uma atitude comum que tinha que ser tomada pelo comandante e demonstra estar mais preocupado em saber se os paraguaios iriam aceitar a rendição ou iriam preferir continuar em guerra.

¹⁵⁷ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 111.

¹⁵⁸ *Idem* – p. 102.

A atitude de sacrificar os negros nas batalhas chegou a ser questionada na época, contudo em outra guerra. A Guerra da Secessão nos Estados Unidos aconteceu num período próximo ao da Guerra do Paraguai, entre 1861 e 1865. O general George Meade, um dos comandantes das tropas que atuaram na cidade de Petersburg, mudou os planos de ataque aos seus inimigos justamente porque previu que seria acusado de sacrificar os negros combatentes caso o batalhão deles fosse massacrado na linha de frente. “Se nós colocássemos as tropas de cor no fronte e fracassássemos, seria dito, e com razão, que nós os estávamos empurrando para a morte porque não ligamos a mínima para eles”.¹⁵⁹ Com a atitude do general vinte e quatro horas antes do ataque, a tropa composta por muitos negros foi a última a chegar para a luta.

Ainda que ocupando o lugar mais arriscado da marcha, os voluntários da Guerra do Paraguai eram constantemente advertidos por não cumprirem devidamente a função ao se afastarem demais do restante da expedição. Taunay em alguns momentos expõe o excessivo distanciamento como possível causa de ataques paraguaios. “Duas vezes o chefe dos voluntários, na vanguarda, foi advertido de que por excesso de ardor seus atiradores haviam se isolado muito da coluna, com grande risco para todos, como os acontecimentos não tardariam a demonstrar.”¹⁶⁰ A seguir Taunay descreve uma investida paraguaia sobre o exército brasileiro, mais precisamente sobre o batalhão de voluntários. O 17º é colocado como escudo para o restante da expedição, recebe a culpa pelo ataque inimigo, que não ganha o mérito da

¹⁵⁹ George Meade. “Petersburg National Battlefield. African-americans at Petersburg”, 1999 (Site na Internet).

¹⁶⁰ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 141.

investida, e acaba por ser o grupo que mais perde soldados. “Do nosso lado, tivemos muitos mortos, todos do batalhão da vanguarda”¹⁶¹.

Os voluntários recebem elogios de Taunay apenas quando realizam trabalhos braçais e não táticos ou quando investem contra o inimigo. Como se a eles, e consequentemente aos negros, coubesse o papel de aparar o inimigo, transportar os coléricos e carregar materiais para obras feitas durante o percurso. O autor reconhece o bom trabalho dos voluntários quando eles constroem rampas na beira do rio para facilitar o transporte das carroças, obra simples demais para os engenheiros que preferem construir pontes. “Assim, os corpos da vanguarda e do centro saíram da forma e, deixando a retaguarda em linha, começaram a fazer as rampas. O batalhão de voluntários executou com muito vigor este trabalho tão importante”¹⁶².

Mas a acusação de um voluntário aparece no texto com muito mais veemência do que os elogios. Taunay fala de um voluntário que teria roubado um outro soldado e fugido, atribuindo ao desertor adjetivos utilizados pelos adeptos das teorias raciais para definir os negros e os mestiços. A deserção do soldado significava para o autor também a possibilidade dos paraguaios virem a descobrir as exatas condições das tropas brasileiras: a carência de víveres e a necessidade de bater em retirada. “Deu-se pela ausência de um soldado do batalhão de voluntários. Esse infeliz, de índole viciosa e quase idiota, tendo roubado um companheiro, desertara para se livrar do castigo”¹⁶³. A questão nesta análise não é se o voluntário roubou ou não, fugiu ou merecia ser tratado de determinada maneira, mas avaliar que este fato, vindo de um voluntário, teve importância e foi tratado desta forma por Taunay.

¹⁶¹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 147.

¹⁶² *Idem* – p. 180.

Além das acusações de ladrão e de desertor a esse soldado voluntário, o autor ainda relata vinte páginas adiante que um soldado brasileiro que havia fugido anteriormente, mesmo não deixando claro se tratar do mesmo mencionado páginas antes, estava entre as tropas paraguaias que haviam entrado em choque com o exército brasileiro. O soldado desertor foi morto e o seu cadáver atacado por diversos soldados brasileiros, sem que os oficiais pudessem, embora quisessem, impedir a profanação.

“Identificou-se um dos cadáveres: um trãnsfuga brasileiro que fugira de Nioaque muito tempo antes da guerra; não foi possível, apesar dos esforços dos oficiais, subtrair os restos deste miserável ao furor dos soldados, que, uns após os outros, à medida que passavam desferiam-lhe golpes de sabre ou de baioneta.”¹⁶⁴

A deserção, o roubo e a traição aparecem como elementos importantes da narrativa e sempre ligados a um soldado e voluntário.

Embora a questão racial não tenha visibilidade no texto de Taunay, é possível dizer que se tratava de um tema presente entre as discussões sobre a Guerra do Paraguai. Não apenas pela disseminação das teorias raciais entre os intelectuais brasileiros ou pela presença efetiva de negros no exército brasileiro, mas também porque os paraguaios utilizavam essa presença como motivo para diminuir a imagem das tropas brasileiras. Esse pode ser outro fator teria levado Taunay a apagar do seu texto as evidências da presença dos negros. Embora, diante das análises realizadas neste trabalho, que busca o discurso sobre os negros nas entrelinhas de *A retirada da Laguna*, não seja possível afirmar que eles não aparecem no texto.

¹⁶³ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 112.

¹⁶⁴ *Idem* – p. 132.

Os paraguaios por outro lado faziam questão de lembrar que havia negros nas fileiras brasileiras, na medida em que isso para eles era sinônimo de crítica e desdém ao exército do imperador. Além das ilustrações e caricaturas, feitas por paraguaios em jornais que circulavam na guerra, com o soldado brasileiro representado por um macaco de farda, muitos periódicos como *El Semanario*, de Assunção, descreviam a seu modo as batalhas travadas entre paraguaios e brasileiros. O número 690, de 13 de julho de 1867, trata dos mesmos acontecimentos relatados por Taunay, de uma maneira diferente e dando ênfase à presença dos negros. “O desastre desse exército repercutirá como um golpe terrível sobre o ambicioso Imperador, que vê assim desfeitas uma de suas maiores esperanças, e dar-lhe-á uma nova convicção de que seus escravos jamais conquistarão a terra dos livres.”¹⁶⁵

O comandante “moreno escuro”

Em *A retirada da Laguna*, Taunay quase não faz críticas aos seus superiores. Apesar de elogiar oficiais e poupar críticas aos comandantes, um deles é sistematicamente mencionado em sua “indecisão natural”, sua “susceptibilidade doentia” e sua “hesitação”: o oficial que durante quase todo o tempo comandou a expedição, Carlos Camisão. As citações a Camisão precisam ser lidas nas entrelinhas e garimpadas ao longo livro na medida em que Taunay intercala críticas à personalidade do comandante com elogios que procuram reabilitá-lo. Afinal, Camisão comandava a expedição e esse estatuto não deveria ser abalado. Taunay ataca o comandante através de algumas insinuações sobre sua possível indecisão frente às

¹⁶⁵ Trecho do jornal *El Semanario*, Assunção, de 13 de julho de 1867 in Taunay, *A retirada da Laguna*, 1997.

escolhas que a coluna deveria fazer. Afirma que “aqueles que conheciam o comandante-em-chefe especulavam com secreta inquietude sobre quais seriam seus planos e qual seria sua capacidade de iniciativa”.¹⁶⁶

Para justificar essas suspeitas, conta um episódio no qual Camisão foi acusado de comandar uma retirada precipitada da fortaleza de Corumbá, na província de Mato Grosso, ocorrida em dezembro de 1864. “Embora não tivesse sido sua a idéia desta retirada precipitada, pairava a suspeita de que não deixara de ser solidário com tal ato de fraqueza”.¹⁶⁷ Taunay inclusive deixa claro que muitas vezes Camisão tomou a atitude de levar o exército em frente com a intenção de invadir o Paraguai, mesmo que no momento seguinte hesitasse em por em prática o que havia decidido, por causa da insegurança de ser chamado de covarde. Diz que Camisão era inflexível na idéia de invadir o Paraguai especialmente quando questionado ou contrariado por outros membros da coluna. Mas quando chegava o dia de partir e avançar, “Camição encontrava algum pretexto para adiá-la, mesmo que tivesse que invocar razões que havia rejeitado na véspera”.¹⁶⁸

Antes de continuar expondo as avaliações que Taunay fazia de seu comandante, é importante apresentar a descrição física que o autor fazia de Camisão. Essa descrição deve contribuir para uma outra perspectiva da leitura sobre o relatos de Taunay. “Aos 47 anos de idade, baixo, robusto, moreno escuro, de traços regulares e olhos negros vivos, possuía uma frente larga e uma bela cabeça inteiramente calva,

¹⁶⁶ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 52.

¹⁶⁷ *Idem* – p. 53

¹⁶⁸ *Idem* – p. 55.

graças à qual recebera dos paraguaios um apelido zombeteiro.”¹⁶⁹ Taunay descreve Camisão como “moreno escuro”. Ele não diz negro, mas esta já é uma indicação bastante significativa de que poderia se tratar de um comandante negro ou mulato. Na verdade, especular sobre essa possibilidade não é o que interessa aqui até porque não seria possível ter certeza de uma informação afirmativa ou negativa. O mais importante é perceber que esta informação, “moreno escuro”, foi destacada por Taunay. A cor da pele e a etnia de Camisão foram aspectos que chamaram a atenção do autor ao ponto de fazê-lo retratar o comandante dessa forma.

Um comandante negro ou mulato provavelmente não seria representado como negro num momento em que, sob influência das teorias raciais, se percebia a mistura de raças como algo que prejudicava o “desenvolvimento” da nação e o branqueamento como a saída para o projeto nacional. Camisão era o comandante de uma expedição do exército brasileiro, pela primeira vez nacional, e que também passava por um processo de branqueamento embora contraditoriamente naquele momento o exército tenha requisitado grande número de negros para as suas fileiras. Essa discussão também é importante para se repensar duas afirmações que de certa forma já estão sendo consolidadas entre os pesquisadores da Guerra do Paraguai.

A primeira é de que os negros não aparecem nas representações sobre o conflito como oficiais porque eram postos que eles não ocupavam. Por um lado esta afirmação faz sentido na medida em que se tem conhecimento de que os negros, escravos ou não, por sua condição social fizeram parte basicamente dos corpos de voluntários como soldados. Mas é importante observar que não há notícias sobre

¹⁶⁹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 56. Taunay não diz qual o apelido criado pelos paraguaios para Camisão, mas na página 103 fala dos versos que o comandante recebeu junto com a resposta ao

negros entre os postos de alguma expressão no comando das expedições, além do fato de não terem acesso, também porque os que lutaram como oficiais como foi o caso de André Rebouças e possivelmente de Carlos Camisão, não foram representados como negros. A tentativa de branqueamento das instituições e do próprio país também impediu que hoje houvesse informações sobre a presença de negros entre os oficiais. Taunay pode ter tido um comandante negro mas não o representou como tal, a não ser nas entrelinhas e nas críticas que faz a suas atitudes e a seu caráter, e mesmo André Rebouças, oficial negro, não fala de si mesmo como negro. A estrutura social do século 19 permitia que se fizesse esse tipo de distinção e se percebesse negros no exército? Possivelmente sim, mas existe um caminho longo entre perceber a presença dos negros e representá-los nos textos e imagens sobre o conflito.

A segunda afirmação feita comumente sobre a guerra é de que o exército brasileiro era ineficiente. Essa avaliação também faz sentido quando se pensa que o exército não existia antes da guerra, recrutou das formas mais variadas pessoas que não tinham experiência e treinamento, não conhecia o terreno onde lutou e utilizou armamentos muitas vezes de péssima qualidade. O cuidado com esta conclusão está em perceber que o exército formado na Guerra do Paraguai ficou conhecido como um exército de negros, alvo de escárnio por parte dos paraguaios que chamavam os soldados brasileiros de macacos. Entre os oficiais do próprio exército, como Caxias¹⁷⁰, havia duras críticas ao corpo dos soldados, pondo em questão a sua eficiência e competência, pelo fato de haver negros entre os membros. Por um lado o exército aparece como palco onde apenas brancos se destacaram no comando e por

seu pedido de rendição. Os paraguaios respondem que jamais irão se render e acrescentam os seguintes versos: "Avança crânio pelado/ Vem procurar a própria cova/ O general desafortunado".

outro como uma agremiação de baixa qualidade militar, esta representação forjada ainda nos tempos da guerra em virtude da presença de negros. Isto significa dizer que perceber o exército como amador e ineficiente muitas vezes pode ser também, e sem a intenção disso, o reforço da ideologia presente no século 19 que também percebia um exército sem qualidade por se tratar de um exército de negros.

Ao mesmo tempo em que desqualifica Camisão pelas suas características morais, Taunay tecia elogios que procuravam de alguma maneira absolver o comandante para que fosse possível manter a moral da expedição. As críticas apareciam sempre ligadas a uma certa carência emocional, agravada com o envolvimento do comandante em uma retirada anterior e reprovada pela opinião pública, mas que fazia parte da personalidade de Camisão.

“Aceitou com fervor a oferta para comandar a expedição, vendo nela o meio para se reabilitar junto à estima pública, e nesse momento concebeu o projeto, não de se manter na defensiva, como teria exigido a razão, em vista dos poucos recursos de que podia dispor, mas de levar a guerra ao território inimigo, quaisquer que fossem as conseqüências! Essa idéia o dominava cada dia mais. Sob a influência de um ressentimento legítimo, acabou por se transformar numa decisão; malgrado a indecisão natural de seu caráter, acaso infelizes o impeliavam a novas desventuras.”¹⁷¹

Taunay defende durante todo o livro que Camisão tinha a idéia fixa de atacar o Paraguai sem pensar nas conseqüências de seus atos ou sem conseguir discernir qual seria o melhor momento para essa investida. Por isso, teriam sido sem efeito os conselhos oferecidos por outros oficiais da expedição, entre eles com certeza o próprio autor na medida em que defende o tempo todo que a coluna pare de atacar e

¹⁷⁰ No capítulo seguinte será feita uma discussão mais atenta sobre as críticas que Caxias fazia à presença de escravos no exército brasileiro.

retorne à corte. “Foram inúteis as observações que lhe fizeram a propósito do assunto; cego por sua suscetibilidade doentia, não aceitava sequer as objeções menos contestáveis.”¹⁷² Por outro, para mostrar que essa decisão de Camisão era apenas uma obsessão e não uma decisão racional e fruto do debate com outros oficiais, Taunay destaca sempre a hesitação como uma das principais características do comandante.

“O comandante, fortalecido em sua primeira resolução, não foi capaz, porém, de executá-la sem deixar transparecer algumas de suas antigas hesitações. Ele próprio fixara a partida para o dia 13 de abril, mas depois adiou-a para o dia seguinte, embora tudo já tivesse preparado desde o romper do dia e o corpo de exército aguardasse em formação de marcha. Sua nova determinação, aliás, só nos foi comunicada depois, dando o comandante explicações que causaram surpresa e alimentaram interpretações maldosas, principalmente a respeito das etapas estabelecidas.”¹⁷³

Taunay apresenta Camisão como hesitante mesmo quando o comandante parece decidido a avançar com as tropas. Quando Camisão toma a decisão de atacar sem consultar os oficiais aparece como intempestivo e sem razão, agindo para salvar a sua imagem perante a opinião pública. Quando reúne os oficiais para deliberar sobre um ataque, Taunay acredita que o comandante os consulta com a expectativa de obter uma negativa como resposta para justificar que a tropa não ataque e bata em retirada. Um episódio relatado pelo autor demonstra de forma bastante evidente as opiniões de Taunay sobre Camisão. Em um determinado momento da expedição, quando a coluna já padecia de fome e da falta de víveres, o comandante reúne a comissão de engenheiros, da qual Taunay faz parte, e os consulta sobre a possibilidade de uma ação ofensiva contra os paraguaios. Na interpretação de Taunay, a reunião serviria

¹⁷¹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 54.

¹⁷² *Idem.*

apenas para que Camisão obtivesse um documento que justificasse a desistência de atacar.

“Nesta situação extrema, as hesitações do coronel manifestavam-se com freqüência; ele chegou mesmo a insinuar que poderia ser forçado a retroceder a Nioaque e abandonar provisoriamente os projetos de ofensiva. Tentava dar a impressão de que a idéia nunca recebera uma acolhida favorável. Quis, em todo caso, dispor de um documento oficial que lhe desse respaldo e pudesse ser mostrado ao governo e à opinião pública: com este intuito, em 23 de março enviou um ofício ao presidente da comissão de engenheiros, ordenando-lhe que convocasse os membros para deliberar sobre a possibilidade de uma ação ofensiva e sobre os meios de executá-la.”¹⁷⁴

O que poderia ser a consulta sobre as possibilidades de atacar os inimigos, até com a intenção de fazê-lo, para Taunay passa a ser uma desculpa com respaldo técnico dos engenheiros para recuar sem que a opinião pública acusasse o comandante de covarde.

Para o autor, o resultado não foi o esperado por Camisão. Em meio a uma acalorada discussão entre os membros da comissão, sai a decisão de que o exército tem condições de atacar. A comissão estava dividida e é possível perceber que Taunay não queria o ataque porque afirma que “três membros da comissão tentaram várias vezes descrever a verdadeira situação do corpo do exército: insuficiência de víveres, absoluta falta de meios de transporte, inexistência de uma cavalaria, pouca munição, nenhuma esperança de reforço ou socorro para um punhado de homens em país inimigo”¹⁷⁵. O chefe da comissão, que devia decidir o impasse, é contra o ataque se o exército não tiver animais para alimentá-lo. Nesse momento, segundo Taunay, o guia

¹⁷³ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 75.

¹⁷⁴ *Idem* – pp. 62 – 63.

da expedição adentra o acampamento com uma leva de animais que havia acabado de trazer de sua fazenda a pedido do comandante Camisão. A decisão estava tomada e o próprio Taunay foi encarregado de redigir uma carta ao comandante informando que havia condições para continuar a marcha. A questão não é quem tinha razão, se o exército deveria atacar ou recuar, mas perceber que Taunay não colocava Camisão como defensor do ataque e ele próprio como adepto da retirada. O autor afirma que o comandante na verdade queria recuar mas era levado a atacar pelo medo de ser chamado de covarde.

Uma outra questão interessante é que, em muitos momentos, depois de fazer críticas ao modo de agir de Camisão, o autor descreve o comandante como “digno e firme, caracterizando-se, em todas as questões administrativas, por uma nobre integridade”.¹⁷⁶ Diz ainda que ninguém lhe contestava a posição de chefe, e que ele sabia mantê-la sobretudo por agir com naturalidade e cortesia. De qualquer modo, Taunay afirma que a morte, já observada neste trabalho como o único caminho para os negros, era a maneira de “absolver tudo e tudo consagrar”¹⁷⁷, referindo-se à imagem e ao destino do comandante. A morte reparadora de Camisão é anunciada no início do livro e descrita nas últimas páginas quando muitos membros da expedição, inclusive o comandante, foram acometidos pelo cólera.

“Em 29 de maio ficou evidente que chegara o fim do coronel. Várias vezes o sofrimento vencera a dignidade que ele tanto prezava. (...) E caiu num estado de torpor e sonolência; seu corpo cobriu-se de manchas violáceas. Às sete e meia, num esforço supremo, levantou-se do couro onde estava deitado, apoiou-se no capitão Lago e perguntou-lhe onde estava a coluna, repetindo

¹⁷⁵ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – p. 63

¹⁷⁶ *Idem* – p. 56.

¹⁷⁷ *Idem* – p. 90.

mais uma vez que a salvara; (...) Tentou afivelar o cinturão, mas, caindo, murmurou: 'Que as forças prossigam; irei descansar'. E expirou."¹⁷⁸

A morte repara as falhas, mas apesar disso Camisão permanece sendo um exemplo de hesitação e de uma mente pouco ligada à razão. Depois da morte de Camisão, a conclusão do autor é que o comandante era um “eterno sofredor”, que teve na experiência dessa expedição mais uma de suas habituais derrotas pessoais, dessa vez mais grave ainda porque o levou a morte.

“O próprio coronel Camisão sempre se empenhara muito em mantê-la (a disciplina); mas ele não possuía, como seu sucessor, nosso novo chefe, a arte de tornar fácil e agradável o dever por meio de maneiras comunicativas, e, embora estimado e respeitado pela tropa, que via nele um militar leal, vigilante, devotado aos interesses da justiça e da humanidade, seu humor taciturno acabou por lhe conferir, já perto do fim, sobretudo, um ar de eterno sofredor, o que fez com que todos efetivamente pensassem que o infortúnio o perseguia, coisa, aliás, que o próprio coronel Camisão parecia temer. Nada é mais funesto à reputação da autoridade: e que seja este o nosso último julgamento de uma existência tão dolorosa!”¹⁷⁹

¹⁷⁸ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 – pp. 224 – 225.

¹⁷⁹ *Idem* – p. 232.

REBOUÇAS: a crítica ácida aos comandantes

O fragmento do *Diário* de André Rebouças aqui analisado, publicado somente quase um século depois do final da Guerra, tem um caráter evidente de relato cotidiano dos acontecimentos. Nele intercalam-se descrições bastante técnicas e detalhadas do campo de batalha, da performance do exército e das armas, do clima e suas alterações, com comentários irônicos, sarcásticos, acompanhados de interjeições e na maior parte das vezes dirigidos contra os comandantes do exército brasileiro. Caxias, Osório, Tamandaré não são poupados por suas críticas.

Para Rebouças a crítica aos oficiais era um assunto que tinha prioridade. Acusa-os principalmente de incompetentes, por acreditar que tomam atitudes erradas, por não investirem quando então o deveriam fazer e especialmente critica a morosidade dos generais.

“Às 4h da tarde, deixávamos a margem do Paraná, ralados de desgosto pela vergonha que nos causara a leviandade dos nossos Chefes! Que horrível decepção! Desde 3 de Março que se espéra debalde pela subida da Esquadra, da qual nem um só navio tinha ainda no dia 15 sahido de Corrientes!!”¹⁸⁰

A maior parte das críticas aos superiores acontece relacionada à ocupação da ilha de Itapiru, localizada em frente ao Forte Itapiru, que fica no Paraguai. Os planos, que recebiam a aprovação de Rebouças, eram ocupar a ilha para a partir de lá invadir o forte e o Paraguai.

Mas o generais hesitavam em realizar esse plano porque ainda discutiam se o forte Itapiru seria o ponto mais adequado para chegar ao Paraguai. Essa demora Rebouças não tolerava. Ficava mais indignado ainda quando os superiores revelavam

¹⁸⁰ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866].

a intenção de desistir da ocupação da ilha às vésperas dos soldados executarem os planos.

“Às 6 da tarde estava no 1º Bam.¹⁸¹ D’Artilheria cuidando no melhor meio de levar as munições de calibre 12 independentemente dos carros manchegos que não dificultar o transporte e atravancar a ilha, quando passou o General Osorio e dêo ordem para suspender todo o trabalho, mandando dizer logo por um seu Ajudante de Ordens ao Dr. Carvalho que a operação não teria lugar. Foi indescritível o desgosto que em todos produziu tão absurda suspensão”.¹⁸²

Ainda enquanto comenta a atitude que não queria que tivesse sido tomada, Rebouças é mais pontual em sua crítica a Osório: “Meu Deos, meu Deos, que General!!! Para o melhor e maior Exercito que se há visto na America do Sul!”.¹⁸³ Aliás Rebouças é tão contrário às atitudes do general Osório que, mesmo quando o superior fala com ele num tom mais amistoso, o engenheiro usa isso como crítica.

“Às 4 horas ao voltar de determinar o ponto mais conveniente para o embarque à noite da artilheria, que tinha de ir para a Ilha encontrei o General Osorio que chamou-me, e pôs-se-me a pedir explicações sobre a operação que se ia tentar, em voz tão baixa e moderada, com um tom tão acanhado, que contrastava singularmente com a sua voz desabrida e as maneiras abrutadas que commumente affecta”.¹⁸⁴

Ainda como outra estratégia para atacar seus comandantes, Rebouças resolve elogiar oficiais ingleses em detrimento dos brasileiros: “Visitarão ao meio dia as fortificações da Ilha os oficiais Inglezes da guarnição do Transporte “Wiper” mais curiosos ou talvez menos medrosos que os nossos Generaes”.¹⁸⁵

¹⁸¹ Rebouças se refere ao 1º Batalhão de Artilheria.

¹⁸² Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p.52.

¹⁸³ *Idem* – p. 53.

¹⁸⁴ *Idem* – p. 52.

¹⁸⁵ *Idem* – p. 74.

Os negros também não aparecem de maneira explícita no texto de Rebouças, mas esse embate que acompanha todo o diário entre seu autor e seus comandantes pode ser lido como um latente conflito étnico e de classe. Rebouças não destaca os negros, nem ataca seus comandantes porque são brancos, mas talvez a emergência do conflito no texto aponte para um instrumento do qual o engenheiro negro podia dispor: a crítica. Ele chama a atenção para o modo de agir dos oficiais do exército aliado, quase todos brancos, que com certeza apostavam na hierarquia que mantinha os negros como subalternos. Rebouças ocupa um lugar, o de oficial do exército, ao qual um negro raras vezes chegaria. Mesmo sem se representar como negro, este é o momento, na guerra e pela palavra, em que ele tem a possibilidade de julgar e reprová-las as regras estabelecidas. Não destacar os negros no contexto talvez fosse a possibilidade de garantir uma certa igualdade de tratamento no conflito.

O engenheiro também faz constantes críticas à qualidade dos equipamentos utilizados pelo exército brasileiro. “Pode-se afiançar que a construção do “Barroso” é fortíssima mas o systema é máo: a casamata quadrada offerece grande superficie ás balas”.¹⁸⁶ Não apenas os navios são alvo de Rebouças. Ele também reclama da qualidade de granadas e canhões. “As nossas granadas continuarão a desgostar-nos arrebetando ao sahir da bôca de fogo por sua descuidada fundição”.¹⁸⁷ Rebouças acusa os fornecedores de fazer propositadamente equipamentos com defeito. Segundo a organizadora desta edição do diário de Rebouças, Maria Odila Silva Dias, em uma anotação no alto da página o autor escreveu “fraudes dos fornecedores”.

¹⁸⁶ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 58.

¹⁸⁷ *Idem* – p. 75.

Muitos fornecedores de armamentos, munições e comida enriqueceram com o prolongamento da guerra por muitos anos e por vender produtos com defeitos, o que forçava o exército a adquirir mais do que precisaria num primeiro momento.

“Ao carregar-se o 2º canhão do Baluarte da esquerda fez elle explosão pela pessima qualidade da flanella, empregada nos saccoes quebrando um braço ao excellente Servente Vicente Ferreira da Silva e inutilizando o dêdo pollegar direito do distincto Chefe da mesma peça Jeronymo Francisco”¹⁸⁸

Ao lado da crítica de Rebouças aos comerciantes, ele tece elogios a um soldado, o servente Vicente, mostrando que impaciência e as críticas do autor são destinadas sempre aos seus superiores e não a quem ocupava postos de menos importância na hierarquia militar.

Sem dúvida, Rebouças era muito mais indignado com seus superiores do que Taunay. Alfredo Taunay escolheu o tipo de texto ao qual queria que seus leitores tivessem acesso. Ele voltou de sua expedição, escreveu o livro com as informações que não o comprometeriam e o publicou. Recebeu os louros por seu trabalho e deixou para cinquenta anos depois de sua morte a publicação das críticas que não quis fazer em vida. Mesmo assim, nem em seu livro de memórias Taunay foi tão ácido quanto Rebouças. O que se tem de Rebouças é um diário pessoal com muitas informações que talvez o autor não tivesse o desejo de tornar públicas. O discurso público ficou para o diário escrito por Rebouças à Comissão de Engenheiros, a mando do chefe da Comissão, Dr. Carvalho. As palavras do autor aos seus chefes são bastante mais brandas. Em nenhum momento Rebouças pede a Deus que testemunhe a debilidade daqueles generais. Mais uma vez está em jogo a fala pública e publicável e o discurso que não deve ir a público. É importante perceber que os jogos de poder, a hierarquia e

o momento histórico são fundamentais para a construção dos relatos. Através da comparação entre esses dois autores é possível conhecer um pouco mais de outros aspectos da guerra, a convivência entre os membros dos quartéis, o dito e não dito.

Uma revolta latente

Maria Odila da Silva Dias acredita que as constantes críticas de André Rebouças aos superiores do exército e às estratégias de guerra dos aliados se devem ao “arroubo de seu temperamento” e ao seu “estado psicológico de revolta latente”.¹⁸⁹ Tudo isso em decorrência de uma série de preconceitos sofridos por Rebouças pelo fato de ser negro. Há uma preocupação de Maria Odila em relacionar as críticas e as crenças de Rebouças a traumas causados pela discriminação. É importante colocar que o autor viveu num dos piores períodos para os negros no Brasil, quando ainda eram escravos e mais inferiorizados do que nunca. Rebouças era negro e sentiu muitas vezes o peso do preconceito, chegando até a perder oportunidades como bolsas de estudos. Por isso, é necessário salientar que Rebouças estava do lado mais fraco da corda e acreditava que essa situação deveria mudar. Tanto que participou da luta abolicionista junto com José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. Mas Maria Odila associa essa visão de Rebouças contra a escravidão dos negros ao que chama de “estado psicológico de revolta latente”.

A autora também atribui aos traumas de Rebouças um possível desejo do autor de se colocar em destaque para valorizar a si próprio. “A mentalidade de Rebouças e a rebeldia de seu temperamento refletem-se em cada página do seu *Diário*, permeado

¹⁸⁸ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 105.

também da necessidade incontida que tinha de valorizar-se a si próprio, o que se manifesta, no dia a dia, em freqüentes repentes de auto-afirmação”.¹⁹⁰ Rebouças realmente pontua seu *Diário* com uma série de passagens em que descreve sua atuação entre os chefes dos aliados e até reforça as partes em que recebe elogios dos superiores. Uma dessas passagens, inclusive usada por Maria Odila como exemplo, é quando conta a visita do ministro polipotenciário do Império ao acampamento de Tala Corá. Rebouças diz que o ministro o recebeu como a um parente e “perguntou, abraçando-me, como ia com as coisas. Já cansado, respondi-lhe, de aturar a inércia destes velhos”.¹⁹¹ Rebouças se referia ao General Osório e a Tamandaré. Mas não se pode dizer que essa maneira de representar a si mesmo esteja relacionado a traumas ou a preconceitos anteriores. Primeiro, André Rebouças tinha direito de se colocar como um dos membros importantes do exército porque ocupava um posto de destaque na expedição em que participava. Rebouças era 2º Tenente da Comissão de Engenheiros, patente alcançada por Taunay apenas quando retornou à Corte no final da expedição do Mato Grosso.

Além disso, Rebouças parece um profissional qualificado em seu trabalho de engenheiro durante a guerra. Ele fazia todos os mapas das batalhas com cálculos bastante precisos para a época, calculava as distâncias possíveis de se atingir com cada tipo de arma, entre outras atividades técnicas que dependiam de muita qualificação. Em *A retirada da Laguna*, Taunay fala apenas da sua participação na construção das pontes utilizadas pelo exército quando precisava cruzar rios, mas não entra em detalhes sobre o seu trabalho. Para completar, mesmo que Rebouças busque

¹⁸⁹ Maria Odila da Silva Dias, “Introdução”, 1973.

¹⁹⁰ *Idem.*

¹⁹¹ Cf. Rebouças, 1973 [1866] *apud* Maria Odila da Silva Dias, 1973 – p. 17.

em sua narrativa um destaque para si próprio, não age diferentemente de outros oficiais. Taunay também procura se destacar como membro da expedição, como criador das novas bases para a literatura brasileira e como um homem muito bonito e irresistivelmente charmoso. Apesar de toda a campanha feita por ele mesmo em cima de sua própria imagem, nenhum autor jamais relacionou seu narcisismo ou suas idéias ao fato de ser branco e descendente de franceses.

O único caminho para a liberdade

André Rebouças resalta uma especificidade de alguns dos negros nas expedições que acompanhou. O autor fala do Zuavos, mas não explica quem são. Diz apenas que um voluntário ferido por uma bala havia sido levado ao vapor “Duque de Caxias”, transformado em hospital. Lá estavam servindo vinte e dois zuavos sob o comando do seu alferes Ângelo Benedicto Martyr. A explicação sobre quem foram os zuavos vem através de nota de Maria Odila da Silva, que também relata a impressão que o general Dionísio Cerqueira teve deles. Os zuavos eram voluntários da Bahia. Todos negros, inclusive seus oficiais.¹⁹² Mas o corpo dos zuavos foi dissolvido mais tarde pelo general Osório, que distribuiu os seus componentes pelos demais batalhões.¹⁹³ Dionísio Cerqueira se ocupa em descrever os uniformes dos zuavos, que eram diferentes dos comumente usados pelo exército: “largas bombachas vermelhas presas por polainas que chegavam à curva da perna, jaqueta azul aberta com bordados de trança amarela, guarda-peito do mesmo pano, o pescoço limpo sem colares, nem

¹⁹² Maria Odila da Silva Dias, 1973 – p. 71.

¹⁹³ Cf. Osório *apud* Maria Odila da Silva Dias, 1973.

gravata e um *fez* na cabeça”.¹⁹⁴ Os zuavos são citados novamente por Rebouças quando redige uma lista com os nomes dos heróis do dia, entre eles muitos mortos e feridos. Rebouças, que diz ter feito essa lista de heróis à luz de palitos de fósforos acendidos sucessivamente pelo amigo capitão Tamborim, não discrimina os nomes dos soldados zuavos. Apenas escreve “Contingente de Zuavos”.¹⁹⁵

Selvagem é sempre o outro

Os paraguaios caricaturavam os seus inimigos brasileiros pelo fato do exército aliado ser composto por vários negros. Rebouças registra a apreensão junto a um paraguaio de vinte e quatro quadras impressas com o título “A los cambai”. Cambai significava macaco e era como os paraguaios se referiam aos brasileiros. Periódicos paraguaios como o *Cabichuy* circulavam clandestinamente pelo acampamento aliado e traziam desenhos dos soldados e dos oficiais brasileiros representados como macacos.¹⁹⁶ Para os paraguaios era uma tentativa de desqualificar os inimigos, assim como faziam os brasileiros quando os chamavam de primitivos. Rebouças e Taunay utilizam essa mesma expressão para se referirem aos paraguaios.

Há momentos em que Taunay trata os inimigos de primitivos e os brasileiros de civilizados no episódio em que os paraguaios utilizam a tática de se atar à sela do cavalo para que seu corpo não fique com os aliados caso o soldado seja alvejado. Com o corpo amarrado à sua montaria, o soldado ferido ou morto seria levado de volta ao

¹⁹⁴ Cf. Cerqueira *apud* Maria Odila da Silva Dias, 1973.

¹⁹⁵ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866].

¹⁹⁶ Lília Moritz Schwarcz. *As Barbas do Imperador*, 1998 – p. 307.

seu acampamento quando seu cavalo seguisse os demais na hora do exército se retirar da batalha. Isso quase sempre funcionava. Mas Taunay insistia em chamar a estratégia de selvagem: “... chegam alguns a tomar a precaução de amarrar na cintura a ponta de um laço que trazem sempre consigo, prendendo firmemente a outra extremidade no arção da sela; assim se caírem mortos ou gravemente feridos, seu cavalo, acompanhando os outros no retorno, os arrastará também, ainda que em pedaços; precaução selvagem, mas não destituída de grandeza”.¹⁹⁷

Rebouças consegue fazer uma mistura ainda maior. Ele chama os paraguaios de primitivos por agirem como índios e serem quase femininos.

“Os Paraguayos tem costumes ainda primitivos; logo que desembarcarão na Ilha fizêrão uma grande açuada batendo na bôca como os Índios. Quando se lhes perguntava, quem vem lá? Uns respondiãõ com o seu metal de voz especial, quasi feminil, que logo os denunciava “son brasileiros”, outros, suppondo talvez intimidar-nos, respondiãõ “son los paraguayos que vem matar los cambays”.¹⁹⁸

Em outro momento o autor acredita estar levando a liberdade aos paraguaios. “Deos proteja e conduza os generosos redemptores do misero povo Paraguayo! Traga o Sol d’amanhã á esta mísera terra o mais precioso dos dons – a liberdade”.¹⁹⁹

Alai Garcia Diniz chama a atenção para o fato de que o “corpo inimigo” em ambos os lados do conflito era representado por duas etnias vistas como subalternas em relação aos brancos europeus.²⁰⁰ “Essa representação étnica diferenciada da branca, européia condenava a identidade inimiga a funcionar culturalmente como um

¹⁹⁷ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 147.

¹⁹⁸ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 85.

¹⁹⁹ *Idem* – p. 104.

²⁰⁰ Alai Garcia Diniz, *Máquinas, corpos, cartas: imaginários da Guerra do Paraguai*, 1997 – p. 152.

estigma de inferioridade em ambos os casos.”²⁰¹ Talvez seja possível apenas ainda ressaltar uma pequena diferença na forma como cada parte tratava o seu inimigo. Os paraguaios identificavam o exército aliado aos negros, como se isso tornasse o inimigo inferior, apoiando-se nas teorias raciais que se disseminaram no século 19. Enquanto que os aliados, ou pelo menos no caso dos brasileiros Taunay e Rebouças, relacionavam o exército paraguaios aos índios e, por consequência, como parte da natureza.

A postura dos aliados também era de desqualificar o inimigo, buscando interpretações essencialistas para descrever seu comportamento, como a de percebê-los como sem razão, movidos pelos instinto. O ponto de tensão está no fato de que a identidade que se estava tentando forjar para o “povo brasileiro” dentro do Brasil, portanto uma identidade positiva, também passava pela figura do índio. Taunay se orgulha em dizer que ninguém tanto quanto ele havia se aproximado dos indígenas brasileiros, compreendia-os e falava a língua deles. Então, relacionar os paraguaios aos índios talvez estivesse mais ligada à idéia de dominá-los, já que pertenceriam à natureza, também alvo da dominação dos “civilizados”, do que com uma tentativa de escárnio. Por outro lado, ao falar dos índios guaicuru que acompanhavam a tropa brasileira, ele ressalta a indolência e a irracionalidade do comportamento desses índios.

Os paraguaios são descritos como índios selvagens, mas valentes. Eram irracionais que descobririam em seguida a salvação nos dominadores aliados. Alai ainda salienta que “em realidade não havia oposição à priori entre os corpos de

²⁰¹ Alai Garcia Diniz, *Máquinas, corpos, cartas: imaginários da Guerra do Paraguai*, 1997 – p. 153.

exclusão: o guarani e o negro”²⁰². Diante desta afirmação é importante lembrar que a representação do inimigo na maior parte das vezes não era feita nem pelos guaranis nem pelos negros. Grande parte dos relatos certamente deve ter sido produzido pelos que representavam as elites de cada exército: brancos que escreveram em português e espanhol.

²⁰² Alai Garcia Diniz, *Máquinas, corpos, cartas: imaginários da Guerra do Paraguai*, 1997 – p. 194.

Capítulo 3

Autores anônimos

Inicialmente e até a metade do trabalho, a pesquisa estava sendo pensada no sentido de contrapor o romance de Taunay ao diário de Rebouças. A idéia era que, com objetos que vão da anotação do cotidiano da guerra como o diário até o texto elaborado do romance, fosse possível ter um campo maior onde encontrar ao menos vestígios de representações dos negros no conflito. Confrontar o diário ao romance não significa buscar uma autenticidade no diário e uma falsidade ou falta de veracidade no romance, até porque é preciso reforçar que se está lidando o tempo todo com representações e não com o que pretensamente tenha acontecido.

Mas inicialmente o diário aparecia como uma possibilidade de fala onde poderiam aparecer uma variedade maior de temas que talvez não aparecessem nos romances daquele período. O diário de guerra é uma representação do cotidiano, enquanto que o romance pode aparecer mais atrelado às regras do gênero na época. Em princípio no diário, o autor escreve para si mesmo e não com a intenção de publicar e divulgar o seu texto. É inicialmente um depoimento secreto, para ficar longe do alcance de outras mãos que não sejam as do seu autor. Essa perspectiva aparecia ainda mais forte como possibilidade comparando o romance de Taunay, *A retirada da Laguna*, e seu livro *Memórias*, uma espécie de diário, que o autor só permitiu que fosse publicado cinquenta anos depois de sua morte.

Mas Viñao alerta justamente para o fato de que a escritura de um diário também pressupõe um leitor. Nessa medida, é um texto que, tanto quanto o romance,

se faz como construção cultural, que reflete as contradições e os códigos da sua época. Nessa medida, apesar das expectativas iniciais e por contraditório que possa parecer, o silêncio a respeito da presença dos negros na Guerra do Paraguai em ambos os autores falou ainda mais alto. Por isso, continua sendo difícil encontrar menção aos negros tanto no romance de Taunay quanto no fragmento analisado do diário de Rebouças. O contraponto ao silêncio dos dois autores foi encontrado apenas no anonimato de cordéis e de artigos de jornal, ou seja, textos em que a autoria não está localizada em um sujeito reconhecido e público e que fogem às formas consagradas. A partir da análise desses textos, em geral menos autorizados porque anônimos, passou a ser possível fazer falar um pouco mais o silêncio dos autores do diário e do romance, e na mesma medida proporcionou o confronto com falas claras, no sentido de visíveis, sobre os negros no conflito.

Jornal Democracia

Alguns dos textos que serão analisados foram publicados pelo jornal paulista *Democracia*, no ano de 1868. Todos os textos do periódico eram assinados por pseudônimos e não havia expediente onde em geral aparecem os nomes do jornalista responsável e dos colaboradores daquela edição. A autoria não era conhecida mas a auto-definição do jornal era explícita e publicada nas suas páginas: “Em uma palavra: em política sustenta as idéias republicanas; como socialista – a democracia christã.” Além de sustentar a defesa dos ideais republicanos e a doutrina liberal, o jornal propunha um programa, chamado de “tese do jornal”, onde listava temas a serem discutidos ao longo das edições.

Entre os assuntos propostos para o debate, ou teses, estão a Aliança Federativa Republicana da América; a absoluta liberdade de consciência e de cultos, de ensino, de imprensa, de comércio, de indústria, de associação e reuniões pacíficas; a abolição da escravatura, de exércitos permanentes, da guarda nacional, da pena de morte e da religião do Estado; a temporariedade do Senado; o desenvolvimento comercial, agrícola, industrial e artístico; a descentralização e as reformas administrativas; o sufrágio universal e a eleição direta.²⁰³ É importante salientar que nesse momento não é possível dizer que todas essas teses eram defendidas pelo jornal. Os autores inclusive têm o cuidado de dizer que se propõem a discutir os temas e não que são defensores da totalidade dos assuntos. Talvez um estudo mais detalhado do periódico, analisando um número maior de edições, possa refletir a esse respeito. De qualquer forma, a exposição do programa do jornal, publicado em seu segundo ano de existência, serve para mapear muitos dos temas tratados ao longo das edições através de artigos.

Conforme Zilá Bernd e Margaret M. Bakos, que analisaram jornais editados no Rio Grande do Sul na segunda metade do século 19, a imprensa gaúcha do período costumava perceber “a escravidão como crime, como ato de crueldade cometido pelos senhores, não chegando a percebê-la ou a denunciá-la como um defeito da estrutura social vigente.”²⁰⁴ Os textos da imprensa do Rio Grande do Sul naquela época tentavam convencer os leitores de que os negros precisavam de “libertação” e não propriamente de “abolição” do sistema social. “O discurso literário constrói-se, assim, em torno de um campo semântico da denúncia da crueldade, do martírio dos escravos,

²⁰³ *Jornal Democracia*, n.º. 31, ano II, São Paulo, de 04 de julho de 1868. Os jornais podem ser encontrados no Museu de Comunicação José Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

²⁰⁴ Zilá Bernd e Margaret M. Bakos, *O negro: consciência e trabalho*, 1998 – p. 31.

da dor e do sofrimento de um grupo étnico a quem tudo era negado”²⁰⁵. As autoras classificam esse momento do jornalismo gaúcho, mas que em certa medida talvez possa se aplicar à imprensa de outros estados do país, na segunda fase do jornalismo, definida por elas como pertencente a época que vai de 1860 a 1895.²⁰⁶

O jornal *Democracia*, de alguma forma, estaria de acordo com essa segunda fase do jornalismo, sendo contemporâneo à escravidão e defendendo idéias abolicionistas. O jornal traz quase sempre textos, em diferentes gêneros, a respeito da escravidão e mais do que isso, artigos que defendem a abolição da escravatura.

Um dos sonetos publicados com pseudônimo anuncia na primeira linha do texto que se trata de resposta ao “fazendeiro do *Jornal do Commercio* de 29 de junho”. Com o título de “Emancipação da escravatura”²⁰⁷, o texto apresenta o dono de escravos como tirano e pede a Deus que ampare os que vivem na escravidão. O conteúdo é claramente antiescravista, apesar de não propor ou atribuir qualquer atitude de rebeldia aos próprios escravos e de mostrá-los apenas como imbuídos de muita paciência. Na primeira estrofe do soneto, a escravidão é representada como um conflito entre, de um lado, um senhor de escravo visto como tirano e, de outro, os escravos, descritos inicialmente como pacientes.

²⁰⁵ Zilá Bernd e Margaret M. Bakos, *O negro: consciência e trabalho*, 1998 – p. 29.

²⁰⁶ A primeira fase, segundo a classificação criada pelas autoras, inicia em 1827 com a fundação do jornal *O Diário de Porto Alegre*, e abrange o período em que os periódicos publicavam apenas anúncios de venda, aluguel e denúncias de fugas de escravos. Zila Bernd e Margaret M. Bakos percebem a chamada segunda fase ainda em dois momentos: a fase contemporânea à escravidão e à pós-abolicionismo. O jornal *Democracia*, acompanhando a classificação das autoras, aparece na primeira parte da segunda fase, e mais especificamente o texto apresentado se aproxima das análises que elas fazem do jornal *A Voz do Escravo*, editado na cidade de Pelotas. Era um momento em que os jornais eram escritos por abolicionistas em sua maioria brancos e os textos representavam os escravos como coitados, sem os colocar como sujeitos da fala ou do texto. No segundo período, o pós-abolicionista, surgem jornais como *O Exemplo* (1892), dirigido por negros que se reuniram em Porto Alegre contra manifestações de discriminação racial. A terceira fase começa em 1895 com a criação do *Correio do Povo*, que se considerava um órgão fundado fora dos partidos políticos, e vai até os dias atuais.

“Ao ver a tirania do senhor/
Para com tristes seres, que innocentes/
No galé suportam pacientes/
A fome, a nudez e o dissabor”²⁰⁸.

Na segunda estrofe, os escravos são representados como pobres criaturas, mal alimentados pelos seus senhores.

“Ao ver que (...) o melhor
É dar de comer aos pobres entes
Grãos faríneos, que, de carne ausentes,
Nem forças lhes dão ao crú labor”²⁰⁹.

Segundo Bernd e Bakos, essa representação dos escravos como coitados, “desgraçados”, sempre num tom de piedade ou horror, era recorrente mesmo na imprensa abolicionista.²¹⁰

A autoria dos textos, pelo menos no caso do jornal *Democracia*, não pode ser apontada, no que diz respeito ao conteúdo dos artigos. Os negros não apareciam como sujeitos, capazes de se expressar e de lutar pelo seu desejo à liberdade. No caso do trecho do soneto do *Democracia*, o único futuro próximo é pensar no que dar de comer aos seus “pobres entes”. Nas estrofes seguintes, a solução possível é Deus:

“Peço-te, oh Deus! Ampara o que na terra
Geme na escravidão – a bom gemer!..
Ampara o paiz que move a guerra.”

²⁰⁷ Veja a transcrição integral do soneto “Emancipação da escravatura” no Anexo 1.

²⁰⁸ Trecho do texto “Emancipação dos Escravos”, publicado no jornal *Democracia* de 18 de abril de 1868, São Paulo.

²⁰⁹ *Idem*.

²¹⁰ Zila Bernd e Margaret M. Bakos, *O negro: consciência e trabalho*, 1998 – p. 32.

Contra quem com furor e sem temer
Quer vêr se [?] também nos ferra...
Para dar-nos também - grãos à comer.²¹¹

Ou seja, não é pensada a possibilidade de o próprio escravo se levantar contra sua situação.²¹²

O autor além de tratar dos negros “innocentes” e da “tirania do senhor”, toca num outro tema recorrente no período: a Guerra do Paraguai. Ele pede a Deus que ampare ao mesmo tempo os negros que vivem na escravidão e o país que luta na guerra, mas os negros ainda aparecem no texto numa posição passiva. Aos “pobres entes” resta dar “grãos faríneos”, ao mesmo tempo em que o país “que move a guerra” luta “para dar-nos (...) grãos a comer”. O texto não menciona a presença de negros no combate contra o Paraguai, algo que vai aparecer em outros artigos do mesmo jornal.

Enquanto jornais como o *Reforma* publicava anúncios de compra, venda e aluguel de escravos em 1870²¹³, o *Democracia* dois anos antes não tinha esse tipo de texto em suas páginas. Pelo contrário, costumava veicular artigos contra a escravidão,

²¹¹ Trecho do texto “Emancipação dos Escravos”, publicado no jornal *Democracia* de 18 de abril de 1868, São Paulo.

²¹² Um dos exemplos citados por Zila Bernd e Margaret M. Bakos é um texto também do jornal *A Voz do Escravo* em que o negro é cruelmente castigado. O escravo não é visto com o menor poder de reagir nem de se organizar junto com os outros cativos contra a escravidão ou mesmo de refletir sobre a sua condição social. É o “miserável escravo” vítima de “tamanho selvageria”. Enquanto as pessoas que assistiram a tudo “indignadas” são chamadas de cidadãos.

²¹³ A edição do jornal do Partido Liberal *Reforma*, editado na cidade Porto Alegre, publica no dia 20 de janeiro de 1870 dois anúncios de comercialização de escravos. O primeiro diz respeito ao oferecimento de uma escrava para alugar no número 14 da Rua dos Andradas, até hoje uma das principais ruas do Centro da cidade, mais conhecida como Rua da Praia. O outro anúncio divulga a compra de escravos também na Rua dos Andradas, em frente ao banco da província. Mas ainda faz a observação de que devem ser “escravos crioulos que sejam moços”. Algumas edições desse periódico podem ser encontradas no acervo do Museu de Comunicação José Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

apesar de poucas vezes colocar os negros como sujeitos dos textos, muitos deles irônicos em relação aos abusos de autoridade da polícia em relação aos escravos.

Esse é o caso de um texto chamado “Um agente da polícia imperial”²¹⁴, que transcrevia informações de uma nota oficial publicada pelo jornal baiano *Alabama*. O inspetor de polícia, denominado no texto como M.J.B., escreveu cinco regras de conduta:

- “1º. das oito horas da noite de hoje em diante, *ninguém* andará nas ruas sem bilhete de seu senhor.
- 2º. Toda pessoa que vir um ajuntamento *ilícito*, em uma parte, não se meta nella, pena de prisão perpétua logo sem mais remissão e nem agravo.
- 3º. He proibido andarem pretos *parados* pelas vendas.
- 4º. Ninguém poderá vender bebida, nem dar a quem já estiver embriagado.
- 5º. O que for designado para a guerra não me faça andar atrás dele como sucedeu com o filho de comadre Totonha, pois não tolero mais, que neste verídico assunto da guerra não tenho ligações com mulher nem homem, que assim me foi ordenado. Ficam revogadas as leis em contrário, e por isso fiz este que prego na porta de casa, para todos lerem...”

O jornal paulista acrescenta apenas uma frase antes da transcrição do texto oficial assinado pelo “inspetor aprovesionado M.J.B.” e carrega de uma ambígua ironia: “Do ‘Alabama’, jornal que se publica na cidade da Bahia, transcrevemos a seguinte peça oficial, digna da admiração pública e da capacidade intelectual do seu autor”. O texto não faz acusações diretas ao oficial que redigiu a mensagem mas deixa no ar a possibilidade de que a sua capacidade intelectual não pertence a uma mente muito brilhante. A interpretação do tom como irônico é reforçada no decorrer da reprodução

²¹⁴ Transcrito na íntegra no Anexo 2.

do artigo do inspetor na medida em que o jornal, possivelmente por conta própria, vai fazendo grifos em itálico em expressões e palavras específicas.

No primeiro item, o inspetor determina que, depois das oito horas da noite, *ninguém* (a palavra aparece grifada na página do jornal) “andarás nas ruas sem bilhete de seu senhor”²¹⁵. O que leva a crer na possibilidade da ironia é que, caso o grifo seja do jornal, a pergunta fica sendo se todas as pessoas vão ser inquiridas sobre seus bilhetes, considerando que apenas os negros escravos os possuíam. Do mesmo modo, o terceiro artigo do inspetor diz “He proibido andarem pretos *parados* (em itálico no jornal) pelas vendas.” A Guerra do Paraguai aparece no quinto item, e o mais extenso, em que o inspetor pede aos que forem convocados para a guerra que não o façam correr atrás para fazer cumprir o alistamento. O oficial lembra até o caso, que parece conhecido de todos devido ao grau de informalidade e brevidade com que trata o assunto, ocorrido com “o filho de comadre Totonha”. Ele não explica o que aconteceu, mas é possível imaginar que o rapaz tenha fugido assim que foi convocado para ir à guerra.

Apesar de avisar que “neste assunto de guerra não tenho ligações com mulher nem homem”, a ameaça e todo o restante da nota parecem ter endereço certo entre os negros da região. Afinal, proíbe andar sem bilhete do senhor, “ajuntamento *ilicito* (também grifado no jornal) com pena de prisão perpétua logo sem mais remissão e nem agravo”, negros nas vendas, venda de bebida e fuga da guerra. Um jornal que discute textos sobre a abolição da escravatura, grifa em itálico as palavras no mínimo duvidosas ou polêmicas do texto e que inicia a publicação da nota admirando-se da capacidade intelectual de seu autor tem grandes chances de estar lançando mão da

ironia no que diz respeito à publicação do ofício. Aliás, resta dizer que a nota foi inicialmente afixada na porta da casa do inspetor para que todos tomassem conhecimento do seu conteúdo. Os jornais abolicionistas ao mesmo tempo que rompiam regras sociais e culturais estabelecidas também esbarravam nos limites do seu tempo. “Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma janela flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”²¹⁶.

O soneto “O exército na guerra”²¹⁷ é um outro texto publicado pelo jornal *Democracia*, de 1868, desta vez sendo ainda mais explícito ao apresentar o tema da Guerra do Paraguai em sua páginas. O texto dedica evidentemente duas estrofes para falar de negros lutando na guerra enquanto paradoxalmente ainda existe a escravidão. O autor é anônimo e o texto é assinado apenas com o pseudônimo “Alferes”, que não se pode dizer que se refira a um negro, mas é um posto que poderia ser ocupado por negros por não ser uma divisão elevada na hierarquia do exército. Mas é certo que o “Alferes” faz referência a um negro. O início do soneto questiona como se pode pedir resignação em relação à escravidão aquele bravo que arrisca a vida pela pátria.

“Porque? Resignação contra a *injustiça*

Impõe-se ao bravo que despreza a vida

Em prol da pátria, que lhe é tão q’rida...

²¹⁵ “Um agente da polícia imperial”, artigo publicado no jornal *Democracia*, São Paulo, de 04 de julho de 1868, página 04, na mesma edição em que publica as teses do semanário, analisadas anteriormente.

²¹⁶ Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes*, 1987 – p. 27.

²¹⁷ “O exército na guerra”, texto publicado pelo jornal *Democracia*, São Paulo, em 13 de junho de 1868 – p. 04. A transcrição integral do soneto está no Anexo 3.

Quando se afaga a do lar molle preguiça?”²¹⁸

A idéia fica ainda mais evidente na medida em que o jornal destaca a palavra “injustiça” com uma nota ao pé da página dizendo que “no modo de entender do alferes esta phrase significa a escravidão sob a pressão do sofrimento mudo”²¹⁹.

Na segunda estrofe, a referência ao campo de batalha é evidente:

Porque? Resignação a quem na liça
Tem por leito o lamal, sempre homicida,
Tem por cobuta e por fatal guarida
Nuvem de balas, horrída abatiça?!...”

Para reforçar o sacrifício vivido pelos soldados e fazer da atuação heróica dos negros na guerra mais um motivo para se exigir o fim da escravidão, o alferes dedica toda essa estrofe descrevendo as condições precárias do cenário do conflito. Passada boa parte no interior do Brasil, nas regiões que fazem fronteira com Paraguai, Uruguai e Argentina, um dos fatos que mais ecoam dessa guerra, inclusive tratado à exaustão por Taunay, é a insalubridade dos locais onde se travaram as lutas. Taunay descreve vários momentos em que o terreno lamacento do Pantanal brasileiro e o cólera acabaram com as forças e a vida de centenas de soldados. O alferes também dá destaque às dificuldades do percurso

As duas últimas estrofes reforçam a idéia de que é contraditório pedir que um negro lute na guerra, com um relativo status de cidadão, por um país que ainda o considera objeto de comercialização.

²¹⁸ Parte da primeira estrofe do texto “O exército na guerra”, impresso na página 04 do jornal *Democracia*, São Paulo, em 13 de junho de 1868.

²¹⁹ Observação do editor no rodapé do texto “O exército na guerra”, publicado pelo jornal *Democracia*, São Paulo, em 13 de junho de 1868 – p. 04.

“Heroe, difficil não crê - no que é humano!...

E se a pátria salvou, morte arrostando,

Não se resigna - se lhe causão damno:

Crê Lopez feroz ser outro bando

Quem injusto ao heroe, é lhe tyramno

E eil-o do lar a traição por si vingando

O soneto apoia a guerra e ataca Solano López, mas questiona a escravidão e o papel dos negros na guerra. Essa busca do reconhecimento ao herói negro também tem relação com uma proposta difundida em outros artigos do jornal de defender o destaque e uma certa deferência aos heróis individuais da guerra. O *Democracia* não apenas defende essa posição como reclama da falta de reconhecimento a esses heróis.

Em nome do pai

“De um pai a seu filho que está na Guerra do Paraguai, há anos como alferes do 51º. Batalhão de Voluntários.”²²⁰ Assim se intitula um dos textos mais expressivos e engajados publicados no jornal *Democracia* no período da guerra. O periódico teoricamente reproduz a carta de um pai, que assina apenas “Futuro”, a seu filho soldado.

“Filho! Nesse triênio

Em que tens vida estragado;

Ainda restam forças,

Inda queres ser soldado?!...

²²⁰ O texto foi publicado sem título no jornal *Democracia*, São Paulo, de 06 de junho de 1868 – p. 04. O texto é transcrito no Anexo 4. O periódico pode ser encontrado no acervo do Museu de Comunicação José Hipólito da Costa, em Porto

Olha, que os grandes de terra
Tem seus meninos do peito,
Que sobem logo a majores
Com artimanha e com jeito”²²¹

Ele denuncia que apenas os filhos de famílias abastadas e de poder conseguem ocupar cargos de alta patente no exército brasileiro. Mais do que isso, o pai afirma que os negros são sempre preteridos desses postos para dar lugar aos herdeiros das elites econômicas e políticas do país. No início, o pai questiona se o filho ainda deseja ser soldado, mesmo sabendo que outros serão reconhecidos, jamais ele por seus três anos de serviços prestados à guerra. Já é possível detectar que seu filho é preterido por soldados de outra condição social, mas ainda não fica claro quem são os “escolhidos” a comandar e a que grupo pertence o alferes.

A identidade dos “meninos do peito” e do soldado que tem “vida estragado” fica explícito apenas nas duas últimas estrofes da “carta”.

“Não cures ter promoção.
Dos grandes a própria lei,
É servir aos seus adeptos,
E olvidar os d’outra lei:

Distribuir postos aos seus,
Aos nhonhês fazer barão;
Ao passo que forte intimam
Plebeu – resignação!!...”²²²

²²¹ *Idem.*

²²² Última parte da “carta” ao filho alferes, publicado sem título no jornal *Democracia*, São Paulo, de 06 de junho de 1868 – p. 04.

Com a expressão “nhonhês” fica evidente que o filho alferes trata-se de um soldado negro, enquanto os agraciados com constantes e facilitadas promoções são os filhos dos senhores de engenho. Da mesma maneira que os “d’outra lei” esquecidos pela lei dos grandes são provavelmente aqueles submetidos à outra lei, a outro regime, o regime da escravidão.

Não é possível constatar, e nem seria este o objetivo, se o texto é a reprodução de uma carta que um pai enviaria a seu filho alferes que estaria há três anos lutando na Guerra do Paraguai – não há sequer o nome de ambos. A carta-poema é um espaço para que a questão da ida dos negros à guerra seja discutida e para que o jornal tome a sua posição em relação a isso. O *Democracia*, com a publicação desse texto, mexe no problema e denuncia as desigualdades de tratamento no exército brasileiro, ainda que usando a fachada de um pai que denuncia uma injustiça contra seu filho e não propriamente tem autoridade e reconhecimento para atacar os ditames da instituição militar.

Enquanto os negros ganham, segundo Ricardo Salles²²³, alguns direitos de cidadania quando são incluídos entre os voluntários da pátria, continuam sendo preteridos e não chegam a ter nem de longe as oportunidades oferecidas aos os filhos dos senhores.

Talvez esse tema possa ser melhor analisado se for trazido à discussão as reflexões de Paul Veyne a respeito do conceito de sujeito. Para o autor, a subjetividade é a “identidade de si”²²⁴ e o conceito de sujeito deve ser pensado no sentido político, analisando-o como indivíduo submetido à vontade do soberano. Isso

²²³ Ricardo Salles, *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, 1990.

²²⁴ Paul Veyne. “O indivíduo atingido no coração pelo poder público”, 1998 – p. 10.

significa dizer que apesar da sua condição de subjugado à vontade de um senhor, o sujeito pensa algo a respeito de sua obediência e do seu amo.²²⁵ Um sujeito não é um animal no rebanho, mas um “ser que dá valor à imagem que tem de si mesmo”²²⁶. Para Veyne, o que ele chama de preocupação com a imagem pode levar o sujeito à desobediência, à revolta ou à obedecer ainda mais, ainda segundo ele, a última hipótese é o que costuma ocorrer com mais frequência. Nesse sentido, é possível pensar que as constantes rebeliões e fugas promovidas pelos escravos aconteciam porque esses indivíduos eram atingidos pela escravidão na idéia que faziam de si mesmos²²⁷, ou seja, viam em si mesmos a possibilidade e a necessidade de serem livres. Já os momentos de obediência eram sinais de que o Estado estava vencendo no movimento de trabalhar a imagem dos negros como escravos, sem a possibilidade de buscar uma história diferente. De qualquer forma, “cada classe social arranja a sua própria subjectivação como pode, a partir das possibilidades de que dispõe.”²²⁸ Mesmo que o orgulho continue “a ser privilégio das classes que podem permitir-se tê-lo”²²⁹, existe sempre subjectivação.

Talvez a Guerra do Paraguai tenha sido um dos primeiros momentos em que foi possível aos negros fazer uma imagem positiva de si mesmos sem entrar em conflito com o Estado, uma das explicações para a possível adesão voluntária de muitos negros e não apenas por coação. Eles ganharam um uniforme, uma arma, a carta de alforria e foram chamados a “defender a pátria”, que até aquele momento nunca os havia tratado como sujeitos. Além disso, os soldados eram considerados

²²⁵ *Idem.*

²²⁶ Paul Veyne. “O indivíduo atingido no coração pelo poder público”, 1998 – p. 10.

²²⁷ *Idem.*

²²⁸ *Idem* – p. 13.

todos voluntários da pátria, se igualando ao status do próprio imperador, auto-intitulado de o primeiro voluntário. Para Ricardo Salles²³⁰, de alguma forma o Estado se viu obrigado a conceder aos negros alguns direitos de cidadania para poder contar com eles como seus defensores. Ainda assim, eles se encontraram em posições subalternas, sem dúvida, mas isso não contradiz a idéia de sujeito para Veyne. Para o autor, de um modo geral a concepção de autoridade difundida entre os grupos despossuídos de poder político, social ou econômico, como no caso dos negros escravos, não está ligada à idéia de obedecer ao semelhante, mas de estar sob o comando de alguém da classe superior a sua socialmente. “O humilde orgulho do plebeu exige a desigualdade, a dissimetria”²³¹ porque um plebeu não universaliza os seus valores. Da subjetivação resulta: a relação do cidadão com o Estado não é de pura opressão.²³² Para obedecer, as pessoas realizam um acordo íntimo com o seu próprio eu.²³³ Mesmo com a guerra acontecendo e os negros no fronte, a maneira como eram representados nos jornais na maior parte das vezes não demonstrava qualquer movimento que apontasse para uma reflexão sobre si mesmos. Nesse sentido, é possível dizer que o sujeito que aparece nesses textos é outro. É aquele que precisa libertar, não libertar-se. Na maior parte dos artigos, nem percebe no escravo a possibilidade que ele tem de falar de si mesmo, ainda que seja na condição de subjugado.

²²⁹ *Idem.*

²³⁰ Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, 1990.

²³¹ Paul Veyne. “O indivíduo atingido no coração pelo poder público”, 1998 – p. 14.

²³² *Idem* – p. 21.

²³³ *Idem.*

Em muitos desses textos, a morte aparece como a única possibilidade de libertação para os negros escravos, mesmo para os que vão para a guerra em troca da alforria. A morte aparece como a derradeira alforria.²³⁴

Sem querer fazer uma viagem despropositada aos dias atuais, apenas seria interessante acrescentar que ainda hoje, mais de cem anos depois do fim da instituição da escravidão, essa idéia de que apenas a morte seria solução possível aos escravos está presente no imaginário popular. Essa reflexão diz respeito, por exemplo, aos cânticos entoados nos terreiros de umbanda nos momentos em que se dão as incorporações dos pretos-velhos, entidades identificadas com espíritos de negros escravos que viveram no Brasil. Um dos pontos especificamente trata dessa questão e diz assim:

“Ô sinhá, sinhá
Segura o chicote, não deixa bater
Reza uma prece pra negro morrer
Negro não quer mais sofrer”²³⁵

Se, enquanto protagonistas das histórias narradas, dificilmente os negros ascendem à condição de sujeitos de sua própria libertação, também é muito difícil encontrar textos onde os próprios negros sejam os sujeitos narradores, que falem de si mesmos e da sua condição. Desse modo, a investigação sobre de que maneira os

²³⁴ Veja-se, por exemplo, alguns poemas publicados no jornal pelotense *A voz do escravo*, analisados por Zilá Bernd e Margaret M. Bakos. Nesses poemas, assinados por Fernando Osósio, a única saída encontrada pelo escravo está em chamar por Deus e, mais do que isso, enxergar na morte a maneira de lhe trazer “consolação”. A morte é tão esperada, e não buscada por ele mesmo, quanto qualquer outra forma imaginada de libertação. Zilá Bernd e Margaret M. Bakos, *O negro: consciência e trabalho*, 1998.

²³⁵ As representações dos negros escravos nos cânticos (pontos) de umbanda é um assunto que necessita de uma análise mais aprofundada e ampla. Existem outros pontos que tratam, por exemplo, dos cativos que fugiam, do preconceito racial, dos negros feiticeiros.

negros aparecem em representações da Guerra do Paraguai passa por quem tinha de alguma forma a possibilidade da palavra escrita. Mesmo que os textos variem de autores clássicos em se tratando dessa guerra, como Taunay e Rebouças, até textos que tradicionalmente são menos autorizados como artigos anônimos de jornais da época e mais adiante cordéis apócrifos. Alguns negros letrados montaram um jornal, em Porto Alegre, chamado *O Exemplo* e uma de suas bandeiras era a luta pela alfabetização dos negros como forma de combater o preconceito racial e chegar à igualdade.

A menção a esse outro periódico serve para mostrar como o desejo de representar a si próprios e de fazer aumentar a quantidade de negros que pudessem falar de si mesmos, neste caso através da educação formal, aparece entre os textos escritos por negros. Era uma carência da época, sentida até hoje quando se deseja estudar sobre os negros, a possibilidade que eles tinham de falar a respeito deles próprios. Não significa dizer que os negros não buscassem e criassem formas de expressão e de falar das suas próprias experiências. As religiões afro-brasileiras, por exemplo, fazem eco às vozes dos negros do período escravocrata. Mas nos textos escritos, nos jornais e outros veículos formais, os negros que aparecem em geral não ocupam o lugar de sujeitos.

Além disso, em diversos momentos os negros chegavam a ser vistos como culpados pelo baixo desempenho do exército, formado efetivamente como exército nacional apenas a partir daquele momento, deficiente nos combates e muitas vezes inferior em eficiência em relação ao exército paraguaio, menor e com menos estrutura logística. Essa acusação era feita pelo próprio Caxias em suas anotações e cartas escritas ao longo da guerra, citadas por Salles. Caxias escreve, por exemplo, uma

carta confidencial ao ministro dos Negócios da Guerra, no dia 13 de dezembro de 1868, decidido a contar outra versão de uma das batalhas ocorridas entre os exércitos paraguaio e aliado.

Na primeira carta enviada ao ministro, o comandante das forças brasileiras teria tratado de narrar uma “versão oficial” da batalha, prevendo que seu relatório pudesse ser publicado. Essa versão inicial contava da valentia dos soldados, enquanto que na segunda versão, agora escrita em tom confidencial, Caxias afirma que presenciou “muitos atos vergonhosos, e que depõem contra o Exército”²³⁶, sem sequer citá-los. Mais do que isso, para Caxias, qualquer comportamento considerado vergonhoso ou covarde no interior do exército era devido entre outros motivos à presença de negros entre os soldados. Ele é direto em sua interpretação:

“Ou seja porque a introdução do elemento servil nas suas fileiras esteja produzindo já seus maléficos resultados por meio dos exemplos imorais, e de todo contrários à disciplina, e subordinação dados constantemente por homens, que não compreendem o que é pátria, sociedade e família, e que se consideram ainda escravos, que apenas mudaram de senhor”²³⁷.

Salles afirma que o exército incrementou, por diferentes métodos, o ingresso de pessoas das classes baixa e média, certamente para aumentar o seu efetivo de guerra. Isso fez com que o exército mostrasse internamente as diferenças e contradições da sociedade escravocrata. A presença de classes baixas no exército²³⁸ não significou que a instituição tenha passado a defender suas causas, mas, segundo o

²³⁶ Trecho da carta de Caxias ao ministro dos Negócios da Guerra *apud* Ricardo Salles. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania no formação do exército*, 1990 – p. 135.

²³⁷ *Idem*.

²³⁸ Beattie defende a idéia de que desde 1850 o serviço militar no Brasil já era identificado com a marginalidade e o cativo. Cf. Peter Beattie, “Códigos ‘penis’ antagônicos. La masculinidad moderna y la sodomía en la milícia brasileña, 1860-1917”, 1998, p.116.

autor, as contradições sociais passaram a aparecer dentro do próprio exército. Assim como o preconceito contra os negros, que já não eram mais escravos. Terminada a guerra, o exército incorporou as reivindicações da classe média e de alguma forma as colocou como ideais nacionais. Quanto aos negros ex-escravos, Salles diz que a alforria durante a guerra contribuiu para que o movimento abolicionista que veio depois reivindicasse não apenas a liberdade, mas outros direitos aos negros. A partir de 1870, a escravidão volta a público e traz a possibilidade de virar uma questão nacional.

As mulheres na guerra

Em um extenso artigo publicado no *Democracia* de 20 de junho de 1868²³⁹, é discutida a presença de índias guarani no exército paraguaio. Mesmo não fazendo parte do exército brasileiro, a presença de mulheres na guerra aparece nos diferentes textos aqui analisados.

O artigo mencionado trata da presença de mulheres no exército paraguaio e como, na opinião do autor, se deve justificar que o exército brasileiro continue, apesar disso, lutando contra o inimigo com a mesma intensidade de antes. Afinal, “os canhões Lahitte, as balas cónicas e as bayonetas, espadas que ellas dirigem contra nós, não tem sexo”, escreve o autor, que utiliza o pseudônimo de “democrata”.

“Nós, homens livre, decahiremos, no exemplo do sacrificio e da abnegação, em confronto de uma população de escravos guarany?”²⁴⁰ Em nenhum momento do texto o autor reflete sobre o fato de que o Brasil, e não o Paraguai, tem consolidada na

²³⁹ O artigo é transcrito no Anexo 5.

²⁴⁰ Trecho do texto do jornal *Democracia*, de 20 de junho de 1868, São Paulo.

sua base social e econômica a instituição da escravidão. Não que ele seja favorável à servidão, pelo contrário. Uma das passagens faz menção a uma suposta ligação entre López e a escravatura brasileira desde dez anos antes da guerra que resultaria na invasão do Mato Grosso, de Goiás, do Rio Grande do Sul, da província de Corrientes, na Argentina, e do Uruguai. Mas durante todo o texto, na tentativa de deslegitimar a autoridade de Solano López e a presença voluntária dos soldados paraguaios na guerra, o autor afirma que os escravos são os paraguaios e as paraguaias. “Quem pode ler no coração fechado de escravos oprimidos por um bárbaro senhor com um açoite n’ua mão, e cutelo n’outra e montões de machos de ferro e de grilhões a seu lado?”²⁴¹ Quanto à liderança de López, o autor não acredita que seja legítima na medida em que os paraguaios nunca teriam tido a liberdade de escolher um chefe ou uma forma de governo. O ideal republicano do jornal fica eclipsado por essa defesa da intervenção brasileira no Paraguai. A não ser que a intenção seja mostrar aos leitores o Brasil por espelhamento. Afinal, os brasileiros não puderam escolher outra forma de governo até o momento senão a monarquia, não elegeram seu chefe e vivem sob um regime de base escravocrata.

Em oposição à escravidão a que se encontrariam submetidos os paraguaios, o Brasil aparece como um ícone da autonomia e da liberdade. “Ou Lopez hade desaparecer do Continente americano ou o Brasil hade ser riscado do rol das nações livres e independentes”²⁴². O autor justifica a continuação da guerra apontando a ambição de López como o motivo principal para a explosão do conflito. “A destruição do seu paiz é sua obra”²⁴³. Desistir da guerra antes de depor López, a quem em

²⁴¹ Trecho do texto do jornal *Democracia*, de 20 de junho de 1868, São Paulo.

²⁴² *Idem*.

²⁴³ *Idem*.

diversas passagens o autor se refere como “bárbaro”, “tyrano”, e de derrotar seu exército seria um ato de covardia. “Devemos a nossos filhos exemplos de heroísmo e não páginas de vergonha ou de fraqueza que os façam corar”²⁴⁴.

Além de derrotar López, era importante tomar atitudes que pudessem prevenir uma nova ofensiva paraguaia no futuro. Para garantir a submissão do Paraguai, o autor sugere a divisão do país em “municípios ou repúblicas independentes e confederadas”. Essa medida aparece como uma forma de evitar que se instaurasse novamente um poder central. Para o “democrata”, um povo não faz uma guerra de agressão porque é ele mesmo quem sofre as conseqüências, mas isso sempre pode acontecer quando o poder estiver nas mãos de um ditador. A medida de alguma forma enfraquece o Paraguai e abre espaço para o que aconteceria no final da guerra, a distribuição de boa parte do território paraguaio entre os países da Tríplice Aliança. Apesar disso, o autor procura deixar um alerta a todos os países da América do Sul e não apenas ao Paraguai para mostrar que a supremacia da região pertence ao Brasil. “É preciso também que as repúblicas nossas vizinhas saibam, que se a nação brasileira é pacífica, sabe fazer a guerra quando é preciso, e que tem bastante perseverança para vencer.”²⁴⁵ Antes de fazer a República no Brasil parece que era necessário salvaguardar a monarquia, para que o Brasil continuasse sendo uma potência regional possível de mudar de regime de governo.

De qualquer modo, é importante sobretudo destacar que, após o autor já ter falado que os paraguaios eram escravos, que Lopes era ambicioso e que o Brasil era um país livre, se inicia uma discussão incomum no que diz respeito a um período em

²⁴⁴ *Idem*.

²⁴⁵ Trecho do texto do jornal *Democracia*, de 20 de junho de 1868, São Paulo.

que os estados nacionais estão se consolidando e o governante centralizava o poder. O autor passa a defender que “a independência e a soberania d’um povo não está na cabeça de nenhum mortal; mas se estão, é porque o povo é escravo: o estado é aquela cabeça, o povo será livre e independente quando aquella cabeça for decepada ou banida.”²⁴⁶ Ao longo de várias linhas o autor discorre contra existência de governantes, usando sempre como exemplo, é claro, o Paraguai e nunca sequer menciona o Brasil, que também possui um poder central na figura do imperador.

Esse artigo inverte o quadro apresentado em outros textos do jornal, de denúncia da escravidão e da monarquia no Brasil. Contrapõe à “escravidão” do povo paraguaio a “liberdade” do povo brasileiro. A lógica de apoio do jornal aos aliados na guerra, e de apoio à própria guerra, sobrepõe-se à sua defesa da luta republicana e abolicionista

Mas no último parágrafo do artigo, o “democrata” faz uma sugestão que é bastante genérica e não inclui apenas o Paraguai: “O que Lopez faz, qual o chefe que não o possa fazer? E as nações ainda toleram chefes? (...) E como podem ellas contra os seus, que dispoem de exércitos? Derribando-os por um esforço supremo, e impedindo que jamais se erga outro?”²⁴⁷ É possível que essa defesa, já apresentada em suas “teses” como uma das propostas possíveis de serem discutidas pelo jornal, esteja ligada a um apoio não apenas à instauração da república como também seja uma defesa pela democracia representativa e pela eleição direta dos governantes, apenas esses com legitimidade para representar o povo.

Em relação a uma presumida participação de mulheres paraguaias no exército inimigo, o artigo defende que, enquanto ainda há guerra, os soldados brasileiros não

²⁴⁶ Trecho do texto do jornal *Democracia*, de 20 de junho de 1868, São Paulo.

²⁴⁷ *Idem*.

deveriam se importar se atrás das trincheiras inimigas estivessem mulheres paraguaias. “Mulher que esquece o sexo, o faz esquecer também aos homens”²⁴⁸. Para o autor, a eminência da guerra faz com que, no momento do combate, se esqueçam as diferenças de gênero. Mas as justificativas utilizadas no texto para propor às mulheres a deposição das armas passam por diversos argumentos que colocam homens e mulheres em papéis bastante diferentes e definidos. “As armas das mulheres são as lágrimas. Quando as paraguayas agredirem com ellas, nos acharão generosos e cavalheiros”²⁴⁹. Não seria vergonhoso às mulheres depor armas, na medida em que o lugar ocupado por elas é o da passividade das lágrimas, enquanto que os soldados homens teriam sua virilidade contestada. “Não é desdouro às mulheres serem vencidas por homens; mas seria mais vergonha, soldados entregarem suas armas ao mulherio”²⁵⁰. Para reforçar o seu argumento de gênero, o autor ainda acrescenta o fato de que o exército brasileiro ocupava o papel de libertador, dos próprios brasileiros e dos paraguaios. Mas a questão principal é justificar que os homens possam levantar armas contras as mulheres. “Se a guerra fosse de amor, nada diríamos”²⁵¹.

Ainda falando de mulheres, mas agora retornando aos dois textos discutidos no capítulo 2 (*A retirada da Laguna e Diário: a guerra do Paraguai*), é interessante analisar de que maneira as mulheres estavam inseridas no espetáculo da guerra e como foram retratadas por Taunay e Rebouças. Analisar a presença ou a ausência das mulheres, assim como a dos negros, nos relatos e nas reflexões sobre a Guerra do Paraguai também é uma forma de ao menos tocar nos alicerces da história oficial.

²⁴⁸ Trecho do texto do jornal *Democracia*, de 20 de junho de 1868, São Paulo.

²⁴⁹ *Idem*.

²⁵⁰ *Idem*.

²⁵¹ *Idem*.

Ambos os autores comentam a presença de mulheres no conflito, sempre acompanhando seus maridos ou amantes.

Em Rebouças e Taunay é possível detectar um tom de deboche em relação à presença feminina nas expedições e uma referência às mulheres como um peso ao exército. Em *Memórias*, Taunay afirma que elas em geral eram feias, quase repulsivas. Conta que “eram mais de duzentas dessas pobres coitadas que lá iam aos trambolhões pela imensa estrada afora, algumas carregadas de crianças, desgraçadas amásias ou legítimas esposas de soldados”.²⁵² Rebouças chega a chamar de cômico o desembarque dessa “pobre boemia feminina”.²⁵³ Relata que as mulheres levavam algumas caturritas (periquitos) sobre os ombros e utensílios de cozinha sobre a cabeça. A partir desse comentário, sempre que o autor se refere ao transporte de mulheres nos navios dos aliados, coloca-as junto ao transporte de objetos e de animais. “O Presidente (vapor) fez a sua segunda viagem ao meio dia com cavallos, mulheres e a interminável bagagem da cavalleria”.²⁵⁴

Uma pergunta que permanece sem resposta depois da leitura de todos esses textos é sobre quem eram essas mulheres que participaram da guerra, acompanhando o exército e muitas vezes participando da luta. Se as referências em relação ao lado paraguaio falam de mulheres guarani participando do exército, em relação ao lado brasileiro, elas são descritas como meras acompanhantes dos soldados ou simplesmente agregadas às tropas.

As mulheres que têm algum destaque no conflito são as que acabam fazendo papel de enfermeiras, que muitas vezes se ofereciam como voluntárias para

²⁵² Cf. Taunay, 1960 [1949] *apud* Sérgio Medeiros, 1997.

²⁵³ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 125.

acompanhar seus filhos ou companheiros. Elas não formavam nenhum agrupamento como no caso das enfermeiras voluntárias da Segunda Guerra Mundial, por isso, não era esperado nenhuma participação delas. Mas, mesmo sem ter um papel determinado a desempenhar na guerra, Taunay critica aquelas que no momento da batalha fogem dos conflitos e não socorrem os feridos. Taunay conta a atuação da preta Ana, mulher de um voluntário, durante uma batalha. “Colocada durante o combate no meio do quadrado do 17º batalhão, havia cuidado de todos os feridos levados para lá, tirando ou rasgando das próprias vestes o que faltava para os curativos e as ataduras; conduta tanto mais surpreendente e louvável quanto foi desprezível a das outras mulheres; quase todas permaneceram escondidas debaixo das carroças, onde disputavam um lugar com horrível tumulto”.²⁵⁵ Rebouças também menciona uma outra enfermeira voluntária Anna Justina Ferreira Nery, quando cita o nome de seu filho, o 2º Cadete e paioleiro do Batalhão da esquerda, Pedro Antonio Nery Bahia, em seu relatório da expedição ao chefe dos engenheiros. O filho da enfermeira foi ferido em combate e apresentado como herói por Rebouças junto com outros mortos e feridos naquele dia.²⁵⁶

Em nota na publicação do *Diário* de Rebouças, Maria Odila apresenta um autor que comentou a presença e o heroísmo de mulheres na guerra. José Rodrigues fala de atuações heróicas de algumas mulheres em *Recordações da Campanha do Paraguai*:

“Ao ribombar do canhão, nos pontos mais perigosos das linhas de combate, elas surgiam a galope, quais amazonas, acudindo a feridos e

²⁵⁴ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 126.

²⁵⁵ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 148.

²⁵⁶ Rebouças. *Diário*, 1973 [1866] – p. 93.

correndo aos hospitais de sangue. Dilaceravam as roupas em ataduras e lá permaneciam até o fim da regrega, atendendo a todos com solicitude carinhosa. Retribuíam com generosidade espontânea o favor da meia ração²⁵⁷ que recebiam...”²⁵⁸

Em um momento Taunay também descreve o ato de heroísmo de uma mulher, mesmo que tenha sido praticamente atribuído ao seu instinto materno.

O autor destaca uma entre as setenta e uma mulheres que ainda acompanhavam o exército durante a retirada. Ela era considerada heroína entre os soldados por ter livrado o filho de ser morto por um paraguaio. “Obstinando-se um paraguaio em arrancar-lhe o filho, apanhou de um salto um sabre abandonado no chão e matou o agressor”.²⁵⁹ Taunay também descreve a situação de todo o grupo das mulheres que restaram na coluna. “Traziam todas no rosto, os estigmas do sofrimento e da miséria extrema. Algumas vinham ainda carregadas de objetos provenientes do saque, como mantas, ponchos, pesados sabres paraguaios, baionetas e revólveres”.²⁶⁰ Mas, quase no final de *A retirada da Laguna*, Taunay revela que considerava as mulheres frágeis por natureza. “Neste mesmo dia 28 morreram algumas mulheres, mais desamparadas ainda do que os outros doentes, mais desprovidas de qualquer auxílio e, por sua fraqueza natural, mais marcadas pelo selo da derradeira miséria”.²⁶¹

²⁵⁷ É importante apenas colocar que essa “meia ração” a qual as mulheres tinham direito era medida em relação a uma “ração inteira” recebida pelos homens da expedição.

²⁵⁸ Cf. José Luiz Rodrigues, s.d. *apud* Maria Odila da Silva Dias, 1973.

²⁵⁹ Taunay. *A retirada da Laguna*, 1997 [1871] – p. 186.

²⁶⁰ *Idem* – p. 186-187.

²⁶¹ *Idem* – p. 224.

Cordéis anônimos

Se os artigos e os sonetos do jornal *Democracia* são todos assinados com pseudônimos, mantendo desconhecida a autoria, no caso dos três cordéis²⁶² que serão analisados a seguir, prevalece o anonimato. São textos escritos numa espécie de “língua crioula”, mistura de português com idiomas falados pelos negros africanos que vieram para o Brasil, e que comentam em muitos momentos questões que envolvem a Guerra do Paraguai. Os cordéis foram encontrados pela professora Alai Garcia Diniz quando pesquisava material para a sua tese de doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo e tratam todos eles de um diálogo entre dois negros Pai José e Pai Manoel. A indicação de que são negros se dá em virtude justamente da evidência de um “português criouliizado: com a troca de gêneros, economia da flexão de número”²⁶³, apesar de, segunda ela, obedecer formalmente ao modelo europeu.

É importante lembrar que o objetivo não é fazer uma análise lingüística dos textos, mas buscar momentos em que seja possível discutir a presença dos negros no discurso, como sujeito ou objeto dessa fala, e em especial a relação entre os negros e a Guerra do Paraguai²⁶⁴. Nos três cordéis, todos escritos nesse “português criouliizado”,

²⁶² Esses textos estão no livro *Conversação: cordel e cultura afro-brasileira*, organizado pelos professores Alai Garcia Diniz e Gilvan Müller de Oliveira em 1999. Ver transcrição no anexo 6.

²⁶³ Alai Garcia Diniz. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguaiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, 1999 – pp. 16-17.

²⁶⁴ Antes de mais nada é importante trazer ao texto mais uma vez as análises de Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*, 1987. Ginzburg faz críticas a dois modos de analisar os textos de cordéis. O primeiro deles é de autoria Robert Mandrou, que estudou os cordéis na década de 1960. Ginzburg critica Mandrou por ler os cordéis como uma forma de impor a cultura das elites às classes populares: “Essa literatura, por ele definida como ‘evasão’ teria alimentado por séculos uma visão de mundo banhado por fatalismo e determinismo, de maravilhoso e misterioso, impedindo que seus leitores tomassem consciência da própria condição social.” – p. 18. Ginzburg também critica Geneviève Bollème que caminha na direção oposta mas, segundo o autor, comete o mesmo equívoco. Bollème ao invés de perceber no cordel o ‘instrumento de uma aculturação vitoriosa’, vê neles ‘a expressão

o que poderia ser uma possibilidade de expressão das dificuldades ou dos costumes dos negros, que ainda eram escravos na data provável de elaboração dos textos²⁶⁵, se mantém um discurso voltado à defesa da oligarquia rural e da monarquia, especialmente em relação à figura do imperador. A contraposição entre “civilização” e “barbárie” volta à discussão também no texto do cordel. Alai Diniz também aponta para esse insistente discurso dos brasileiros como os “civilizados” que iriam a Assunção lutar contra os “bárbaros” paraguaios. “Ocupando um papel da crônica histórica oral, o cordel destaca a figura de D. Pedro II como protótipo de uma postura “civilizada” para contrastar com os inimigos – ‘os bárbaros’.”²⁶⁶ O imperador é com certeza quem recebe mais elogios e reverência de ambas as personagens, em especial de Pai José. A defesa da “nação”, da “civilização” e do “imperador” são parte do discurso da personagem.

“Ah Manoé, que coração,
Que ten nosso Imperadô.
Perdôa zêza quem fô
Que offende êre, e Nação.

espontânea de uma cultura popular original e autônoma’ – p. 19. “Às classes subalternas das sociedades pré-industriais é atribuída ora uma passiva adequação aos subprodutos culturais distribuídos com generosidade pelas classes dominantes (Mandrou), ora uma tácita proposta de valores, ao menos em parte autônomos em relação à cultura dessas classes (Bollème)” – p. 24. Ginzburg defende a utilização do termo “circularidade”, proposto anteriormente por Mikhail Bakhtin: “É bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura das classes dominantes.” – p. 24.

²⁶⁵ Conforme reflexão da professora Alai Diniz, os textos parecem ter sido escritos por volta de 1865. Essa análise toma como base os fatos históricos mencionados pelas personagens e o fato do textos serem classificados como *folhetos de acontecido*, o que implica uma numa proximidade temporal com o fato narrado.

²⁶⁶ Alai Garcia Diniz. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguaiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, 1999 – p. 18.

Esse que é sivilização;”²⁶⁷

Os elogios ao imperador se mantêm mesmo quando Pai Manoel questiona os políticos que só se interessam em representar a nação em época de eleições: “Turo qué sê Deputáro”. A mesma crítica inclui D. Pedro II que estaria no sul, na Guerra do Paraguai, se deliciando com churrasco.

“Móra turo inpalacête
Saboreando bon suruvête
Cóme presunto e pirú
Imperadô la no sú
Ten surrasco pro banquête”²⁶⁸

De qualquer modo, o apoio parece ser mais ao imperador do que ao sistema de governo que ele representa, por mais contraditório que possa parecer, já que não existe imperador sem monarquia. Pai José faz elogios aos norte-americanos que, segundo ele, trazem indústria e dinheiro, especialmente pelo fato de serem republicanos, por consequência “civilizados”.

“Agora tem Maricâno,
Qui qué taberecê aqui
Pra povoá Brazi
Verêmo o que fazi os mâno.
Zêre son republicano

²⁶⁷ Trecho do cordel “Conversação de Pai Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da rendição de Uruguayana” in *Conversação*, 1999 – p. 45.

²⁶⁸ Trecho do cordel “Conversação de Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da victoria de Ihaty, no Passo dos Livres, pelo exército aliado” in *Conversação*, 1999 – p. 38.

Son zente civirisádo.”²⁶⁹

A questão do apoio ao monarca e não à monarquia parece se esclarecer um pouco em outro comentário. Pai José acredita que se dependesse do imperador o Brasil iria muito bem, mas os que estão à sua volta não ajudam e nem são “zente capázi”.

“Que Rey bom nosso ten

Dêzu dá vida e saúre

Si êre tinha quem ajure

Brazi ia munto ben.”²⁷⁰

Pai José não perde a crença no governante e ainda seu apoio à oligarquia rural defendendo os fazendeiros, mesmo que essa defesa seja baseada na doação de escravos para lutar na guerra.

“Si nô fosse os Fazendêro

Que deu vorntáro e muráto

Brazil sitáva no máto

Zá no tava mássi intêro

Imparadô que é primeiro

Drumindo no Carretia

(...)

Ere ton má commodado

Zêre vivo hum maravia.”²⁷¹

²⁶⁹ Trecho do cordel “Conversação de Pai Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da rendição de Uruguayana” in *Conversação*, 1999 – p. 47.

Os dois negros são as personagens principais, mas não é possível dizer que os autores do texto sejam negros, na medida em que um negro letrado acabaria por representar o mundo, seja ele qual for, em português, visto que a cultura letrada no Brasil daquele período e até hoje passa pelo uso do idioma oficial construído como hegemônico. Um negro não letrado não poderia dispor de todo o arsenal de temas do quais tratam os cordéis, que além disso faz jogos de palavras utilizando também inglês e francês.

“Tem mui belles móletines,

Excelentes creolines;

Ten sucre, multe coffi;

(...)

Ontem star com Willian,

No hetél tinha de lunche,

Tinha trez pipes de punche,

E otras trez de Porwin.

Willian star entlemen

Elle me dá segurance

Que tude êste contradance

Fique de tуди acabada,

Se Brazil quer faz tratada

²⁷⁰ *Idem* – p. 46.

²⁷¹ Trecho do cordel “Conversação de Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da victoria de Ihaty, no Passo dos Livres, pelo exército aliado” in *Conversação*, 1999 – p. 38.

De commerce e alliance.”²⁷²

As únicas presenças dos negros no texto são as personagens que discutem as questões, os “voluntários da pátria” que são citados como doação dos fazendeiros e a fala crioula. A impressão é que o modo de falar e as personagens negros estão ali para justificar o silêncio a respeito da escravidão e do movimento abolicionista. Os negros do cordel avalizam o sistema, como se a escravidão fosse uma questão secundária diante das grandes questões que movem a nação como a guerra, o dinheiro estrangeiro, as indústrias – movidas por sua vez pela mão-de-obra escrava.

Os voluntários do texto são com certeza negros porque aparecem sempre como doações dos fazendeiros que, com essa ação, contribuem para a vitória aliada. Mas não se fala a esse respeito, mesmo que as personagens principais sejam negros. O cordel cala a respeito dos voluntários “recrutados à força ou obrigados a adotar a guerra como saída para o regime escravocrata”²⁷³. Nesse sentido, como conclui Alai Diniz, o cordel não trata da escravidão. A escravidão deve ser buscada então onde não é tratada. Esse texto construído sobre o diálogo de dois negros, que falam em uma espécie de dialeto criado a partir de uma mistura do português com alguma das línguas faladas pelos africanos, discutem a guerra, o país, o imperador, mas não falam uma vez a palavra escravo, talvez diga tanto a respeito da escravidão quanto um panfleto contra ou a favor da abolição.

O escravo não era visto como sujeito naquele momento histórico, mesmo que sendo destacado como personagem de um texto. Além disso, é preciso escolher um

²⁷² Trecho do cordel “Conversação de Pai Manoel com Pai José e um inglez, na estação de Cascadura sobre a questão Anglo-brasileira”, 1999.

²⁷³ Alai Garcia Diniz. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, 1999 – p. 19.

caminho: o apoio às oligarquias rurais donas dos escravos ou falar dos negros como sujeitos subjugados por um regime escravocrata. “Este produto híbrido, aparentemente autêntico como expressão popular, na verdade se põe a serviço da oligarquia em elogios reiterados aos latifundiários enquanto silencia as vozes abolicionistas, fragilizadas por esta parcela conservadora.”²⁷⁴

“Sabe que mazi meus cáro,
Iô qué sê o primeiro
Que saúra os Fazendêro
Que deu tanto voruntáro.
Viva túros que ajudáro
A dezanfrontá o Nação”²⁷⁵.

De qualquer modo, o sujeito sempre emerge dos lugares mais inesperados quando um crítico em alguma circunstância se debruça sobre um momento histórico com um olhar que deseja enxergar além da superfície do texto. Alai Diniz é coerente quando diz que “os sujeitos desaparecem ao longo da história sob as instituições educacionais, sob os jornais e outros meios de comunicação que constituem armas de exclusão da diferença e de apropriação de identidade”²⁷⁶. Talvez através da utilização desses e de outros mecanismos o Brasil não tenha sinal, a não ser por esses cordéis e outros poucos textos, da diversidade das “línguas crioulas” que podem ter sido inventadas ao longo da história brasileira. O professor Gilvan Müller de Oliveira, um dos organizadores da publicações dos cordéis, inclusive questiona no artigo de

²⁷⁴ Alai Garcia Diniz. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, 1999 – p. 22.

²⁷⁵ Trecho do cordel “Conversação de Pai Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da rendição de Uruguiana” in *Conversação*, 1999 – p. 51.

²⁷⁶ Alai Garcia Diniz. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, 1999 – p. 22.

abertura do livro, o fato de o Brasil, o país no mundo que mais recebeu escravos africanos, não ter criado um “falar crioulo geral”.²⁷⁷

Uma questão que pode ser levantada para discutir essa constatação é que as línguas crioulas na África e na Ásia apareceram num contexto em que os portugueses foram até esses lugares no papel de conquistadores para alargar as suas fronteiras e difundir o seu modo de vida. O crioulo nesses lugares, inicialmente talvez possa ser considerado como uma espécie de “branqueamento”, onde foi necessário aos habitantes locais a incorporação e entrelaçamento do idioma da região com o português. Analisando esse contato do ponto de vista do conceito de hibridação²⁷⁸, essa mistura do português com um idioma africano não resulta em algo estéril ou maniqueísta. Mas Stuart Hall²⁷⁹ lembra que mesmo considerando que o resultado da hibridação entre culturas seja algo novo e frutífero, não pode-se esquecer que ela também é o resultado de um processo que envolve poder e o embate de forças na maior parte das vezes desiguais.

A criação de uma língua crioula no Brasil implicaria numa espécie de “crioulização” do português. Algo que, inclusive analisando esses cordéis, possivelmente aconteceu, mas não teve forças para vencer a construção de nação difundida fortemente no século 19, que define uma religião, uma língua e outros símbolos determinados como hegemônicos em detrimento de qualquer diversidade cultural ou étnica. Voltando à citação de Alai Diniz, os sujeitos desaparecem ao longo da história. Mas é possível utilizar os mesmos instrumentos como os jornais e outros

²⁷⁷ Gilvan Müller de Oliveira. “A linguagem dos cordéis: indícios de um linguajar crioulo brasileiro?” in *Conversações*, 1999 – p. 06.

²⁷⁸ Nestor G. Canclini, *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*, 1992.

²⁷⁹ Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2000.

meios de comunicação, às vezes lançando mão de artifícios como o anonimato, para garantir o mínimo de visibilidade a um discurso diferente do hegemônico ou que de alguma maneira conteste ordens vigentes. Em alguns momentos é o que acontece com o jornal *Democracia*, abolicionista e republicano numa época em que o Brasil era monarquista e escravocrata.

Conclusão

Talvez a parte mais difícil de uma dissertação seja determinar quais são as conclusões do trabalho. Mais importante do que concluir é então lançar impressões e questões tiradas das reflexões sobre determinadas narrativas da guerra. O que há em comum entre as quatro narrativas analisadas, o romance de Taunay, o diário de Rebouças, os textos do jornal *Democracia* e os cordéis? Em todos eles está presente a invisibilidade dos negros, que se deve entre outras questões a um espírito daquele tempo em que, além dos negros ainda viverem na condição de cativos, as teorias construídas em bases raciais ganhavam importância e eram cada vez mais discutidas e aceitas. Essas teorias, entre outros aspectos, condenavam a mistura de raças e pregavam o “branqueamento” da população como única saída para a construção de um projeto de nação. Esse “branqueamento” também chegou aos textos literários e a outros tipos de registro. Dos textos analisados, a única exceção em relação a invisibilidade é, em alguns momentos, o jornal *Democracia*, que trata efetivamente dos negros na guerra. Um dos exemplos é o artigo em que um pai escreve uma carta a seu filho alferes alertando para o fato de que ele jamais seria promovido no exército porque as honras da carreira militar eram oferecidas apenas aos filhos das famílias abastadas. Mas esse e os outros textos do jornal são assinados com pseudônimos, demonstrando que assinar discursos daquele teor não era comum naquele tempo.

Inspirado no livro de Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, Wander Miranda afirma que “as memórias têm esse caráter luminoso de resgate criador de uma experiência compartilhada em meio às trevas, de conjunção solidária da mão que desenha a letra miúda no papel amassado com outras mãos, inaptas ao trato da palavra

escrita que resguarda e transforma o vivido”²⁸⁰. Os textos auto-referenciais analisados neste trabalho, o diário de Rebouças e o romance de Taunay, poderiam contestar a história oficial da mesma forma como Wander percebe no discurso de Graciliano Ramos, mas não é isso o que acontece. São dos negros, especialmente dos escravos, as mãos inaptas à impressão da palavra e o lugar invisível apesar da presença deles na guerra. Ambos os autores não se solidarizam com os negros. Pelo contrário, contribuem, mesmo escrevendo relatos autobiográficos, para a construção da memória oficial que até hoje exclui os negros das representações da guerra. Apesar disso, uma outra leitura desses mesmos textos, que foi o que tentei fazer neste trabalho, possibilita que esses protagonistas invisíveis comecem a emergir.

É possível encerrar este trabalho resgatando o título da dissertação que fala em “guerra do outro” e no estreito laço entre morte e liberdade quanto à participação dos negros na guerra. Em diversos textos da época, a morte aparece para os negros como a única saída possível para a escravidão. Durante a Guerra do Paraguai, essa lógica se repete na medida em que, para ganhar a carta de alforria, os cativos tinham que enfrentar os campos de batalha e voltar vivos. Pensando na miséria que os esperava nos cortiços de cidades como o Rio de Janeiro, talvez a morte ainda fosse a última forma de liberdade possível para eles.

²⁸⁰ Wander Melo Miranda. *Corpos escritos*, 1992 – p. 17.

Bibliografia

Textos analisados:

- REBOUÇAS, André. *Diário – A Guerra do Paraguai (1866)*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.
- TAUNAY, Alfredo. *A Retirada da Laguna*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1997 [1871].
- TAUNAY, Alfredo. *Memórias*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Ed., 1960 [1949].
- Jornal *Democracia*, São Paulo, junho de 1868 (Museu de Comunicação José Hipólito da Costa)
- Cordéis “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguaiana”, “Conversação de Pai Manoel com Pai José e um inglês, na estação de Cascadura sobre a questão Anglo-brazileira”, “Conversação de Manoel com Pai José, na estação de Cascadura, por ocasião da vitória de Ihaty, no Passo dos Livres, pelo exercito aliado” in Alai Garcia Diniz e Gilvan Müller de Oliveira (orgs.), Florianópolis, Núcleo de Estudos Portugueses/CCE/UFSC, 1999.
- LENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no império” in Fernando A. Novais e Luiz Felipe Alencastro (orgs.), *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*, volume 2, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

Bibliografia citada:

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no império” in Fernando A. Novais e Luiz Felipe Alencastro (orgs.), *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*, volume 2, São Paulo, Cia. das Letras, 1999.
- BEATTIE, Peter. “Códigos ‘peniles’ antagônicos. La masculinidad moderna y la sodomia en la milícia brasileira 1860 – 1916” in Faniel Balderston e Donna Guy (orgs.), *Sexo y sexualidades en América Latina*, Barcelona, Paidós, 1998.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” [1935/1936] em *Obras Escolhidas: magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985
- BENJAMIN, Walter. “Crítica da Violência – Crítica do Poder” [1921] em Willi Bolle (org.), *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos escolhidos)*, São Paulo, Ed. Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1986
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História” [1940] em *Obras Escolhidas: magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985

- BENJAMIN, Walter. “Teorias do Fascismo Alemão” [1930] em Willi Bolle (org.), *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos escolhidos)*, São Paulo, Ed. Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1986
- BENJAMIN, Walter. *A Origem do Drama Barroco Alemão*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984 [1925].
- BERND, Zilá e BAKOS, Margaret M. *O negro: consciência e trabalho*, Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS, 1998 [1991].
- BETHELL, Leslie. “Cronologia da guerra” em Maria Eduarda Marques (org.), *A Guerra do Paraguai. 130 anos depois*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995
- BETHELL, Leslie. “Introdução. A Guerra do Paraguai: História e historiografia” em Maria Eduarda Marques (org.), *A Guerra do Paraguai. 130 anos depois*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995
- BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro” in *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Ed. Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. “Desafios de uma história polifônica”, *Folha de S. Paulo, Caderno Mais*, 15 de outubro de 2000.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas – estratégias para entrar y salir de la modernidad*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. “Literatura de dois gumes” em *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo, Ed. Ática, 1987
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*, vol. 2, Belo Horizonte, Ed. Atibaia, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. “A memória nacional em luta contra a história” em *Folha de S. Paulo*, de 12 de novembro de 2000, p. 18.
- DIAS, Maria Odila da Silva. “Introdução” em André Rebouças, *Diário da Guerra do Paraguai (1866)*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973, pp. 3 – 21.
- DINIZ, Alai Garcia e OLIVEIRA, Gilvan Müller (orgs.). *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, Florianópolis, Núcleo de Estudos Portugueses/CCE/UFSC, 1999.
- DINIZ, Alai Garcia. “Conversação de Pai Manoel com Pai José na Estação de Cascadura por ocasião da rendição de Uruguaiana” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, Florianópolis, Núcleo de Estudos Portugueses/CCE/UFSC, 1999.
- DINIZ, Alai Garcia. *Máquinas, corpos, cartas: imaginários da Guerra do Paraguai*, tese de doutorado em Literatura Espanhola e Hispano-americana, USP, São Paulo, 1997.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” in *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- HALL, Stuart. “Fundamentalismo, diáspora e hibridismo” in *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2000.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848 – 1875)*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997.

- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra. *Discurso histórico e narrativa literária*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998.
- LEVI, Giovanni, “Sobre a micro-história” in *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Ed. Unesp, 1991.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.), *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1995.
- MEDEIROS, Sérgio. “Introdução” em Alfredo Taunay, *A Retirada da Laguna*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1997, pp. 9 – 24.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*, São Paulo – Belo Horizonte, Edusp – Editora UFMG, 1992.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *A travessia da calunga grande: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637 – 1899)*, São Paulo, Edusp, 2000.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. “Historiadores analisam obra de André Rebouças e Luiz Gama” em *Jornal de Resenhas, Folha de São Paulo*, 14 de agosto de 1999, p. 7
- OESTERREICHER, Wulf, “Pragmática del discurso oral” in Walter Bruno e Markus Klaus Schäffauer (orgs.), *Oralidade y Argentinidad: estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina*, Tübingen, NARR, 1997.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. “A linguagem dos cordéis: indícios de um linguajar crioulo brasileiro?” in *Conversação: cordel da cultura afro-brasileira*, Florianópolis, Núcleo de Estudos Portugueses/CCE/UFSC, 1999.
- PERROT, Michelle. “Delinqüência e sistema penitenciário na França no século 19” in *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988 [1975].
- PERROT, Michelle. “O olhar do outro: os padrões franceses vistos pelos operários (1880 – 1914) in *Os excluídos da história*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988 [1980].
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Querido diário: agenda é mais moderno” in *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*, Florianópolis, Ed. Mulheres, 2000.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*, São Paulo, 2000.
- SHARPE, Jim. “A história vista de baixo” in Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Unesp, 1992.
- SILVA, Eduardo. “O Príncipe Obá, um voluntário da Pátria” in Maria Eduarda Castro Magalhães Marques (org.), *Guerra do Paraguai – 130 Anos Depois*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995, pp. 65 – 79.
- SILVA, Eduardo. *Dom Obá II D’África, o Príncipe do Povo. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*, São Paulo, Cia. das Letras, 1997.
- VERNANT, Jean-Pierre. “O Indivíduo na cidade” in *Indivíduo e Poder*, Lisboa, Edições 70, 1998.

VEYNE, Paul. “O indivíduo atingido no coração pelo poder público” in *Indivíduo e Poder*, Lisboa, Edições 70, 1998.

VILLA, Marco Antônio. “Rebouças enfrenta o Brasil” em *Folha de São Paulo*, s.d.

VIÑAO, Antonio. “Refugios del yo, refugios de otros” in *Refugios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*, Florianópolis, Ed. Mulheres, 2000.

Sites citados:

“Novamente nos Pampas: lutas contra os caudilhos platinos” in *Página oficial do Exército Brasileiro na Internet*, abril de 2000 – <http://www.exercito.org.br>

“Petersburg National Battlefield. African-Americans at Petersburg” in *War Times Journal* – <http://www.wtj.com/about2.htm>

ANEXOS – Jornal *Democracia*

Anexo1:

São Paulo, 18 de abril de 1868

Ano II – no. 20

Resposta ao fazendeiro do *Jornal do Commercio* de 29 de junho

EMANCIPAÇÃO DA ECRAVATURA

Soneto

Ao ver a tirania do senhor
Para com tristes seres, que innocentes
No galé suportam pacientes
A fome, a nudez e o dissabor;

Ao ver que dos [tratos](?) o melhor
É dar a comer aos pobres entes
Grãos faríneos, que, de carne ausentes,
Nem forças lhes dão ao crú labor;

Peço-te, oh Deus! Ampara o que na terra
Geme na escravidão – a bom gemer!...
Ampara o paiz que move a guerra

Contra quem com furor e sem temer
Quer vêr se [?] também nos ferra...
Para dar-nos também – grãos à comer.

Anexo 2:

São Paulo, 04 de julho de 1868

No. 31 – ano II

P. 04

UM AGENTE DA POLÍCIA IMPERIAL

Do “Alabama”, jornal que se publica na cidade da Bahia, transcrevemos a seguinte peça official, digna da admiração pública e da capacidade intelectual do seu autor:

“M.J. de B. Inspetor deste quartirão, que Deus guarde por Sua Majestade etc.etc.

“Faço saber aos que virem este presente, que ordens recebi e são estas;

1º. das oito horas da noite de hoje em diante, *ninguém* andará nas ruas sem bilhete de seu senhor.

2º. Toda pessoa que vir um ajuntamento *illicito*, em uma parte, não se meta nella, pena de prisão perpétua logo sem mais remissão e nem agravo.

3º. He prohibido andarem pretos *parados* pelas vendas.

4º. Ninguém poderá vender bebida, nem dar a quem já estiver ambriagado.

5º. O que for designado para a guerra não me faça andar atrás dele, como sucedeu com o filho de comadre Totonha, pois não tolero mais, que neste veridico assunto da guerra não tenho ligações com mulher nem homem, que assim me foi ordenado. Ficam revogadas as leis em contrário, e por isso fiz este que prego na porta de casa, para todos lerem.

Quartirão no. 4 da freguesia subdelegada da C., 8 de fevereiro de 1868.”

Anexo 3:

São Paulo, 13 junho de 1868

No. 28 – ano II

P. 04

O EXÉRCITO NA GUERRA

Soneto

Porque? Resignação contra a injustiça²⁸¹
Impõe-se ao bravo que despreza a vida
Em prol da pátria, que lhe é tão q'rida...
Quando se afaga a do lar molle preguiça?

Porque? Resignação a quem na liça
Tem por leito o lamal, sempre homicida,
Tem por cobuta e por fatal guarida
Nuvem de balas, horrida abatiça?!...

Heroe, difficil não crê – no que é humano!...
E se a pátria salvou, morte arrostando,
Não se resigna – se lhe causão damno:

Crê de Lopez feroz ser outro bando
Quem, injusto ao heroe, é lhe tyramno...
E eil-o do lar a traição por si vingando.

UM ALFERES.

²⁸¹ Obs. do editor: no modo de entender do alferes esta phrase significa a escravidão sob a pressão do sofrimento mudo.

Anexo 4:

São Paulo, 6 de junho de 1868

No. 27 – ano II

P. 04

CARTA

“De um pai a seu filho que está na Guerra do Paraguai, há anos como alferes do 51º.
Batalhão de Voluntários.

Filho! Nesse triênio
Em que tens vida estragado;
Ainda te restam forças,
Inda queres ser soldado?!...
Olha, que os grandes de terra
Tem seus meninos do peito,
Que sobem logo a majores
Com artimana e com jeito

Não cures ter promoção.
Dos grandes a própria lei,
É servir aos seus adeptos,
E olvidar os d’outra lei;

Distribuir postos aos seus,
Aos nhonhês fazer barão;
Ao passo que forte intimam
Plebeu – resignação!!...

FUTURO.”

Anexo 5:

São Paulo, 20 de junho de 1868

No. 29 – ano II

P. 03

AS GUERREIRAS GUARANYS E A INTERVENÇÃO ESTRANGEIRA

Lopez no meio do intrincheiramento em que está de cadáveres da sua população viril rodeia-se de uma nova trincheira viva da sua população feminina. Quando tiver sacrificado nesta luta bárbara e desapiedada a última de suas guaranys, fugirá como um cobarde.

É entusiasmo patriótico o furor desses desgraçados que combatendo morrem ao redor delle? É hallucinação?

É ordem do tyrano? É ambição de bem merecer delle? Quem pode ler no coração fechado de escravos opprimidos por um bárbaro senhor com um açoite n'ua mão, e cutello n'outra e montões de machos de ferro e de grilhões as seu lado?

Pode o mundo apiedar-se da sorte de uma nação que o ferro inimigo, a fome, os miasmas, as fadigas e as execuções militares de seu tyrano estão exterminando; mas para fazer cessar estes flagelos, não precisa que nação nenhuma intervenha.

Entregue Lopez o seu exército e se retire com a vida salva para outra parte do mundo que não o Continente Sul-americano, e o flagelo cessará no mesmo instante. A destruição do seu paiz é sua obra. Quem quizer que acabe, dirija-se a elle, mas aconselhar o Brasil a pedir uma intervenção estrangeira, ou aceitá-la em nome da humanidade, seria aconselhar uma cobardia, porque o Brasil soffre também, e está fazendo sacrificios.

O Brasil não fez a guerra ao Paraguay, faz a guerra a Lopez, o bárbaro, o ambicioso que nunca foi provocado, e que se preparou á conquista de Matto Grosso,

de Goyas, do Rio Grande, de Corrientes, e do Estado Oriental com o apoio do partido blanco e da escravatura brasileira, dez anos antes dos pretextos invocados para o rompimento das hostilidades.

Ou Lopez hade desaparecer do Continente americano ou o Brasil hade ser riscado do rol das nações livres e independentes.

Aquelle d'entre nós que levantar um gemido, que invocar a com miseração de quem quer que seja, que se olhe só na sua cobardia.

O Brasil passa por uma dessas grandes provações que temperam o caráter de uma nação: devemos a nossos filhos exemplos de heroísmo e não páginas de vergonha ou de fraqueza que os façam corar.

Nós, homens livres, decahiremos, no exemplo do sacrificio e da abnegação, em confronto de uma população de escravos guaranys?

Já alguém disse que privar uã nação do seu chefe, é um attentado à sua independência. E o que é a guerra se não uma série de attentados desses? Não há pois razão de se queixar, pois que é o direito da guerra. A nação francesa não reclamou quando por duas vezes os aliados em guerra com ella exilaram o seu Napoleão I. Nem as nações hespanhola e hollondeza se queixaram delles, quando sem mais, nem menos, mandou sentarem-se em seus irmãos.

Era uma imporsição do vencedor.

Mas dado que assim fosse, Lopez nunca foi o escolhido do povo paraguayo, porque desde séculos este povo nunca teve a liberdade de escolher um chefe ou uma forma de governo.

Depois, a independência e a soberania d'um povo não está na cabeça de nenhum mortal; mas se estão, é porque o povo é escravo: o estado é aquella cabeça, o povo será livre e independente quando aquella cabeça for decepada ou banida. Um povo livre tem a sua independência e soberania em si mesmo.

É preciso que o Paraguay seja dividido em municípios ou repúblicas independentes e confederadas, porque um povo não faz a guerra de aggressão, visto que é elle quem a paga; mas se o poder estiver, não na mão de um ditador, poderá tornar a acontecer o que já se deo. É preciso que as províncias de Matto Grosso, de

Goyas, do Rio Grande, e que o Rio Paraguay estejam ao abrigo de toda a agressão da parte do Paraguay; e nunca o serão enquanto um dictador poder arrojá sobre elle a nação paraguaya armada. É preciso também que as repúblicas nossas vizinhas saibam, que se a nação brasileira é pacífica, sabe fazer a guerra quando é preciso, e que tem bastante perseverança para vencer.

Lopez apresenta em campo um exército de mulheres, e já muita gente pergunta se nossos soldados tingirão suas espadas no sangue dellas.

Nós também perguntaremos, se consentiremos que ellas tinjam as suas no nosso.

Os canhões Lahitte, as balas cónicas e as bayonetas, espadas que ellas dirigem contra nós, não tem sexo: quando o tiverem, usaremos da galanteria de mandar parar nossos batalhões e fazer-lhes continência.

Mulher que esquece o sexo, o faz esquecer também aos homens.

As armas naturaes da mulher são as lágrimas. Quando as paraguayas aggredirem com ellas, nos acharão generosos e cavalheiros.

Também as mulheres goulezas combateram contra as legiões romanas, e as italianas contra as hordas de Attila; foram vencidas; mas nem goulezes nem hunnos foram acoimados de cobardes.

E goulezes e hunnos eram conquistadores; nós somos libertadores de nós mesmos e dos Paraguayos também, se quizerem ser livres.

Invocar medianeiros para poupar a vida das paraguayas, não pertence a nós. Depende dellas: deponham as armas. Não é desdouro mulheres serem vencidas por homens; mas seria mais vergonha, soldados entregarem suas armas ao mulhero.

Se a guerra fosse de amor, nada diríamos.

Esta guerra é uma grande lição para os povos. Um dictador joga a vida de uma nação inteira para ganhar um renome na história; isto é, para satisfazer uam vaidade estéril.

Qual o chefe de estado que não possa fazer outro tanto com o arbítrio que tem de declarar a guerra? Como a nação lh'o pode impedir? O exército é uma máquina que não pode dizer não quero, e com que o déspota submetterá que se oppzesse.

A maior parte das guerras não foram feitas pela ambição de um déspota?

Em que está pois a salvação de uma nação? Na mercê, na benignidade de seu chefe, não no seu direito. O que Lopez faz, qual o chefe que não o possa fazer? E as nações ainda toleram chefes? E como podem ellas contra os seus, que dispoem de exércitos?

Derribando-os por um esforço supremo, e impedindo que jamais se erga outro?

DEMOCRATA.